



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDOC
LINHA DE PESQUISA: PRÁTICAS EDUCATIVAS, CULTURA, DIVERSIDADE E
INCLUSÃO**

LUCIVANDA BRAGA LIMA

**SABERES E PRÁTICAS DO TRADUTOR INTÉRPRETE DE LIBRAS: LADRILHAR
CAMINHOS POR UMA EDUCAÇÃO BÁSICA INCLUSIVA**

MOSSORÓ/RN

AGOSTO\2023

LUCIVANDA BRAGA LIMA

**SABERES E PRÁTICAS DO TRADUTOR INTÉRPRETE DE LIBRAS: LADRILHAR
CAMINHOS POR UMA EDUCAÇÃO BÁSICA INCLUSIVA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Linha de Pesquisa: Práticas Educativas, Cultura, Diversidade e Inclusão como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.^a Ana Lúcia Oliveira Aguiar, PhD em Educação.

MOSSORÓ/RN

AGOSTO/2023

FICHA CATALOGRÁFICA

Catologação da Publicação na Fonte.

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

B813s Braga Lima, Lucivanda
SABERES E PRÁTICAS DO TRADUTOR
INTÉRPRETE DE LIBRAS: LADRILHAR
CAMINHOS POR UMA EDUCAÇÃO
BÁSICA INCLUSIVA. / Lucivanda Braga Lima.
Mossoró/RN, 2023. 126p.

Orientador(a): Profa. Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar.
Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-
Graduação em Educação). Universidade do Estado do Rio
Grande do Norte.

1. Saberes e práticas. 2. Tradutor- Intérprete de
Libras. 3. Educação inclusiva. I. Aguiar, Ana Lúcia
Oliveira. II. Universidade do Estado do Rio Grande do
Norte. III. Título.

SABERES E PRÁTICAS DO TRADUTOR INTÉRPRETE DE LIBRAS: LADRILHAR CAMINHOS POR UMA EDUCAÇÃO BÁSICA INCLUSIVA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – POSEDUC, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, na Linha de Pesquisa: Práticas Educativas, Cultura, Diversidade e Inclusão, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovada em: ____\2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Ana Lúcia Oliveira Aguiar, PhD em Educação - POSEDUC/FE/UERN
Orientadora

Prof. Dr. Emerson Augusto de Medeiros- POSENSINO/UFERSA
Examinador Externo

Prof.^a. Dr.^a Giovana Carla Cardoso Amorim- POSEDUC/FE/UERN
Examinadora Interna

Prof.^a. Dr.^a Lia Matos Brito de Albuquerque- UECE/ CED/PPGE
Examinadora Externa (Suplente)

Prof.^a. Dr.^a Normandia de Farias Mesquita Medeiros- POSEDUC/FE/UERN
Examinadora Interna (Suplente)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus, o maior orientador da minha vida. Aos meus pais, pilares da minha formação como ser humano. Ao meu esposo Manoel Marques de Lima Neto (Ary) *in memoriam*, maior apoiador dos meus projetos. Aos meus filhos e netos, presentes que a vida me deu. À minha orientadora Prof^ª Dr^ª Ana Lúcia Oliveira Aguiar, luz que me guia a novos horizontes.

AGRADECIMENTOS

É um momento solene e o culminar de um longo percurso. É o alcançar de uma meta muito importante, mas não consegui nada sozinha e é às pessoas que estiveram de forma muito próxima me apoiando diariamente que expresso meu maior agradecimento.

Agradeço primeiramente a Deus, por me ter dado a vida, a saúde e a fé de que seria possível atingir este objetivo, pois sem a sua graça não seria capaz de alcançar a conclusão deste trabalho.

À minha orientadora, Prof^a Dr^a Ana Lúcia Oliveira Aguiar por conceder o presente de ser sua orientanda e realizar meu sonho, sua dedicação e paciência serviram como pilares de sustentação para a conclusão deste trabalho. Agradeço também pela amizade, companheirismo e pelos momentos de confidências e dedicação ao meu trabalho, durante todo o percurso. Seu exemplo como ser humano, mulher, docente e pesquisadora oportunizou meu crescimento pessoal e profissional. Gratidão! Te amo para sempre!

Aos meus amados pais, Lucilo Lucena Braga e Maria Cicera Dantas Braga, (In memoriam) exemplos de amor e coragem. Gratidão pelas palavras de carinho carregadas de sabedoria, diante das dificuldades. Obrigada por me guiarem pelo caminho da fé, seus ensinamentos me fortaleceram para enfrentar os obstáculos, superar os desafios e seguir em frente, sempre firme e forte. Amo infinitamente!

Ao meu saudoso esposo, Manoel Marques de Lima Neto (in memoriam) por seu companheirismo e compreensão durante as lutas cotidianas, sempre apoiando e cuidando da manutenção do lar, enquanto eu permanecia ocupada com meus projetos, incentivando-me todos os dias. Grata por me ajudar a realizar meus sonhos. Meu cúmplice de uma vida de sonhos e poesias. Te amo! Para sempre em meu coração!

Aos meus filhos, Sara, Bruno, Emanuel, meus netos Saulo Miguel e Melinda Maria, o amor de vocês é o que me move. Obrigada pela compreensão e carinho durante este percurso, no qual não pude dedicar-lhes a devida atenção. Vocês são o motivo do meu empenho e dedicação. Amo vocês profundamente!

Aos meus irmãos, pelo apoio que sempre me deram durante toda a minha vida. Ter um irmão é ter, para sempre, uma infância lembrada com segurança, em outro coração. Amo vocês!

À Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, ao Programa de Pós-Graduação - POSEDUC, administração, direção e secretaria, pelo trabalho ético,

inclusivo e incluyente que oportunizaram o caminhar a novos horizontes proporcionando igualdade de oportunidades para todos os seus discentes.

Aos professores e professoras, pelas correções e ensinamentos que me permitiram apresentar o melhor desempenho no meu processo de formação profissional ao longo do curso do mestrado.

Aos membros da banca, Prof^a Dr^a Lia Matos Brito de Albuquerque, Prof^a Dr^a Giovana Carla Cardoso Amorim, Prof. Dr. Emerson Augusto de Medeiros, manifesto meus agradecimentos por aceitar o convite para fazer parte desse momento tão especial de minha vida, obrigada pelo apoio e conhecimento que foram fundamentais para a minha trajetória até aqui.

A Escola Estadual Tertuliano Ayres Dias, pelo ambiente maravilhoso que encontrei todos os dias nessa instituição tão acolhedora e respeitada, externo minha gratidão, porque só com um clima tão inspirador é que se atingem os grandes objetivos.

À professora Cledna Fernandes Paiva, minha companheira de sala de aula, pelos momentos calorosos, recheados de sorrisos e cumplicidades, gratidão pela colaboração durante o processo da minha pesquisa. Sua amizade é um presente que a vida me deu.

Ao Centro Estadual de Capacitação de Educadores e Atendimento ao Surdo – CAS Mossoró, a instituição onde aprendi tudo que sei da Língua Brasileira de Sinais e que proporcionou momentos ímpares na minha vida, onde adquiri ferramentas muito importantes para vida pessoal e profissional.

À Artur Maciel de Oliveira Neto, tradutor-intérprete de Libras, amigo e parceiro de jornada, obrigada pela parceria, você representou um papel significativo neste trabalho, meu muito obrigada.

A todas as pessoas que, de alguma forma, fizeram parte do meu percurso, agradeço com todo meu coração!

É necessário fazer outras perguntas, ir atrás das indagações que produzem o novo saber, observar com outros olhares através da história pessoal e coletiva, evitando a empáfia daqueles e daquelas que supõem já estar de posse do conhecimento e da certeza.

Mario Sergio Cortella

RESUMO

A repercussão da política inclusiva na educação de surdos, tornou realidade o ensino desses alunos nas escolas regulares, enfatizando a responsabilidade da atuação dos TIs. Este estudo aborda narrativas de dois tradutores intérpretes de Libras e suas atuações na educação inclusiva. Tem como objetivo compreender os fazeres e práticas do tradutor-intérprete de Libras no ladrilhar caminhos por uma educação básica inclusiva, com foco nas metodologias que envolvem memórias e narrativas autobiográficas. Os aspectos metodológicos da pesquisa evidenciam, as narrativas autobiográficas e as histórias de vida que são usadas para que os profissionais tradutores-intérpretes de Libras repensem seu fazer pedagógico, tornando-se um importante recurso nos processos de aprendizagem e de formação. As discussões, as reflexões, as inquietações, as trocas com colegas e professores surdos e ouvintes, bem como as demais experiências vividas nesse espaço e, a partir dele, ampliaram possibilidades de uma profissional que continua em formação. Nas oportunidades de ler, conhecer, investigar e de estabelecer trocas com pares linguísticos, surdos e ouvintes, saberes foram construídos e parcerias firmadas sob a compreensão de que ainda existia e existe muito a se explorar. Compreendemos que esse estudo oferece dimensões acerca da importância do intérprete de Libras em contato com o aluno surdo, dentro da escola, permitindo o acesso à língua de sinais, cultura e identidade surda, na aquisição e ampliação de conhecimentos. Este estudo valoriza as identidades, a língua, a história, a arte, a cultura surda na visão socioantropológica e do seu reconhecimento político e social.

Palavras-chaves: Saberes e práticas; Tradutor- Intérprete de Libras; Educação inclusiva

ABSTRACT

The repercussions of the inclusive policy in the education of the deaf, made the teaching of these students in regular schools a reality, emphasizing the responsibility of the Tils' performance. This study approaches narratives of two Libras interpreter translators and their actions in inclusive education. It aims to understand the actions and practices of the Libras Translator-Interpreter in paving the way for an inclusive basic education with a focus on methodologies that involve memories and autobiographical narratives. The methodological aspects of the research show the autobiographical narratives and life stories that are used for professional Libras interpreter translators to rethink their pedagogical work, becoming an important resource in the learning and training processes. Discussions, reflections, concerns, exchanges with deaf and hearing colleagues and teachers, as well as other experiences lived in and from this space, expanded possibilities for a professional who continues to be trained. In the opportunities to read, know, investigate and establish exchanges with linguistic pairs, deaf and hearing people, knowledge was built and partnerships signed under the understanding that there was still and there is much to explore. We understand that this study offers dimensions about the importance of the Libras interpreter in contact with the deaf student within the school, allowing access to sign language, culture and deaf identity, in the acquisition and expansion of knowledge. This study values identities, language, history, art, deaf culture in the socio-anthropological view and its political and social recognition.

Keywords: Knowledge and Practices; Translator-Libras Interpreter; Inclusive Education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Minha Primeira Comunhão.	28
Figura 2 - Minha Formatura Magistério.	33
Figura 3 - Festa Junina CAS Mossoró.	41
Figura 4 - Minha formatura de Pedagogia com meu esposo Ariosto.	43
Figura 5 - Congresso do INES na cidade do Rio de Janeiro.....	50
Figura 6 - Lucivanda Braga Lima, Profº José Evangelista de Lima e a Profª Ana Lúcia Oliveira Aguiar	51
Figura 7 - Sessão Solene ao Dia Nacional do Surdo Assembleia Legislativa do RN na cidade de Natal.	53
Figura 8 - Apresentação do Projeto, mesa expositora com representantes legais da SEEC...	69
Figura 9 - Reunião do Projeto Tradutor Intérprete de Libras do RN.....	70
Figura 10 - Fachada da escola E.E.A.D.	97
Figura 11 - Mostra Cultural.	102
Figura 12 - Aula remota pelo google meet.	108
Figura 13 - Entrevista com Artur Maciel Oliveira Neto.....	112

LISTAS DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AEE - Atendimento Educacional Especializado

ASMOR - Associação de Surdos de Mossoró e Região

BNTD - Biblioteca Nacional de Teses e Dissertações

CAS - Centro Estadual de Capacitação de Educadores e Atendimento ao Surdo

COINES - Congresso Internacional do Ines

CNS - Conselho Nacional de Saúde

DAIN - Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas

DIREC - Diretoria Regional de Educação

EETAD - Escola Estadual Tertuliano Ayres Dias

FENEIS - Federação de Nacional de Educação e Integração dos Surdos

I E - Intérprete Educacional

INES - Instituto Nacional de Educação de Surdos

INTERCAS - Intercâmbio entre os CAS

LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais

PROFA - Programa Nacional de Professores Alfabetizadores

PRONAEBS - Programa Nacional de Capacitação em Educação Bilíngue de Surdos

POSEDUC - Programa de Pós-graduação em Educação

SEDUC - Secretaria Estadual de Educação

SEEC - Secretaria Estadual de Educação e Cultura

SESI - Serviço Social da Indústria

SUESP - Subcoordenadoria de Educação Especial

SUS - Serviço Único de Saúde

TILS - Tradutor Intérprete de Libras

TILPS - Tradutor Intérprete de Libras e Portugues

SUMÁRIO

TEMPOS E LUGARES DE LEMBRAR.....	14
CAPÍTULO 1- MEMÓRIAS QUE CONTAM HISTÓRIAS: VERSÕES DE MIM.....	24
1.1. Memórias da infância: Quem sou eu.	26
1. 2. Vivendo em caminhos entrelaçados: encontros, palavras, emoções e desencontros.	31
1.3. Fazeres educativos: aprendizagens que carrego em minhas bagagens.	45
1.4. Impulsionar e ir: o repensar da minha própria história de vida no encontro com a autobiografia.	55
CAPÍTULO 2 – O TILS E SUAS ESPECIFICIDADES: NARRATIVAS E REFLEXÕES SOBRE UMA CARREIRA EM FORMAÇÃO.	63
2.1 Especificidades na atuação do TILS educacional.	65
2.2 O Tils no processo educacional do surdo.	75
2.3 A interpretação na sala de aula: estratégias e recursos possíveis.	83
2.4. Desafios presentes no saber e fazer, refletindo sua atuação sobre suas próprias ações.	88
CAPÍTULO 3 - A IMPORTÂNCIA DO TILS NA EDUCAÇÃO DE SURDOS: A FORMAÇÃO DE CONCEITOS PELO SUJEITO SURDO.	91
3.1 A escola e o aluno surdo.	93
3.2 O professor ouvinte e o aluno surdo: o papel do Intérprete.	99
3.3. O intérprete educacional de língua de sinais e o aluno surdo.	105
3.4 Educação bilíngue: dos caminhos trilhados à realidade em sala de aula.	110
MINHA BAGAGEM ME REMETE AOS MEUS SONHOS.....	116
REFERÊNCIAS.....	122

TEMPOS E LUGARES DE LEMBRAR

A vida nos traz memórias e ao nos determos aos lugares e lembranças, trabalhamos práticas de leitura presentes nos caminhos, vivências passadas e possibilidades de compreensão da nossa caminhada. Será uma reflexão que me possibilitará pensar sobre a memória. Esse exercício de reencontro comigo mesma, favorece a aceitação da identidade que trago ao longo de toda vida, no entanto, com mais discernimento e compreensão.

Este estudo, intitulado **Saberes e práticas do tradutor intérprete de Libras: ladrilhar caminhos por uma educação inclusiva**, está organizado em três capítulos, cada um com quatro tópicos. Trazemos a seguinte problemática: Contribuições dos fazeres e práticas do tradutor intérprete de libras no ladrilhar caminhos na arte de saber e fazer por uma educação inclusiva. Temos como objetivo geral compreender os saberes e práticas no ladrilhar caminhos na arte e saber que tradutores intérpretes de libras deste estudo realizam.

Este estudo inscreve-se no campo da educação inclusiva de surdos e tem foco no trabalho do profissional denominado tradutor intérprete de Língua Brasileira de Sinais - Tils. Aborda a história de vida de uma tradutora intérprete de Libras e suas buscas por uma atuação que leve a uma educação inclusiva de qualidade.

A escrita de autobiografia pode ser vista como uma possibilidade de conhecimento sobre si mesma permitindo ter uma visão consciente dos processos formativos e das transformações ocorridas no decorrer da vida que se contemporiza no sujeito que reflete sobre si. Escrever sobre si é um desafio, uma vez que envolve emoções e faz reviver sentimentos e memórias que haviam ficado armazenadas na subjetividade, durante o processo de edificação da história de vida de cada indivíduo.

Esta discussão é relevante na formação dos profissionais intérpretes, que atuam no campo educacional e suas formas de atuação no processo de ensino-aprendizagem do aluno surdo, na escola inclusiva, através das narrativas autobiográficas. A escrita autobiográfica pode ser vista como uma possibilidade de conhecimento sobre si mesma permitindo ter uma visão consciente dos processos formativos e das transformações ocorridas no decorrer da vida, que se contemporiza no sujeito que reflete sobre si. Escrever sobre si é um desafio, uma vez que envolve emoções e faz reviver sentimentos e memórias que haviam ficado armazenadas na subjetividade, durante o processo de edificação da história de vida de cada indivíduo.

A escolha da temática foi impulsionada pela minha atuação como profissional docente, gestora e intérprete educacional na educação de surdos. Foram criados percursos diferenciados, em minha atuação como professora, gestora e intérprete de libras que, pouco a

pouco, configuraram uma trajetória contextualizada, demarcada pela ordem normativa do ciclo de vida pessoal e profissional.

Compreendemos que esse estudo pode oferecer dados acerca da importância do intérprete de Libras, em contato com o aluno surdo dentro da escola, permitindo o acesso à língua de sinais, cultura e identidade surda, na aquisição e ampliação de conhecimentos. Este estudo valoriza as identidades, a língua, a história, a arte, a cultura surda na visão socioantropológica e do seu reconhecimento político e social.

O tema proposto é relevante para a academia, visto que há grande necessidade de mais discussões sobre a atuação do tradutor intérprete de Libras no meio escolar, ambiente onde a presença desse profissional vem sendo mais requisitada a cada dia favorecendo que mais pessoas tenham acesso a essas discussões. Amplia também as possibilidades de leituras e interpretações que ampliam o olhar sobre a profissão do tradutor intérprete de Libras.

Mostramos a pertinência do estudo considerando que poucas pesquisas percorrem essa direção. Em estudos realizados na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações – BDTD, na intenção de construir o “Estado da Arte¹” sobre o tema, identificamos que existem poucas dissertações e teses relacionadas.

Utilizando o descritor "Intérprete de Libras" na totalidade dos trabalhos foram encontradas 140 dissertações e 22 teses. Em seguida, foi usado o descritor "Saberes e práticas do Intérprete de Libras" e encontrei seis produções, cinco dissertações e uma tese. Ao analisar essa busca por trabalhos relacionados à pesquisa, concluí que existem produções significativas que abordam a temática, visto que o tema em questão é amplo e necessário, mas ainda há muito o que se pesquisar, frente aos incontáveis desafios dessa profissão.

Para melhor apresentação do estudo realizado, o trabalho está dividido em três capítulos: Apresentaremos a organização desta dissertação e uma breve contextualização de cada capítulo: no primeiro capítulo, **Memórias que contam histórias: versões de mim**, trazemos memórias da minha infância: quem eu sou, meus encontros e desencontros, meus fazeres educativos: aprendizagens que carrego em minhas bagagens, repensando minha própria história de vida, no encontro com a autobiografia. Tendo como primeiro tópico, **Memórias da infância: Quem sou eu**, percebemos que, à medida que vamos nos permitindo ao exercício de recordar, o quanto precisamos retornar aos passos dados na infância.

¹ O Estado da Arte ou Estado do Conhecimento é um importante instrumento para a revisão bibliográfica, o percurso feito até aqui não teve aprofundamento no mapeamento da pesquisa. O objetivo, para este estudo é, tão somente, apresentar algumas pesquisas que colaboram para fortalecer a importância da arte, sobre o tema proposto para esta dissertação.

Memórias da infância: Quem sou eu, neste tópico, inicio essa viagem no tempo, composto por fases de uma menina/mulher que viveu crendo em mudanças, em seu crescimento agregou muitos aprendizados, no seu desenvolvimento como criança, jovem, adulta, mãe, mulher, esposa, professora e, hoje, tradutora intérprete de Libras, em formação, para atuar na educação de surdos.

No segundo tópico: **Vivendo em caminhos entrelaçados: encontros, palavras, emoções e desencontros**, reforçamos as memórias da infância e da juventude, até o encontro da fase presente. Neste exercício, permeiam narrativas, paixões, família, amigos e, na medida do possível, se permitir a uma sequência que possibilitará realizar uma leitura mais ampla da minha história e vivências passadas, possibilitando a compreensão da caminhada empreendida. Será uma reflexão que me possibilitará pensar sobre a memória. Esse exercício de reencontro comigo mesma, favorece a aceitação da identidade que trago ao longo de toda vida, no entanto, com mais discernimento e compreensão.

Apresentamos o terceiro tópico: **Fazeres educativos: aprendizagens que carrego em minhas bagagens** que remete ao momento em que a autora iniciou sua formação docente, acadêmica, seu processo formativo e as possibilidades de construir hábitos e saberes. A vida torna-se um espaço de momentos formadores, carregando em si experiências que são significativas e que, ao longo da formação docente, levaram a pensar sobre a reprodução dos valores sociais.

Voltar ao passado significará uma renovação do meu ser, enquanto criança, mulher, professora, gestora, acadêmica e depois como Tils, em formação. Pois acreditamos que a dedicação, o zelo e o esforço, nos permitem um diálogo produtivo seguido do crescimento e amadurecimento pessoal. Nesse momento, o mais importante é mostrar para o mundo essa linda história de vida. Apesar de, em seu enredo, tudo não ser um mar de rosas, mas são esses momentos de alegria, tristezas, encantos e desencantos que compõem a minha história.

As nossas vidas são marcadas por vários acontecimentos. Agora é a oportunidade de contar e compartilhar o trilhar do meu caminho, o que os olhos contemplaram e a mente registrou. Durante o desenvolvimento do trabalho, sei que teremos que conviver com alguns traumas. Nas memórias, surgem diversas histórias, cercadas de segredos, medos, amores, desamores, causando uma enorme sensibilidade dentro de nós. É preciso, acima de tudo, coragem para se reencontrar com nossos “eus”, mas, essa aventura auto-biográfica vai me levar a ver o mundo com um novo olhar e a certeza que tudo valeu a pena, pois tudo que passei, contribuiu para eu ser a pessoa que hoje me tornei.

No quarto tópico: **Impulsionar e ir: o repensar da minha própria história de vida no encontro com a autobiografia**, destinamos aos desafios enfrentados no fazer docente contemporâneo. É diante da escolha em ser professora intérprete de Libras, neste momento de formação inicial, que se intenta pensar sobre os desafios de atuar nessa função na contemporaneidade. Impulsionar e ir, significa o acometimento próprio de uma pessoa que desperta sua necessidade de enxergar seu potencial. Potencial esse, visto como aspiração e pretensão de quem quer conhecer o mundo, através de suas próprias vivências. Saindo do lugar que se encontra. Um encontro atípico, excepcional, incomparável, com propósito de promover o autoconhecimento, refletindo sobre os desejos, escolhas e oportunidades, feitas durante a vida.

Daqui em diante, inicia-se a dedicação dessa narrativa: a produção do trabalho de conclusão de curso do Mestrado, que oportuniza rever minha própria história de vida e formação. Na escrita será apresentada a vida real ou como a memória a vê. A exploração do exercício do imaginar e o criar. Aqui tudo será possível. Nada será imprevisto. Não são só palavras, há vida!

No segundo capítulo: **O Tils e suas especificidades: narrativas e reflexões sobre uma carreira em formação**, trabalharemos as narrativas e reflexões sobre a carreira em formação, no processo educacional do surdo, a interpretação na sala de aula: estratégias e recursos possíveis e desafios presentes no saber e fazer, refletindo sua atuação sobre suas próprias ações.

A atuação do Tils pode ser realizada em muitos campos sociais, mas, para este estudo, nosso interesse maior reside em sua ação no âmbito educacional. Nessa perspectiva para embasamento teórico, neste capítulo, apresento a denominação intérprete educacional, para o profissional tradutor intérprete de Libras-Língua Portuguesa que atua na área da educação, sendo usada pela primeira vez, em nosso país, por Lacerda (2002). O Decreto 5.626/2005 apontando algumas experiências educacionais nas quais estavam presentes intérpretes de Libras e, a partir de 2001, com a Lei 10.098, esta presença tornou-se obrigatória no Brasil, o que ampliou o número de intérpretes atuando na educação.

O tradutor intérprete de Libras, que atua no âmbito educacional, apresenta algumas especificidades em suas funções em sala de aula e, para isso, trazemos Soares (2018) para nos mostrar as concepções assumidas por este profissional que será imprescindível para que possamos chegar a um consenso quanto às atribuições e envolvimento dos IEs no ambiente escolar.

Trazemos como primeiro tópico deste capítulo: **Especificidades na atuação do Tils educacional**, apresentando algumas características de suas funções em sala de aula, o papel essencial que o Tils desempenha na mediação entre a Libras e a Língua Portuguesa, a compreensão sobre as atribuições desse profissional e a natureza de seu trabalho no contexto escolar. São questões relacionadas às necessidades formativas desse profissional que passa a integrar as equipes de trabalho especializado nos diferentes espaços escolares. A dimensão pedagógica de sua formação, o conhecimento sobre os diferentes conteúdos ensinados na escola regular, o caráter de neutralidade de seu trabalho de interpretação, são apenas alguns exemplos que destacam uma temática bastante interessante sobre a figura do Tils no espaço escolar.

No segundo tópico: **O Tils no processo educacional do surdo**, trataremos o intérprete educacional de Língua de Sinais participante nas ações e comunicações, em sala de aula e na escola, no exercício de sua função e a importância de sua atuação como agente pedagógico no processo educacional, abordando as competências e responsabilidades que lhe são atribuídas.

Mostraremos que a sala de aula com a presença do aluno surdo e do intérprete é marcada por algumas diferenças e essas diferenças devem ser resolvidas por meio de algumas adaptações de material didático, de posicionamento físico em sala, das metodologias utilizadas pelo professor regente e também de escolhas feitas pelo intérprete, no meio de tudo isso.

No tópico três: **A interpretação na sala de aula: estratégias e recursos possíveis**, buscamos tornar um pouco mais visíveis algumas das dificuldades e êxitos dos Tils ao interpretar os conteúdos curriculares, de modo a poder contribuir com a aquisição de conhecimento dos alunos surdos, acerca da temática estudada. Mostramos também a importância dos TILS que atuam em sala de aula, de que eles possuam também alguns conhecimentos pedagógicos. Se possuir formação em áreas afins à da educação, contribuirá ainda mais, uma vez que sua tarefa não será apenas traduzir/interpretar o que está sendo posto pelo professor, mas também apresentar de modo mais claro para o aluno. Nesse processo, ele poderá recorrer a exemplos e metodologias divergentes das utilizadas pelo professor.

O quarto tópico: **Desafios presentes no saber e fazer, refletindo sua atuação sobre suas próprias ações**, abrange o pensar reflexivo como forma de buscar vencer as dificuldades da atuação em sala de aula, refletir sobre a importância de relacionar a teoria e a prática como integrantes do processo de construção do conhecimento acerca do trabalho, observando as contribuições e mudanças que toda essa elaboração produz na prática pedagógica. Entende-se

como essencial uma mudança de postura dos profissionais Tils, iniciando-se com uma formação crítico-reflexiva visando a boa qualidade da prática pedagógica.

No segundo capítulo: **A importância do Tils na educação de surdos: a formação de conceitos pelo sujeito surdo**, abordaremos a escola e o aluno surdo, relação do professor ouvinte e o aluno surdo - o papel do intérprete, o papel que o intérprete educacional realiza na educação bilíngue do aluno surdo, dos caminhos trilhados à realidade em sala de aula.

Destacamos a atuação do Tils como agente pedagógico no processo educacional do sujeito surdo, bem como sua funcionalidade de ser o canal comunicativo entre o aluno surdo e toda a comunidade escolar, auxiliando os(as) alunos(as) surdos(as) na comunicação com o professor e colegas. Elencamos as competências e responsabilidades, algumas reflexões sobre neutralidade e imparcialidade na interpretação. Para falar sobre os saberes aprendidos no decorrer da formação inicial do Intérprete de Libras utilizamos os denominados “saberes da formação profissional”, por Tardif (2014).

No primeiro tópico: **A escola e o aluno surdo** abordaremos esse eixo temático na escola inclusiva Tertuliano Ayres Dias, onde há, no quadro de funcionários, um profissional intérprete de Libras para acompanhar os alunos surdos, o que podemos ver como algo positivo. Outro ponto de grande relevância a ser observado, é a relação do professor regente de classe com o intérprete de Libras. Para além da questão escolar, mais geral, há o relacionamento específico em sala de aula.

No espaço de classe, onde o professor tem toda a autonomia, é importante perceber como ele compreende a presença do intérprete, pois isso influi muito nas ações que se desenrolam em classe. A parceria entre professor e intérprete é fundamental. O intérprete precisa poder negociar conteúdos com o professor, revelar suas dúvidas, as questões do aprendiz e, por vezes, mediar a relação com o aluno para que o conhecimento que se almeja seja construído. Se não houver cumplicidade e aceitação entre professor e intérprete, em sala de aula, essas tensões podem causar a perda das possibilidades de aprendizagem da criança surda, nesse espaço escolar.

Serão nesses encontros que buscaremos construir um espaço narrativo sobre as experiências vividas pelos Tils e alunos surdos, cujos relatos nos fornecerão dados para compreensão da formação desse profissional que ultrapassa os limites do instituído e contempla os (des) limites das práticas instituintes, em um processo de reinvenção de si e do mundo mediante construção de um chão comum entre o narrador e seus os ouvintes.

No segundo tópico: **O professor ouvinte e o aluno surdo: o papel do intérprete** abordaremos os papéis do professor regente de sala de aula e do intérprete de Libras, suas

definições de modo que todos, professor, TILS, alunos surdos e alunos ouvintes, compreendam suas funções, nos objetivos em que todos estão envolvidos naquele espaço, no processo de ensino e aprendizagem coletivo.

Veremos se o intérprete atua exclusivamente interpretando/traduzindo situações e produções do Português para a Língua de Sinais e vice-versa, mostrando-se satisfatória, sua atuação, em sala de aula. Em nossa experiência, o domínio e conhecimento de Língua de Sinais apenas não é suficiente para o desempenho da atividade de intérprete educacional. Observamos se as aulas estavam com muitas atividades que precisavam ser ensinadas à criança surda, ou se as explicações do(a) professor(a) não são plenamente adequadas para fazer a criança alcançar o sentido pretendido e o intérprete precisava agir como educador no processo.

Trata-se de um processo educacional que precisa ser revisto e repensado a cada momento para realmente possibilitar a aquisição de conhecimentos pela criança surda, já que, em geral, as práticas de sala de aula foram pensadas apenas para os alunos ouvintes. Nesse contexto, o intérprete precisa fazer escolhas ativas sobre o que deve “traduzir”, de modo a tornar os conteúdos realmente acessíveis para o aluno – uma tradução estrita nem sempre é a melhor opção educacional.

Destacamos o papel do professor nesse processo, se é o responsável pela turma, aquele que organiza o andamento do processo de ensino/ aprendizagem. No mais, analisamos, de forma geral e meticulosa, se com a presença do aluno surdo, a abertura para um trabalho conjunto com o intérprete educacional de Língua de Sinais, proporciona um espaço para desenvolvimento de estratégias para solucionar possíveis entraves na aquisição de conhecimentos escolares, adequando práticas pedagógicas para suprir a necessidade desse novo cliente surdo. Para que o produto final seja alcançado, ou seja, o aluno surdo aprenda, é necessário que cada profissional desempenhe seu papel e que haja comunicação e parceria entre eles.

Nesse tópico três: **O intérprete educacional e o aluno surdo**, convidamos os protagonistas deste estudo a nos contar como acontece essa relação entre aluno surdo e profissional intérprete de Libras. A experiência de inclusão que vem sendo observada mostra alguns problemas. Um diz respeito ao fato do aluno surdo ser o único surdo em sala de aula. O fato da criança surda não ter outros parceiros com domínio em Língua de Sinais nos parece um aspecto negativo. Um grupo de surdos poderia favorecer mais discussões, em sinais e trocas de ideias sobre os conteúdos, a partir da ótica da surdez. Um único surdo, em sala, não pode partilhar uma série de experiências marcadas por sua surdez, fazendo com que suas

diferenças fiquem ainda mais destacadas dificultando a efetivação de uma proposta de integração escolar.

Todavia, o papel de educador/professor não pode recair sobre o intérprete, já que seu papel principal é interpretar. O intérprete não pode ser responsabilizado pela aquisição de conhecimentos do aluno. É preciso que a atuação do intérprete se constitua em parceria com o professor, propiciando que cada um cumpra efetivamente com seu papel, em uma atitude colaborativa, onde cada um possa sugerir coisas ao outro, promovendo a melhor condição possível de aprendizagem para a criança surda.

Faz-se, cada vez mais importante, uma profunda discussão sobre a capacitação de intérpretes, para atuação em sala de aula, já que este ambiente de trabalho se constitui num espaço diferenciado que requer formação e suporte técnico, nem sempre percebidos e desenvolvidos apenas com a prática. Tal capacitação envolve conhecimento sobre o processo ensino/aprendizagem, sobre a formação de conceitos e a construção de conhecimentos que demandam formação detalhada e específica.

No quarto tópico: **Educação bilíngue: dos caminhos trilhados à realidade em sala de aula**, discutiremos as políticas educacionais e legislações pensadas para as pessoas com deficiência e que depois de muitos diálogos, lutas e conflitos em favor de uma educação inclusiva e para que a educação desses sujeitos fosse reconhecida e assegurada. Da mesma forma ocorreu com os surdos, que após muitos movimentos, refletiu-se sobre uma educação bilíngue que respeitasse as especificidades desses sujeitos. Todavia, para essa educação bilíngue era necessário que se reconhecesse a língua de sinais como língua oficial dos surdos para que ela fizesse parte do contexto educacional desses alunos.

Veremos se, com o passar desses anos, a apropriação dessas legislações vigentes, garantiram o que está previsto nas leis de forma mais significativa possível para seus alunos. Verificamos se, na prática, a educação bilíngue aparece num contexto da escola regular ou em centros de atendimento ao surdo - CAS, tendo em comum, a língua de sinais como primeira língua e o português, escrito, como segunda língua. Segundo Quadros (2004), a realidade da educação bilíngue, que vem se construindo em algumas partes do Brasil, está diretamente relacionada a variáveis ligadas aos próprios surdos. Sendo assim, a educação de surdos, na perspectiva bilíngue, toma uma forma que transcende questões puramente linguísticas.

Vale ressaltar que, no ano de 2015, o Estado do Rio Grande do Norte fez concurso para Professor de Libras e Professor Intérprete de Libras - Tils e, a partir dessa iniciativa da Secretaria de Educação do Estado, passou-se a realizar muitas capacitações para os

professores regentes das escolas regulares, oferecendo cursos de Libras com o objetivo de melhorar a convivência e a qualidade do processo ensino aprendizagem do aluno surdo.

Vimos a necessidade de indagar, dos profissionais inseridos na educação básica RN, se a educação melhorou e avançou e, para a resposta destas indagações, trazemos as narrativas dos intérpretes de libras, alunos surdos e familiares para discorrer na temática. Também questionar se a presença do intérprete é suficiente ou se requer envolvimento da comunidade escolar no processo, garantindo a efetividade do ato inclusivo. Se é necessário, também, a criação de um ambiente favorável para que o aluno surdo desenvolva suas potencialidades, habilidades, competências e sua criatividade, como qualquer outro aluno.

As considerações finais contextualizam as discussões das narrativas apresentando aspectos que são determinados pelo processo formativo e que também determinam tal processo, buscando contribuir com novas reflexões sobre a formação desse profissional escolar. O tradutor intérprete de Libras passa por experiências formativas que o constituem e que merecem ser investigadas, valorizadas e sistematizadas, o que buscamos fazer, a partir desta pesquisa, que não encerra a necessidade de aprofundamento, acerca desse tema tão relevante.

Ressaltamos a importância das legislações e o que elas representam no processo de valorização, de formação e reconhecimento do profissional tradutor intérprete escolar da linguagem de sinais, tão importante para a sociedade. Porém, ainda é necessário esclarecer, nos ambientes escolares, as atribuições desse profissional que acaba sendo confundido com o papel do professor, tanto pelos alunos surdos que se reportam diretamente ao intérprete e não ao professor, quanto pelo próprio professor que consulta o intérprete sobre a aprendizagem do aluno surdo, ou até chegam a delegar ao intérprete a responsabilidade de explicação dos conteúdos.

É possível que, com a regulamentação do profissional intérprete pela Lei 12.319, este possa avançar na construção de sua identidade profissional como aquele que intermedia a relação entre o surdo e o professor ou o aluno ouvinte e que possa contribuir para a efetivação de papéis definidos no contexto educacional, em prol do desenvolvimento de todos os alunos. É imprescindível que pesquisadores, educadores e TIs concentrem esforços para refletir, discutir e pesquisar essa temática. O processo de construção desta dissertação será repleto de descobertas quanto ao nosso objetivo, que é compreender os fazeres e práticas do tradutor intérprete de Libras no ladrilhar caminhos, na arte de saber e fazer, por uma educação inclusiva, sinalizando que esta pesquisa não apresentará conclusões finais/definitivas, mas convida para outras/novas reflexões no sentido da continuidade das discussões.

Considerando que este estudo converge com a história pessoal, acadêmica e profissional da autora, partilhar narrativas da sua trajetória de vida/formação faz-se necessário, tendo em vista a contextualização das imbricações existentes entre as “aprendizagens experienciais”, adquiridas ao longo da sua existência, com a investigação inscrita na vida profissional docente, como gestora e tradutora intérprete de Libras/Português na Educação Básica, da Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Norte.

Agregaremos também a legislação brasileira vigente que dispõe sobre este profissional, sobre a Libras, a educação de surdos, a inclusão da Pessoa com Deficiência (PcD) e a promoção da acessibilidade. Após vinte anos do reconhecimento da Libras e onze anos do reconhecimento da profissão do tradutor intérprete de Libras no Brasil, pelas Leis 10.436/02 e 12.319/10, respectivamente, há questões pertinentes que devem ser esclarecidas aos educadores e profissionais que atuam em escolas inclusivas.

O Decreto nº 5.626, 22 de dezembro de 2005, regulamenta a Lei nº 10.436, que reconhece a legalidade da Língua Brasileira de Sinais, inclui o estudo da Libras nos currículos dos cursos de formação para professores e fonoaudiologia; estabelece as regras para formação do professor tradutor/Intérprete de Libras. Institui o uso de Libras e de Língua Portuguesa na educação de surdo.

Logo a seguir, vem a legislação mais atual no Brasil sobre as garantias da pessoa com deficiência, Lei nº 13.146/2015, mais conhecida como Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (LBI). No artigo 28, a lei preconiza a existência de um sistema educacional inclusivo, em todos os níveis e modalidades, através da oferta de serviços e de recursos de acessibilidade, com o intuito de eliminar as barreiras e promover a inclusão plena (BRASIL, 2015).

Esses estudos teóricos e as legislações atuais são pertinentes como apoio e suporte para a consolidação e especificação deste estudo, abrangendo reflexões sobre histórias de vida e autobiografias, memória individual e memória coletiva. A experiência educativa do aluno surdo também se faz pertinente, bem como as reflexões críticas dos saberes e práticas do tradutor intérprete de Libras.

Os procedimentos metodológicos da pesquisa estão fundamentados na abordagem qualitativa e, nessa concepção, recorreremos aos autores Bogdan e Biklen (1994). Esta pesquisa terá como base o método autobiográfico, com foco em narrativas, onde a história de vida envolve dimensões e competências diferentes e mutáveis, de acordo com o contexto em que é desenvolvida e, além da atuação, há toda a história de formação pessoal e profissional, considerando a inseparabilidade entre o âmbito pessoal e profissional, neste estudo.

O *locus* da pesquisa é a atuação de dois Intérpretes de Libras, que trabalham em instituições inclusivas, na cidade de Mossoró, pertencente a circunscrição da 12ª Regional de Educação do Estado do Rio Grande do Norte, especificamente na Escola Estadual Tertuliano Ayres Dias e no Centro Estadual de Capacitação de Educadores e Atendimento ao Surdo-CAS, Mossoró. Em dois encontros construiremos um espaço narrativo sobre as experiências vividas pelos Tils e alunos surdos. Essas narrativas têm como propósito fornecer dados para compreensão da formação desses profissionais que ultrapassa os limites do instituído e contempla os (des) limites das práticas instituintes, em um processo de reinvenção de si e do mundo, mediante a construção de um chão comum, entre o narrador e seus ouvintes.

A pesquisa passará por procedimentos éticos necessários para sua realização, sendo os participantes informados sobre as proposições e objetivos do estudo e a participação se dará mediante assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A proteção dos participantes da pesquisa constituirá a razão fundamental das Normas e Diretrizes Brasileiras que ordenam as pesquisas envolvendo seres humanos, incluindo as Resoluções nº 466/12 e 510/16, do Conselho Nacional de Saúde - CNS.

No intuito de promover um espaço adequado para que os colaboradores da pesquisa pudessem se expressar mais livremente e contribuíssem com o estudo foi organizado um local específico, escolhemos o Centro de Atendimento ao Surdo - CAS Mossoró, especificamente na sala dos professores. As narrativas foram interpretadas de diferentes formas após a construção das narrativas/entrevistas.

Diante da repercussão da política inclusiva na educação de surdos, tornou-se realidade o ensino desses alunos nas escolas regulares, enfatizando a responsabilidade da atuação dos Tils. Entendemos ser relevante perceber, compreender e refletir sobre as formas de relações que se estabelecem no ambiente escolar inclusivo, com a presença de surdos e de Tils. Consideramos que tanto a abordagem teórico-metodológica, quanto as narrativas que serão apresentadas, interpretadas e discutidas na pesquisa, podem contribuir para novos estudos que tenham como foco os saberes e práticas do tradutor intérprete de Libras/Português.

CAPÍTULO 1- MEMÓRIAS QUE CONTAM HISTÓRIAS: VERSÕES DE MIM

Você já sabe, me conhece muito bem
 Eu sou capaz de ir, vou muito mais além
 Do que você imagina
 Eu não desisto assim tão fácil, meu amor
 Das coisas que eu quero fazer e ainda não fiz
 Na vida tudo tem seu preço, seu valor
 E eu só quero dessa vida é ser feliz
 Eu não abro mão
 Nem por você nem por ninguém
 Eu me desfaço dos meus planos
 Quero saber bem mais que os meus 50 e poucos anos
 Fábio Junior

Começo a escrever esta dissertação recordando minha história, conforme vou me levando aos devaneios e recordações vejo a necessidade de percorrer a estrada da minha infância. Trazemos nessa epígrafe versos da canção do Fábio Júnior, meu cantor preferido, pois a parte da minha juventude foi embalada por suas melodias que falam da determinação e perseverança, de seguir em frente para conseguir desejos e sonhos com o objetivo de ser feliz. Essa é a frase que levo para minha vida toda. Eu nasci para ser feliz!

Memórias que contam histórias: Versões de mim é o relato inicial desta viagem no tempo, composto por episódios de uma menina/mulher que cresceu acreditando em mudanças, crescimento, agregando muitas aprendizagens em seu desenvolvimento, enquanto educadora, criança, jovem, mulher, filha, esposa, mãe, pedagoga e, atualmente, professora tradutora intérprete de Libras, em formação, para atuar na Educação de Surdos.

A minha vida é uma caminhada. É diante desse percurso, que recorro as memórias, em uma narrativa autobiográfica, para rever os desafios enfrentados, no fazer docente contemporâneo, durante a trajetória profissional. A narrativa é alicerçada no contexto da minha vida refletida nas lembranças e memórias. É reconhecimento, na medida em que porta o "sentimento do já visto".

Quando falamos em memória, logo este conceito nos remete a algo do tempo passado, de lembranças, de momentos e de datas que foram marcantes em nossas vidas. Mas será que a memória somente se restringe a estes pensamentos? Em que outros âmbitos este conceito

pode nos ajudar? Quais são os sentidos e funções atribuídos à memória, atualmente? Estes são somente alguns dos vários questionamentos e problematizações que podemos fazer a respeito deste conceito, e com as explicações a seguir veremos que a memória vai muito além da questão de lembrarmos o passado.

Essa organização de voltar a experiências passadas, para possivelmente compreender a caminhada, será uma reflexão que me possibilitará pensar sobre a memória. Vou me permitir, a partir deste exercício, reencontrar-me comigo, assumindo a identidade que carrego durante o passar dos anos, porém, com maior clareza e compreensão.

1.1 Memórias da infância: Quem sou eu²

Ao rememorar o tempo da minha infância, caracterizando as memórias, me ponho a pensar, quando somos crianças, vivemos emoções, experiências que se consolidam de um jeito especial, único e que, talvez, uma produção autobiográfica possa nos guiar na viagem para esse tempo e lembrá-lo de uma forma tão inusitada como se fosse no momento presente. Agora começa minha história.

Sou Lucivanda Braga Lima³. Nasci no dia 18 de abril de 1969, na cidade de Mossoró, no estado do Rio Grande do Norte, a terra da resistência e do povo valente, como é conhecida, por ter enfrentado Lampião e seus cangaceiros. O ano em que nasci foi marcado por acontecimentos inéditos no mundo, de acordo com a Wikipédia - a enciclopédia livre, em destaque a ida do homem à lua e o surgimento da internet, fatos marcantes que são lembrados até hoje.

Sendo a oitava filha de nove irmãos, filha do casal Lucilo Lucena Braga e Maria Cicera Dantas Braga (in memoriam), nasceu pela primeira vez uma filha na maternidade, já que antes os outros sete filhos nasceram em casa. Meu pai, seu Lucilo, hoje com 93 anos, teve origem muito humilde, veio de um povoado denominado Vertentes, zona rural do município de Baraúna. Chegou à cidade de Mossoró com oito anos de idade, acompanhado

²O texto se encontra escrito em 1ª pessoa do singular quando se trata das experiências da autora e na 1ª pessoa do plural quando acompanhada da professora orientadora Dra. Ana Lúcia Oliveira Aguiar e sujeitos da pesquisa.

³O nome dos sujeitos da pesquisa, que estão no corpo do texto de toda esta dissertação, corresponde ao nome de nascimento, por manifestação expressa dos referidos sujeitos. As narrativas construídas na interação entre os sujeitos e o pesquisador em formação atentaram para assegurar os direitos e deveres que dizem respeito aos participantes com assentimento livre e esclarecido e anuência do participante da pesquisa. Todos os cuidados foram observados acompanhando a Resolução Nº 510, de 07 de abril de 2016.

dos seus pais, Ana Quintina de Lucena e seu José Francisco Braga. Em uma zona rural de Mossoró, chamada “Maloca”, onde atualmente é Lagoinha, nasceu minha mãe Ciça, como era conhecida pelos familiares, filha de Maria Sofia da Conceição e Antônio Pedro Dantas. Neste lugar moravam famílias muito carentes, que também se mudaram para Mossoró para tentar uma vida melhor.

Meus pais tiveram uma vida muito árdua e sofrida, não desfrutaram o direito de frequentar uma escola. Meu pai, seu Lucilo, não possuía um par de chinelo para calçar seus pés, segundo ele, os pais não tinham condições de comprar pois ganhavam muito pouco, meu avô Seu José trabalhava fazendo “mandato” e minha avó Ana lavava roupa para fora. Seu primeiro contato com a leitura foi com o professor Seu Domingos, que dava aulas particulares, por um contos de réis, que era pago por minha avó.

Minha mãe, como toda mocinha de sua época, ajudava nos afazeres de casa e nas lavagens de roupas junto a minha avó Sofia, para ajudar nas despesas de casa. Igual ao meu pai também não teve acesso às classes escolares, no entanto aprendeu a ler com uma vizinha que reunia as crianças das redondezas para alfabetizar. Mesmo com seu pouco grau de instrução, sempre incentivou os filhos e filhas a irem para escola, estudar, conseguir terminar os estudos, como ela gostava de dizer.

Aos vinte e, respectivamente, dezessete anos de idade, casaram-se meu pai e minha mãe, no dia 05 de fevereiro de 1955. Nos primeiros anos de casamento, tiveram consecutivamente três filhas, Lúcia, Lusinete e Lusineide. Nesse período, meu pai trabalhava como ajudante, um faz tudo, para sustentar sua família. Após um tempo, cerca de seis anos, nasceu o quarto filho, Luciano. Sucedeu novamente filhos consecutivos, ano após ano. Em seguida nasceu Antônio Lúcio (*in memorian*), Lucilo Filho, Lucivan, Lucivanda e, por último, Luciana. Todos os filhos tinham a inicial do nome do meu pai, mamãe que escolheu, para homenagear o amor da sua vida.

Dona Cícera, que em paz descanse, foi exemplo de mulher virtuosa, mãe e avó dedicada, guerreira, solidária, protetora, leal e, incondicionalmente, zelosa. Ensinou a seus filhos valores que carregam para toda a vida. Seu Lucilo, homem trabalhador, honesto, íntegro, nunca mediu esforços para sustentar sua família, trabalhou em várias funções, foi carpinteiro, salineiro e sapateiro. Em 1976 conseguiu um trabalho na Câmara Municipal de Mossoró, no cargo de vigilante, trabalhava no turno noturno. Em uma dessas noites, mais precisamente na noite de Natal, do ano de 1980, foi abordado por dois assaltantes e sofreu dois tiros, um no ombro e outro na mão esquerda, fato que ocasionou uma perda de um dos dedos. Foram dias difíceis e muito tristes, pois meu pai quase perdeu a vida. Mais essa batalha

foi vencida e até hoje o patriarca dos Braga segue lúcido, encantando filhos, netos e bisnetos com sua personalidade marcante e cheia de sabedoria. Ao recordar e escrever, revivendo minha caminhada, lembro com saudades do tempo e lugares muito distantes que existem tão presente dentro de mim, representados nesses momentos, pelos versos da canção Utopia de padre Zezinho.

Das muitas coisas
Do meu tempo de criança
Guardo vivo na lembrança
O aconchego de meu lar
No fim da tarde
Quando tudo se aquietava
A família se ajuntava
Lá no alpendre a conversar
Meus pais não tinham
Nem escola, nem dinheiro
Todo dia, o ano inteiro
Trabalhavam sem parar
Faltava tudo
Mas a gente nem ligava
O importante não faltava
Seu sorriso e seu olhar.

Meus pais sempre foram muito religiosos, frequentavam a igreja católica Nossa Senhora da Imaculada Conceição, localizada no bairro que morávamos, no Alto da Conceição, por esse motivo nossas vidas foram embaladas pelas músicas de padre Zezinho. Tinha também as novenas que participamos e as missas aos domingos eram tradição. Inclusive meus pais faziam questão de cumprir com os sacramentos da igreja católica. Eu cumpri com todos os sacramentos, batismo, primeira comunhão, crisma e casamento.

Figura 1 - Minha Primeira Comunhão



Fonte: Arquivo pessoal (1979)

Minha infância foi muito diferente da vida das crianças de hoje em dia. Na minha meninice, as brincadeiras preferidas, eram correr e sujar-se no chão, na terra. Brinquei de pega-pega, doninha da calçada, esconde-esconde, passa-anel, batata-quente, pular corda, cozinhadinho, pião, tive balanço na árvore que tinha no quintal da minha casa. Minha mãe fazia bonecas de pano, com os retalhos que sobravam das costuras, pois não sobrava dinheiro para comprar bonecas de plásticos, que eram as minhas preferidas, mas isso não me abatia, pois o que realmente importava eram os momentos de brincadeiras.

Adorava brincar de ser professora, dava aulas para minhas amigas, para os alunos imaginários. Lembro-me que sempre brincava de escola com meus irmãos, ou com as minhas bonecas, reproduzindo na brincadeira o que observava dentro da sala de aula: a maneira como a professora falava, o modo como se movimentava, a entonação da sua voz ao cantar as músicas rotineiras e até mesmo o modo de corrigir as atividades realizadas pelos alunos.

Era a inserção do lugar pessoal e profissional que iam se interligando. A identidade como professora foi ganhando novos contornos e significados pelas vivências escolares e na infância. Ao crescer, a paixão pela docência me acompanhou, a qual expressei nas seguintes palavras: “não nasci professor ou marcado para sê-lo, embora minha infância e adolescência tenham estado sempre cheias de ‘sonhos’ em que rara vez me vi encarnando figura que não fosse a de professor” (Freire, 2018, p. 81). Minha história de vida está entrelaçada às lembranças dos professores que tive e da professora que pensava em me tornar.

Havia muitas conversas nas calçadas, era um deleite escutar histórias que meu pai contava, histórias do tempo de sua juventude. Contar histórias é uma arte das mais antigas, pois era assim que se propagavam pelas gerações. Desta forma, nasce a história oral, que tem por fonte de informação pessoas que testemunharam o fato/acometimento que está sendo assunto e, assim, passa para as gerações futuras. É a narração das experiências que proporciona ampliação de conhecimentos e de horizontes, além de uma fonte de imaginação.

Tudo era tão fascinante naquela época, recordo-me que gostávamos muito de assistir os desenhos animados na tv, assistimos nas casas dos vizinhos, pois não tínhamos televisão em casa, meu pai não tinha condições de comprar. Os desenhos eram muito divertidos, lembro-me da Formiga Atômica, Liga da Justiça, Pernalonga, o Sítio do Pica Pau Amarelo, seriado que passava no final da tarde, na emissora Rede Globo. Essa obra de Monteiro Lobato me levou a um mundo até então desconhecido para mim, um universo mágico, cheio de fantasia e imaginação. Sabugo cientista, boneca de pano e animais falantes e muita magia recheavam o sítio da Dona Benta e seus netinhos Pedrinho e Narizinho. Eles foram responsáveis por despertar em mim a curiosidade e o gosto pela leitura. Segundo Josso (2004, p. 58) “As histórias da nossa infância são os primeiros elementos de uma aprendizagem que sinalizam que ser humano é criar as histórias que simbolizam a nossa compreensão das coisas da vida”.

Desde bem pequena, ainda criança, lembro-me da escola como um lugar muito interessante e fértil para as minhas muitas curiosidades e dúvidas sobre o mundo. Não me recordo de que tenha sido lugar de medo, no entanto o autoritarismo dos professores faz parte das minhas lembranças. Aproximo-me das memórias do ano de 1980, aos onze anos, percorria diariamente um trajeto a pé, não tão distante de casa. O trajeto era curto, mas interessante, o destino era a escola estadual Ambulatório José Pereira Lima, do bairro Alto da Conceição, na cidade de Mossoró. Todos os dias fazia o mesmo percurso, passava pela casa de uma amiga que me acompanhava até a escola. Todo o trajeto despertava a curiosidade de crianças ávidas pelo conhecimento e diferentes assuntos surgiam, fatos sobre a família, programas de tv e músicas, assunto era o que não faltava.

Na infância, sempre me senti uma aluna sem valor intelectual ou capacidade para realizar algo, sem talento e abaixo da média. Esse sentimento prolongou-se até o “ginásio”. Por outro lado, também foi um período em que ocorreram aspectos positivos. Voltando à minha própria experiência escolar, durante o período de infância, posso afirmar que enfrentei diversos obstáculos, sofrendo inúmeras frustrações, por não acompanhar os colegas e sofrer baixa estima, por sentir que não pertencia ao grupo.

O relacionamento dos professores com os alunos era predominantemente autoritário, tendo o professor como transmissor de conteúdo e o aluno como mero receptor. As professoras da época acreditavam que esta era a forma correta de ensinar, uma vez que era a prática escolar adotada. Então, como eu não acompanhava o planejado, fiquei para trás. Tratava-se de ensino como transmissão e devolução de conhecimentos, a famosa educação bancária criticada por Paulo Freire (2018). Ter que devolver tudo o que fora “ensinado” de maneira correta, pois todas as tentativas que não alcançavam êxito, constituíam meros erros. A base desse método de ensino utilizado pelas cartilhas era dominar o conhecimento, através da memorização. Há necessidade de repetir um modelo dado e que será cobrado como expectativa de resposta. Como não conseguia provar que tinha aprendido, repetindo corretamente, tinha que fazer várias tentativas até acertar.

Durante os anos de 1977 a 1980, quando cursei a 2^a, 3^a, 4^a e 5^a série foi difícil para mim, devido a formação profissional e crenças das professoras na época que não acreditavam no meu potencial, em relação aos estudos, argumentando que “eu não conseguia aprender por não acompanhar a turma” como se a minha vida escolar dependesse apenas de um veredicto. Hoje não tenho mágoa, uma vez que acredito que minhas professoras, provavelmente, não tiveram uma formação adequada que pudesse lhes dar condições para me auxiliar melhor no processo de aprendizagem, ao invés de adotarem aquela prática.

Não desisti de seguir em frente ao longo da jornada, mesmo perante os inúmeros obstáculos e sempre contando com o apoio de minha mãe, conforme anteriormente mencionado. Mesmo na condição de aluna mediana, sempre lutei para continuar o meu percurso educacional e da melhor forma possível. Entretanto, vale observar que, além dos professores que me impuseram obstáculos na escola, também contei com o apoio de várias professoras que investiram em mim, orientando-me, acolhendo-me e auxiliando-me a aprender, a crescer.

Ressalto, entretanto, que acredito que o meu processo educacional seria diferente, assim como o de outros alunos que tiveram que enfrentar obstáculos semelhantes aos meus, se as minhas dificuldades no processo de aprendizagem fossem mais bem compreendidas e as professoras das séries iniciais tivessem buscado conhecer novas formas de ensinar, sobretudo para alunas que, como eu, apresentavam desempenho não satisfatório, para os parâmetros tradicionalmente estabelecidos.

Ao chegar nos anos referentes ao antigo ginásio 6^a a 8^a Série (o primário era até 4o. ano e o ginásio começava no 5o. ano), durante os anos de 1981 a 1985 as dificuldades continuaram, fui reprovada duas vezes, na 7^a e 8^a Série, nos respectivos anos de 1982 e 1984,

fato esse que me desmotivou cada vez mais nos estudos. Ficar em recuperação, tirar notas baixas, ser reprovada, me tornou uma aluna excluída na sala de aula. Com poucos amigos, a interação na escola não foi fácil, mas como eu tinha uma mãe muito presente, que me aconselhava, elogiava, motivava a seguir em frente e acreditar em mim, me ajudou a superar esses obstáculos e enfrentar os desafios de cabeça erguida. As vezes falo brincando com minhas amigas, que durante minha infância e juventude minha família sempre falava que eu era linda e eu acreditei tanto que, até hoje, por mais que digam o contrário não me abalo, pois minha autoestima foi conquistada e consolidada graças às palavras amorosas da minha mãe.

1.2 - Vivendo em caminhos entrelaçados: encontros, palavras, emoções e desencontros

Sabemos que o ser humano, em sua trajetória, passa por fatos que marcam sua existência, sem nenhuma programação os fatos surgem e nos deixam preparados para seguir em frente. Recordar essa trajetória é ir ao encontro de momentos de timidez, superação, alegrias e decepções. No decorrer da vida, passei por vários estágios de idas e vindas, percorri caminhos entrelaçados por dúvidas, inseguranças e incertezas, em busca de melhor perceber o meu ser/estar no mundo, para melhor contribuir com o futuro, pois a consciência de si “emerge do mundo vivido, objetiva-o, problematiza-o, compreende-o como projeto humano” (Freire, 2018, p. 46).

Neste momento da minha vida tive que abandonar o medo e ser ousada, na verdade fui em busca dos meus sonhos com medo mesmo, como diz na letra da música Sol do grupo Jota Quest “Ei, medo! Eu não te escuto mais, você não me leva a nada e se quiser saber para onde eu vou, para onde tenha sol é para lá que eu vou.”

Não desisti de seguir em frente ao longo da jornada, mesmo perante os inúmeros obstáculos e sempre contando com o apoio de minha mãe, conforme anteriormente mencionei. Mesmo na condição de aluna com pontuação mínima necessária para ser aprovada, sempre lutei para continuar o meu percurso educacional e, da melhor forma possível. Entretanto, vale observar que, além dos professores que me impuseram obstáculos na escola, também contei com o apoio de várias professoras que investiram em mim, orientando-me, acolhendo-me e auxiliando-me a aprender, a crescer.

Ingressei no ensino médio no curso do Magistério na Escola Estadual Jerônimo Rosado, mais conhecida como o “Colégio Estadual” aos dezessete anos em 1986, nesse mesmo ano conheci Ariosto, o homem que viria a ser meu esposo e grande incentivador dos meus sonhos. Dediquei-me, gradualmente ao curso, envolvendo-me e descobrindo, aos

poucos, que o magistério era a profissão que eu realmente queria seguir.

Durante todo o curso de Magistério estive envolvida com o meu processo formativo, realizei com entusiasmo as atividades propostas, passei a ler mais e a desenvolver mais trabalhos coletivos, já que tinha clareza da minha escolha profissional. Para mim o estágio foi muito importante, porque, através dessa atividade, pude iniciar o meu exercício docente e estabelecer relações entre o que estava experienciando com os estudos realizados durante o curso.

Durante todo o curso, o trabalho desenvolvido por nós, alunas, era um trabalho disciplinado com características da tendência tecnicista, cuja importância era a aplicação da técnica, por exemplo: aprender a enfeitar e organizar as salas de aulas, disciplinar/controlar os alunos, usar um quadro negro com perfeição, “praticar” para ter uma “letra de professora”, saber construir um plano de aula bem organizado e, na sequência, realizar as técnicas pedagógicas com perfeição, isto é, montar matrizes de stêncil, cartazes, brincadeiras.

Foi no estágio que identifiquei as contradições existentes em nossa sociedade, pois estava ministrando aulas para muitos alunos que não conseguiam atender as exigências determinadas pelo currículo instituído na escola. Ao longo do curso, fui percebendo a forma como era considerada, enquanto aluna na educação básica e como as posturas adotadas pelas professoras influenciaram no meu processo de ensino-aprendizagem. Conheci possibilidades de ensinar, metodologias e práticas.

Após três anos, em 1989, concluí meus estudos e, logo em seguida, casei-me, tive uma filha, a qual demos o nome de Sara. Após a maternidade, os afazeres domésticos me consumiram muito tempo de dedicação e não pude continuar os estudos para tentar uma graduação. No entanto tentei o concurso para professora da rede estadual de ensino. Mesmo sem ter estudado muito os conteúdos exigidos para o cargo, consegui ser aprovada, sendo convocada apenas dois anos depois, em 1991. Segue uma foto demonstrando a colação de grau realizada em dezembro de 1988, tendo como madrinha minha irmã mais velha Lúcia Braga.

Figura 2 - Formatura no Magistério



Fonte: Arquivo pessoal (1988)

O momento finalmente chegou: me tornei professora! Aprovada no concurso realizado em 1989, fui empossada para ser docente da rede pública estadual, de um município no interior do RN. Nas linhas que seguem, conto como se deu a experiência de vivenciar os primeiros anos como professora, precisamente enquanto estava no estágio probatório, um momento intenso e singular de aprendizagens sobre a profissão.

O estágio probatório é um momento destinado à formação daqueles que estão iniciando no magistério, quando se realiza a transição de professor a aluno e se vive o famoso choque com a realidade. Trata-se de uma fase ímpar na carreira professoral, marcada por momentos fáceis e difíceis, mas certamente desafiador para todas. No decorrer dos relatos da minha trajetória profissional como professora iniciante, revelo, a partir dos espaços da prática pedagógica, os desafios dos primeiros anos de docência e a busca por formação contínua, elementos significativos que compõem minhas vivências, importante para analisar o meu processo formativo e atuação profissional.

Ao ser convocada no ano de 1991, fui trabalhar na Escola Estadual Rui Barbosa que fica localizada no município de Tibau. Acertos e erros fizeram parte desse período inicial, sendo alguns equívocos cometidos sobretudo pela falta de prática e conhecimento que marcaram o processo de constituição de minha identidade como professora. Entretanto, mesmo considerando os equívocos, as diretoras das escolas nas quais atuei como docente, no início de minha carreira, motivaram-me a seguir o caminho do magistério, a alçar novos voos.

Reconhecer-se professor não é a tarefa mais fácil para uma professora iniciante, principalmente quando se deixa de lado a sequência dos estudos na Academia, criando-se um sentido de vazio. Reforça ainda mais esse sentimento, a compreensão do senso comum de que a pessoa formada está pronta/acabada e é encarada como possuidora dos conhecimentos, com habilidades e competências próprias para o exercício do seu trabalho e/ou de sua profissão docente.

Por outro lado, adentrar a escola causa um estranhamento, por não ser mais acadêmico e, ao mesmo tempo, o novo status requer a tônica do saber fazer, sendo que esse fazer, em sua praxeologia (ação/prática), não dá lugar ao erro ou a pesquisa aplicada a aprendizagem do cotidiano escolar. Aprende-se ser professor, sendo-o. O relato de uma professora iniciante demarca essa proposição, quando afirma que ao entrar na sala de aula os alunos a olhavam. Ela estranhava. Eles a reconheciam como professora, mas ela estava alheia a tudo isso, pois não se via como professora. A proposição de que eles a reconheciam, reafirma o olhar que os alunos têm sobre a ‘pessoa professora’ e os papéis que ela desenvolve, em seu campo específico de trabalho.

Tal olhar foi construído socialmente com base na elaboração de “experiências, incluindo situações de aprendizado e decisões estratégicas” (Alberti, 2002, p. 165). Não se ver como professora, expressa que o distanciamento proposital entre academia e escola causa a insegurança. Inseguras, não desejamos ‘envergonhar’ a comunidade ou a sala de aula, uma vez que somos vistas como pessoas completas. A maneira de se reconhecer professora é o exercício que permite a viabilização do estreitamento entre academia-escola. Não ser mais acadêmico, mas ser professor aprendente no exercício da docência. As forças são estruturadas e a ‘aprendência’ é a atividade eterna que personifica professoras(es) como profissionais.

Ao longo desse período, acompanhei mudanças no sistema educacional brasileiro, sorri, chorei, cresci, mudei, transformei, fui transformada e, a cada marca adquirida, constituía-me professora, construía a minha identidade. Nesse processo, desempenhei vários papéis, inicialmente como auxiliar de classe, passando a professora de ensino fundamental e educação infantil e, finalmente, a gestora, diretora, coordenadora e tradutora intérprete de Libras. Posicionando-me no contexto, apresento, a seguir, um relato sobre o meu percurso profissional.

Conforme anteriormente mencionado, iniciei a minha trajetória profissional em escolas públicas estaduais, nesse período vivenciei algumas experiências ricas, mas também aspectos que nunca quis multiplicar, por mostrarem a professora que não olhava para os alunos, desrespeitando dificuldades individuais, colocando rótulos, mostrando indiferença à

diversidade ou a qualquer situação que não fosse considerada dentro dos padrões, favorecendo um ambiente escolar no qual o indivíduo era mero coadjuvante.

Assim, ao tomar a minha trajetória de escolarização como referência, reflito sobre as minhas “aprendizagens experienciais” e sobre “as aprendizagens formadoras”, considerando, nesta reflexão, aspectos vinculados às proposições didáticas e pedagógicas, a relação com os professores, às experiências de reprovação, a superação das dificuldades encontradas no processo de aprendizagem, as avaliações, as amizades estabelecidas decorrentes no tempo escolar e as mudanças subjetivas ocorridas nesta caminhada de escolarização.

Em fevereiro de 1993, fui transferida para minha cidade, Mossoró-RN, onde fui trabalhar no CIACs (Centros Integrados de Atendimento à Criança), localizado no bairro Belo Horizonte. Criado pelo governo federal, na época do presidente Fernando Collor de Mello, o CIAC, após a cassação do referido presidente, mudou de nomenclatura, passando a ser Centros de Atenção Integrada à Criança - CAIC.

Lá trabalhei durante cinco anos, onde pude ser professora titular pela primeira vez, na educação infantil, denominada antigamente de Creche na turma de “maternalzinho” que atendia as crianças de dois anos. Ao iniciar essa experiência, percebi que a tarefa de trabalhar com crianças pequenas era bastante desafiadora, o meu desconhecimento sobre a educação específica para esta faixa etária levou-me a encontrar limitações para o desenvolvimento de uma prática que, de fato, contribuísse para o crescimento pessoal, social e cognitivo das crianças.

Nesse percurso, tive que vencer muitos obstáculos, porém, tenho encarado as adversidades com determinação e otimismo e vivido experiências que me fazem crescer gradativamente como pessoa e profissional. A cada dia, redescobri-me como “uma professora” e espero seguir com as características que admiro nas crianças: a curiosidade e disposição de aprender. Não compreendia seus fundamentos e nem entendia os motivos que levavam as crianças a não aprenderem. Meus poucos conhecimentos limitavam-se ao que havia aprendido nos bancos escolares, os quais eram insuficientes para ensinar alguém a dominar a língua.

Com o tempo fui me atualizando com as novas pesquisas em educação, aprendendo a pensar, a ver as mudanças que estavam ocorrendo e a realidade com outros olhos, comecei a perder o medo e perceber que não estava só. Hoje posso dizer que o contato com as crianças, a emoção de cuidar e educar, de ver a alegria no rosto de cada uma ao aprender, ao conseguir ler, encorajou-me a seguir em frente e estar até hoje nessa profissão que é muito desafiadora,

embora desgastante, devido aos inúmeros obstáculos que enfrentamos no dia a dia, ao longo de cada jornada.

Como uma professora comprometida com a educação e com novos métodos de trabalhos, em sala de aula, pude ampliar meus conhecimentos, tornando-me uma pessoa mais flexível e me aperfeiçoando e adaptando-me às novas condições que o meio social oferecia. Sempre acreditei na possibilidade de desenvolvimento, crescimento e transformação de minha prática, de minha identidade que se modificou a cada experiência e vivência, assim como tenho consciência de que ainda é preciso muita luta, estudo e dedicação para trilhar esse caminho.

As memórias, dessa época de minha vida, foram embaladas nos mais variados papéis, do cheiro de álcool do mimeógrafo, da caneta azul, das folhas de estêncil, da tesoura, da cola, dos cadernos, dos livros e como mãe cansada, com o nascimento, em 1994, de meu segundo filho Bruno. Foram muitas noites debruçadas sobre a mesa, com as mãos manchadas de tinta, olhos atentos para não errar, régua para fazer as margens das inúmeras atividades planejadas e elaboradas, ao longo da semana.

Desempenhava os trabalhos com responsabilidade, eu reinventava a minha própria prática, ressignificava o aprendido e acreditava ser aquele o melhor jeito de ensinar. Minha intenção e preocupação, naquele tempo, era que os estudantes aprendessem a ler e escrever. Reafirmo: eu ainda não percebia ou não havia se tornado uma preocupação, para mim, atentar para os processos de aprendizagem dos estudantes, sobre o que as crianças aprendiam e como aprendiam.

Ali aprendi a alfabetizar. Foi com esse trabalho que minha paixão por ser professora se potencializou. Esses anos de trabalho foram vividos como um tempo de aprender, um tempo de expectativas, anseios e desejos. Nessa perspectiva, tornar-me professora se delineava no meu próprio fazer, na dedicação em dar aulas e por acreditar no sonho de ser professora. Assim, discutir a formação entrelaçando histórias, memórias e lembranças vem a ser, neste texto dissertativo, um momento de travessia, movimento convidativo de reflexão da ação, pensamento refratário, insubmisso.

Compreender a formação docente como experiência significa pensá-la como um continuum (Nóvoa, 1992), como algo que nos forma e transforma, nos modifica, nos provoca. Desse modo, fazem parte desse continuum formativo meus primeiros anos escolares, até o presente momento da docência. Em 1998, surgiu a oportunidade de trabalhar no Sesi- Serviço Social da Indústria, estava convencida do meu objetivo de me tornar professora com formação, certificada, pois a prática já vinha de longa esteira de tempo, sendo inspirada,

ensaiada, forjada no desejo que em criança germinou e na adolescência se fortaleceu. Essa instituição me proporcionou novos desafios, lecionar nas turmas do ensino fundamental menor, 1º ao 4º ano, tive que aprender novas estratégias de ensino para atender a demanda dos alunos.

Continuei participando de cursos e, na ocasião, fiz o Programa de Formação de Professores Alfabetizadores- PROFA, realizado pelo Ministério da Educação, em parceria com a Secretaria de Educação do município de Mossoró no ano de 2001. Esse estudo teve como base as transformações nas práticas de ensino da leitura e da escrita, ajudando-me bastante a aperfeiçoar e atualizar minha prática. Apesar de fazer várias capacitações, não era suficiente, pois meu sonho de ter uma formação acadêmica aumentava a cada dia. Tentei, pela primeira vez, no ano de 2003, o processo seletivo vocacionado - PSV, o vestibular da UERN para o curso de Pedagogia, mas infelizmente não fui aprovada.

Uma experiência recompensadora foi o período em que trabalhei no SESI, durante cinco anos, de 1998 a 2002. Atuando nas turmas de alfabetização, organizei várias apresentações, nas festas juninas, festas de colação de grau e, nos últimos anos na instituição, lecionei nas turmas do 4º e 5º anos.

No ano de 1999, durante as aulas, fui acometida de fortes dores na barriga e, em casa, mesmo medicada, não houve melhora, pelo contrário, só piorava. Fui ao médico. O diagnóstico foi apendicite e logo fui internada para um procedimento cirúrgico. Infelizmente, nesse dia, o hospital estava muito cheio de ocorrências graves e minha operação ficou para o dia seguinte. Passei a noite com dores dilacerantes, logo cedo me levaram a sala de cirurgia. Meu estado de saúde era preocupante, pois a apendicite tinha estourado e estava infeccionando outros órgãos do meu corpo. Mais uma vez, encontrei-me em risco de vida, e mais vez Deus e os médicos me salvaram. Minha imensa gratidão pela oportunidade de continuar minha jornada em busca da realização dos meus sonhos, junto aos meus entes queridos.

No final de 2002, fomos informados que a escola do SESI fecharia. Foi com muita tristeza que recebemos a notícia, foi muita comoção! Estávamos tristes de deixar esse clima saudável e harmonioso com profissionais competentes e que realmente levavam a sério a difícil arte de ser professor. Ali, fiz amizades para a vida inteira. Junto com algumas colegas mais queridas, fomos à procura de escolas. Não queríamos nos separar. Lamentavelmente, não conseguimos ficar todas na mesma escola. Encontrei vaga para atuar na sala do 5º na escola de ensino fundamental Estadual Aleixo Rosa que atendia a educação de jovens e adultos, localizada na cidade de Mossoró.

Iniciei, no ano de 2003, com alunos fora da faixa etária e moradores de periferia. Uma realidade totalmente diferente, pois, até então, nunca tinha ensinado estudantes com essas características. Confesso que foi muito difícil para mim, do início ao fim, entre os anos 2003 a 2005. Ainda em 2003, minha mãe adoeceu e, a partir daí, iniciou uma jornada de idas a médicos, realização de exames, tendo como resultado um câncer em seu estômago. Essa notícia deixou nossa família bastante abalada. Nosso porto seguro desmoronou, pois a personalidade de minha mãe era tão marcante, poderosa, inabalável, sendo impossível de acreditar que algo assim poderia estar acontecendo com ela.

Fomos orientados pelos médicos a levá-la para a cidade de Natal, para iniciar o tratamento, pois nessa época, em Mossoró, não tinha hospitais que disponibilizassem as medicações pelo Sistema Único de Saúde - SUS. Fui acompanhar minha mãe junto com meus dois irmãos, Novinho e Nelly. Conseguimos hospedagem com amigos, vizinhos dos meus pais que tinham parentes morando na cidade. Minha mãe ficou internada no Hospital Universitário Onofre Lopes, durante todo o mês de maio, do seguinte ano. Voltamos para casa no dia 18 de junho. Embora o tratamento tenha sido efetivado, não obtive resultados satisfatórios, fato que ocasionou o falecimento da nossa matriarca, no dia 26 de junho de 2003.

Essa fase da minha vida sem minha mãe foi muito marcante, pois até então, o cordão umbilical não tinha sido rompido. Éramos muito dependentes dos seus conselhos, das suas palavras amorosas. Mandona, tinha solução para todos os nossos problemas. E agora? Como seguir com a vida? Tive que me reinventar para conseguir superar essa perda, não foi fácil, mas consegui. Lembrei da mulher forte que me ensinou a nunca desistir e fui viver.

No ano de 2007, chegou o momento de concretizar o sonho de ingressar na universidade, a minha trajetória no Ensino Médio não foi o bastante para entrar na faculdade e dominar os conteúdos. Encontrei dificuldades na realização das provas do vestibular. O sentimento de incapacidade tomou conta de mim, me fez sentir fraca de argumentos, de posicionamentos críticos. Tentei, mais vez o vestibular, fui aprovada. Foi muita emoção ouvir meu nome na rádio. Estávamos todos reunidos na casa de meu pai, chorei, lembrando da minha mãe, que ia ficar pulando de alegria por mais essa minha conquista. Assim, começou o fortalecimento do elo entre minha vida voltada à educação, minha vida profissional e minha escolha acadêmica.

As aulas do curso de Pedagogia não iniciaram na data prevista, porque os professores entraram em greve. Nesse período, descobri que estava grávida do terceiro filho, Emanuel, que nasceu em 26 de outubro de 2007. As aulas iniciaram em novembro, mas só ingressei em janeiro de 2008, porque estava de licença maternidade. A minha inserção no curso de

Pedagogia foi de extrema importância para o desempenho das minhas funções no meu local de trabalho, pois ter um curso superior foi algo que sempre almejei.

Foi uma viagem inesquecível e, desse dia para cá, foi uma jornada de muita luta e muitas noites em claro para dar conta de tantos estudos, atividades e tarefas nas diversas disciplinas. No primeiro momento, passo a falar sobre os sentimentos que me rodeavam o coração, corpo e mente. Ansiedade, dúvida, medo, angústia e aflição, andaram juntas a mim nesse período da minha vida, mas com muita fé e determinação consegui superar, fui forte! Hoje, percebi que o potencial que eu carregava era desconhecido, até então. Pouco a pouco, me permiti firmar relações. A partir daí, na função de professora, fui amadurecendo, construindo meu espaço na educação, aprendendo e valorizando, a cada dia, minha profissão.

Foi bastante difícil conciliar faculdade com o trabalho na escola, casa e família, mas ao mesmo tempo foi gratificante, apesar da labuta que vivi, durante a realização desse curso. Noites mal dormidas, só podia estudar e realizar as atividades à noite, sem falar nos planos de aula e um bebê para cuidar. Vivi, ao longo dessa jornada, uma correria constante, deixando de ter momentos de lazer, para ficar estudando. Mas percebi que tinha que fazer algo diferente, que deveria aprender novas práticas pedagógicas que me fizessem desenvolver melhor meu trabalho. Algo que impulsionasse a me sentir realizada na minha profissão. Afinal, já estava com quase vinte anos de docência e, sem uma formação adequada, não conseguiria bons resultados em meu trabalho e acesso a outros cargos que eu almejava.

Diante do novo mundo acadêmico, surpreendi-me com a metodologia adotada pelos professores, a qual não se restringe apenas ao ensino e à informação, mas também envolve propostas de participação, em todo o processo. Todos os docentes apresentam uma ótima relação com os discentes, tendo em vista a interação constante em todas as aulas ministradas, favorecendo assim a construção de novos saberes.

Com a finalidade de atingir os melhores resultados na aprendizagem dos alunos, foram utilizadas diversas estratégias, entre elas: seminários dirigidos, palestras, oficinas, aulas de campo, entre outras. A partir das propostas apresentadas, foi possível perceber as ações didático-pedagógicas que contribuem, de forma efetiva, com a metodologia a ser desenvolvida pelos educadores, partindo sempre dos conhecimentos prévios dos alunos e estabelecendo, dessa maneira, relação direta com cotidiano, no processo de ensino e aprendizagem.

As propostas de aprendizagens proporcionadas pelo curso foram muito significativas e, aos poucos, consegui superar algumas dificuldades, tais como: a timidez nos momentos dos seminários a serem apresentados, nas discussões e na compreensão dos textos explorados. Eu

tinha consciência de que a mudança em minha prática teria que partir, acima de tudo, do meu interior. Esses momentos de estudos e busca de conhecimentos me familiarizaram com as novas metodologias de ensino, levando-me a reflexões e, conseqüentemente, à mudança. Percebi, porém, que alguns aspectos do ensino tradicional não poderiam ser desprezados e, sim, renovados.

Ao longo deste novo projeto de vida fui adicionando a minha formação profissional, novos termos, novas situações e olhares, que me fizeram enxergar e descobrir um novo mundo. Ser uma profissional qualificada com uma boa formação sempre foi minha meta. Tinha desejo de melhorar profissionalmente e atualizar meus conhecimentos. Por isso fui vencendo preconceitos que estavam enraizados em minha mente, os quais eu nem sequer dava conta da existência. O curso foi como um divisor de águas, tanto pessoal, quanto profissional, pois me fez compreender que a formação provoca ações e contribui para mudanças na maneira de pensar e agir, possibilitando refletir sobre atitudes e posicionamentos.

O curso de Pedagogia possibilitou mudanças na minha personalidade, busquei me posicionar diante dos estudos, opinando sobre as temáticas apresentadas, em sala de aula, com maior firmeza e clareza. Amadureci, não somente como estudante universitária, também como professora, mas principalmente como pessoa. Hoje, sei o quanto valeu a pena, cada leitura e releitura de textos, a participação nas discussões, nos grupos de trabalho. Todo conhecimento que adquiri me aperfeiçoou, me tornou mais forte. Isso porque a possibilidade de compartilhar saberes, de me sentir um ser pensante, capaz e com a oportunidade de favorecer a transformação de valores, crenças e ideologias maciças que deterioram a capacidade da constituição do cidadão, despertaram em mim a capacidade de me fazer sentir parte de um contexto, em que o conhecimento e o pensar eram de extrema importância.

O curso de Pedagogia também me proporcionou conhecer de perto a cultura surda, através do meu colega de sala, Luziano Barreto, que era surdo. Nos primeiros momentos eu sequer olhava para ele, tinha receio por não saber me comunicar, na verdade, só uma aluna falava com ele, a Elaine Cristina, pois tinha um irmão surdo e havia aprendido Libras. Na verdade, a turma deixava a cargo dela a interação dele com os demais colegas. Era sempre em seu grupo que ele fazia parte e isso não era justo, era obrigação de todos proporcionar acessibilidade para ele.

Foi pensando nisso que o DAIN, na época denominado, Departamento de Inclusão da UERN, promoveu o primeiro curso de Língua Brasileira de Sinais - Libras, ofertado somente para a nossa turma, com o objetivo de todos aprenderem a se comunicarem com nosso colega.

Esse curso tornou-se uma construção coletiva e a aprendizagem transfigurou-se em afetos, emoções, fortalecendo a relação entre todos.

Durante o curso encontrei uma antiga colega, que estava trabalhando como intérprete de Libras, traduzindo as aulas para Luziano, e trabalhava como coordenadora do Centro Estadual de Capacitação de Educadores e Atendimento ao Surdo - CAS Mossoró. Aproveitei a oportunidade e falei com ela do meu interesse em trabalhar na instituição, uma vez que eu já estava fazendo o curso de Libras e me identificava muito com a educação de surdos. Ela me orientou a concluir o ano letivo na escola e, no ano seguinte, em 2009, ir trabalhar no CAS. A oportunidade de trabalhar neste Centro havia chegado, em janeiro de 2009 iniciei minha linda e marcante trajetória de trabalho na educação de surdos. Chegando na instituição, fui trabalhar como professora da turminha de letramento infantil, com alunos na faixa etária entre três a oito anos.

Sabemos que ensinar é uma tarefa que envolve, principalmente, conhecimento acerca de como se dá o processo de ensino-aprendizagem; domínio do conhecimento a ser socializado; competência técnico-pedagógica; planejamento; intencionalidade pedagógica; competência para perceber e atender às especificidades educacionais dos alunos. Como vimos, incluir pessoas com necessidades educacionais especiais na escola regular pressupõe uma grande reforma no sistema educacional.

Figura 3 - Festa Junina CAS Mossoró



Fonte: Arquivo pessoal (2012)

Isto implica na flexibilização ou adequação do currículo, com modificação das formas de ensinar e avaliar; trabalhar com grupos, em sala de aula, e a criação de estruturas físicas facilitadoras do ingresso e circulação de todas as pessoas. É um grande desafio, fazer com que

a inclusão ocorra, sem perdermos de vista que, além das oportunidades, é preciso garantir o avanço na aprendizagem, bem como, no desenvolvimento integral do indivíduo com necessidades educacionais especiais.

Essa experiência como professora de alunos surdos, foi fundamental para eu dominar a Língua Brasileira de Sinais, dessa forma pude melhorar a qualidade do ensino oferecido para os educandos surdos. Foi essencial para a comunicação com os demais e para o processo de alfabetização, já que se fez necessário respeitar a língua natural e construir um ambiente propício para a aprendizagem escolar. Nesse sentido, foi necessário envolvê-los no processo ensino-aprendizagem possibilitando tornarem-se cidadãos conscientes de seus direitos e deveres, para atuar diretamente na sociedade na qual estão inseridos.

Como professora de alunos surdos, pesquisei novas metodologias e estratégias de ensino para facilitar a aprendizagem. Sempre realizei meu trabalho com dedicação e entusiasmo, comprometida com o trabalho de qualidade, integrando-me aos projetos da instituição e realizando atividades pedagógicas significativas. Vale registrar um trabalho em especial, algumas considerações sobre a produção escrita da pessoa com surdez, através do uso do software educacional HagáQuê. Passei a considerar a pertinência do uso de recursos visuais (imagens, desenhos, ícones e outros,) para o uso da língua portuguesa escrita pela pessoa com surdez. Ressalto o aspecto motivacional proporcionado pelo componente imagético, como uma estratégia promissora, para a participação do alunado em atividades pedagógicas.

Realizei, junto com minhas colegas professoras, a primeira caminhada em comemoração ao Dia Nacional do Surdo. Esse evento foi inédito na cidade de Mossoró, pois tanto os profissionais do CAS, como a equipe da Associação de Surdos - ASMOR, desconhecia essa data. Reunimos alunos, pais e professores, para organizar a comemoração. Pintamos camisetas, conseguimos carro de som e fomos para as ruas do centro da cidade, no dia 26 de setembro, de 2010.

Por ser a primeira vez, somente alunos, familiares e profissionais da instituição participaram. Mas, não sabíamos que isso era só o começo de um evento que iria virar tradição, no município de Mossoró. Essa caminhada foi a largada para muitos outros eventos que estavam por vir e iria agregar muitos parceiros na luta pela inclusão das pessoas surdas, como a DAIN/UERN, que até hoje está conosco nessa trajetória. Tenho muito orgulho de ter feito parte e ser idealizadora desse acontecimento especial.

É chegado o tal sonhado e esperado dia da formatura, quinze de dezembro de 2011, onde iríamos receber nosso diploma. Foi um momento de muita satisfação e sentimento de

dever cumprido. As noites mal dormidas, leituras nas madrugadas, lazeres sacrificados, tudo isso não importava mais, diante da alegria de concluir o curso e ter o certificado de conclusão nas mãos, em 15 de dezembro do ano de 2011. Na minha formatura fui acompanhada do meu padrinho, meu esposo Ariosto.

Figura 4 - Minha formatura de Pedagogia com meu esposo Ariosto



Fonte: Arquivo pessoal (2011)

Os desafios como acadêmica, em formação, foram muitos! A conquista da graduação foi uma trilha construída aos poucos. As interrogações sobre a minha vida, a disposição de avançar no tempo, foram o impulso para buscar o caminho que escolhi trilhar. Mesmo não querendo ser a salvadora do mundo, com meu trabalho, sempre priorizei destacar aspectos positivos na minha profissão, valores importantes, como o comprometimento, responsabilidade, disciplina. Um dos desafios frequentes em minha jornada, foi descobrir que o pensar dói, é árduo e, isso, causou-me um pouco de frustração. Ao longo da minha graduação, o pensar, argumentar, me incomodava, mas pude perceber que repercutia sobre o meu eu. Contudo, hoje, o pensar é uma dor “boa” diária, que agrega posições, argumentações, considerações, dando orgulho em ver a profissional que venho me tornando.

Tenho certeza de que as lutas travadas, o cansaço, o desânimo e a ansiedade observados nessa trajetória acadêmica não foram em vão. Hoje, considero-me uma mulher vitoriosa! Mas é importante ressaltar que, embora tenha conquistado esse patamar, tenho consciência de que é preciso prosseguir, em busca de novos conhecimentos, a fim de aprimorar minha atuação, na profissão que escolhi, visto que esta fonte inesgotável chamada conhecimento, está sempre à disposição para saciar nossa sede.

Após a conclusão da licenciatura, no ano de 2011, vieram outras conquistas. Durante três anos, no período de 01 de fevereiro de 2009 a 29 de outubro de 2012 trabalhei no CAS como professora. Nos últimos meses do ano de 2012, até dezembro de 2019, ocupei o cargo de coordenadora e gestora do CAS. Nessa época os Centros de Educação Especial não tinham o cargo de gestora e sim de coordenadora. Quem assumia, era designado, sem remuneração extra para exercer o cargo.

Dessa forma, em 30 de outubro de 2012, passei a ser coordenadora do CAS Mossoró à convite da Subcoordenadoria de Educação Especial - SUESP. Tomei posse do cargo em 30 de outubro de 2012. Em 2017, através de reivindicações da SUESP, a SEEC criou o cargo de gestora. Todos os centros foram contemplados. Fui nomeada gestora do CAS, em dezessete de janeiro de 2017. Iniciei um novo período da minha vida e pude desvelar, por rememoração, as diferentes fases pelas quais passei e a importância fundamental, de cada uma delas, para a compreensão/consciência do meu lugar no mundo, minhas decisões, minhas marcas.

Trata-se de um “caminhar para si” (Josso, 2004), para se conhecer por meio dos tantos caminhos percorridos, por diferentes lugares e tempos e, na relação com tantas outras pessoas. Isso significa que os sujeitos possuem uma história muito própria – com várias memórias do passado e do presente – e a recuperação delas, com a ressignificação dos fragmentos do passado, em interface com a reflexão no presente, promove projeções para o futuro.

O meu interesse pelo estudo da narrativa autobiográfica é uma das possibilidades, entre tantas, que a criatividade humana poderá sugerir, nesta busca de movimentar nossas compreensões e práticas educativas. E aqui trago as palavras de Nóvoa (1992), quando ele diz que o estudo das histórias de vida é consequência de um movimento mais amplo do que um simples modismo, sugerindo novos horizontes para as investigações com relação a questões referentes à experiência humana.

Porém, é importante deixar claro que a utilização da narrativa autobiográfica não me dá a certeza de um método infalível que vai assegurar a imaginação, o sonho, a brincadeira na prática docente. Estamos falando da narrativa autobiográfica como uma possibilidade de exercer um discurso plural, múltiplo, para, então, entrar em outra dimensão de como olhar, sentir e fazer a educação.

Ao aceitar o convite de narrar-se, o que não é fácil, enfrentamos o desafio de assumir a palavra e tornar pública nossas lembranças, opiniões, inquietações, formações e práticas profissionais. Assim, a riqueza de informações presentes nas narrativas autobiográficas e as possibilidades de interpretações que elas promovem levam a compreender diferentes aspectos

da formação docente e encadear acontecimentos relacionados à experiência profissional e, até mesmo, à vida na qual o autor é, ao mesmo tempo, escritor/ narrador/ personagem da história.

Esta se caracteriza como fonte de conhecimento e geradora de novos conhecimentos; está marcada por uma opção consciente, pelo desejo de renovação, de transformação e de mudanças, pela busca e implementação de novos valores que venham a dar uma nova direção à prática social. Ainda, as práticas profissionais geram experiências que, segundo Tardif (2010) são responsáveis pelos saberes específicos baseados no trabalho cotidiano e no conhecimento do meio.

Por meio das narrativas educativas, Josso (2010) acredita ser possível retirar da experiência, aquilo que foi aprendido pelo sujeito, em seu itinerário formativo. Para encontrar as aprendizagens advindas da experiência é necessário um exercício investigativo sobre o próprio processo de formação. Logo, o trabalho com narrativas autobiográficas torna-se um meio privilegiado de formação e de investigação, “porque a atividade de pesquisa contribui para a formação dos participantes no plano das aprendizagens reflexivas e interpretativas” (Josso, 2010, p. 71).

O sujeito, ao investigar retroativamente aquilo que lhe aconteceu, ao longo de sua vida, se forma, na medida em que elabora as aprendizagens realizadas experiencialmente. Como se pode perceber, a experiência é uma ideia que permeia fortemente o trabalho com as narrativas autobiográficas. Para Larrosa (2015, p. 48), “a experiência é o que me acontece e o que, ao me acontecer, me forma ou me transforma, me constitui, me faz como sou, marca minha maneira de ser, configura minha pessoa e minha personalidade”. Logo, é pela experiência que nos formamos.

1.3 Fazeres educativos: aprendizagens que carrego em minhas bagagens

Começo este tópico, com os versos da música “Menina” do talentoso Fabio Junior: “Olha, menina, mostra o seu pensamento, dentro dessa cabeça eu sei que tem um universo”. Esse verso retrata esse momento da minha vida. Eram tantas coisas na minha cabeça, tantos planos, foi a fase da ousadia, de arriscar; o tempo de enfrentar novos desafios com que me deparei, a busca de mais conhecimento necessários para tornar efetivas minhas conquistas.

A tarefa de atuar como gestora do CAS, foi bem aceita pelos funcionários, pois antes de ser gestora, eu era colega de trabalho e, dessa forma, iniciei a minha carreira de diretora. Antes, no cargo de professora, fiz estudos acerca do trabalho da educação de surdos e sobre o centro de atendimento ao surdo. Entrei em contato com o Instituto Nacional de Educação de

Surdos - INES, em fevereiro de 2013, com o objetivo de colher informações acerca de estratégias e metodologias para melhorar o atendimento do CAS. O INES representa a educação de surdos, em nível nacional e, desenvolve ações no que se refere à disseminação de conhecimentos e capacitação de profissionais para atuarem, de forma efetiva, na área da surdez. Desde então, essa interlocução entre os CAS e o INES, pode desenvolver parcerias.

Para garantir a oferta da educação bilíngue para os estudantes surdos ou com deficiência auditiva, o Ministério da Educação, no ano de 2001, propôs a criação do Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos, a ser realizado a partir de parcerias firmadas com as Secretarias de Educação dos Estados, o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) e a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS). A criação dos Centros de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez (CAS), foi uma reivindicação do INES e da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos - FENEIS. São órgãos ligados às Secretarias Estaduais de Educação (SEDUC) e têm como objetivo promover a educação bilíngue, por meio da formação continuada para profissionais que atuam no Atendimento Educacional Especializado (AEE) e da elaboração de materiais didáticos adequados a estudantes surdos e com deficiência auditiva.

O Centro é resultado de uma caminhada cuja meta é a inclusão do surdo no Rio Grande do Norte. Existe desde 2005 e foi oficializado, através do decreto nº 19.131 de 02, de junho de 2006, publicado no Diário Oficial do Estado do Rio Grande do Norte. É uma Instituição da Secretaria de Estado da Educação, do Rio Grande do Norte e está vinculado à SUESP, Subcoordenadoria da Educação Especial, pertencente à circunscrição da 12ª Regional de Educação - DIREC.

O CAS Mossoró busca superar a perspectiva de processos educacionais que levem à exclusão, primando pela educação inclusiva, através da organização de espaços educacionais que auxiliem o desenvolvimento dos alunos com deficiência auditiva, em turno inverso ao da escolarização. Contribui efetivamente para garantir o acesso dos alunos à educação comum, disponibilizando os serviços e apoios que complementam a formação desses alunos nas classes comuns da rede regular de ensino.

Quando iniciei minha gestão, no final de 2012, o CAS não era conhecido, a comunidade mossoroense desconhecia seu trabalho e a Língua Brasileira de Sinais - Libras era quase que totalmente desconhecida. Na verdade, eu mesma, só tomei conhecimento do centro quando fiz parte da instituição. O trabalho não era divulgado. Como professora, organizei um blog para divulgar as ações pedagógicas e, enquanto gestora, busquei mais

autonomia para procurar recursos e melhorar o atendimento, como também divulgar as ações realizadas.

Em 2013, fiz vários ofícios destinados à Subcoordenadoria de Educação Especial - SUESP, para conseguir recursos financeiros, com o objetivo de realizar novos eventos para disseminar a Libras, no município. Tivemos a ideia de realizar o primeiro festival de Libras, aumentar as turmas dos cursos de Libras, realizar itinerância nas escolas, como também promover palestras sobre a conscientização dos direitos das pessoas surdas, cultura e identidade surda.

No mesmo ano de 2013, recebemos o convite para participar do evento intitulado II Encontro Nacional do INES com os CASs. O INES estava realizando esse momento com os representantes visando discutir sobre a educação de surdos, nos diferentes estados da federação. O encontro aconteceu nos dias 23 e 24 de maio, na cidade do Rio de Janeiro, no auditório do Instituto. Como era a primeira vez da nossa participação no evento, ficamos mais na escuta, para colher informações, sobre os outros CAS. Também tivemos oportunidade de expor, em slides, o trabalho desenvolvido em CAS Mossoró, fazer e responder perguntas. Foi uma troca riquíssima, vimos que, muitas das nossas dificuldades, eram realidade em outros centros também. Saímos de lá com a certeza que não estávamos sozinhas na luta pela inclusão dos surdos.

Na ocasião, o INES aproveitou para lançar a TV INES - canal de TV brasileira com conteúdo pioneiro no Brasil, feito para atender a pluralidade de público e com conteúdo 100% acessível à comunidade surda. Os participantes do evento tiveram oportunidade de serem entrevistados no programa exclusivo com a temática “InterCAS”, Intercâmbio entre os CAS, um espaço para os centros mostrarem as especificidades dos seus trabalhos. Esses conteúdos se encontram no site da TV INES.

Além dessa parceria com o INES, firmamos também parceria com a professora Ana Lúcia Oliveira Aguiar, gestora da Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas - DAIN/UERN, realizamos vários projetos juntas. Iniciamos com o seminário, em comemoração aos oito de criação do CAS, tendo como convidada, a professora Vanessa Carvalho que apresentou sua dissertação de mestrado, cujo tema eram as contribuições do CAS junto às escolas públicas de Mossoró, no I Seminário Mossoroense de Tradutores e Intérpretes de Libras - I SMTIL, em 02 de agosto de 2013.

Fizemos também parceria na organização do evento do Dia Nacional da Libras, em abril de 2014, onde oferecemos palestras, oficinas e roda de conversas. Participamos dos Eventos da UERN: ERNAB E Seminário Potiguar, como também XVI Roda e Estudos, da

Lei Brasileira de Inclusão, Lei Nº. 13.146/ 2015. Participação no COINES com apresentações de 14 trabalhos, sendo 1 aprovado para publicação nas revistas do INES. Inclusive, a profª Ana Lucia Aguiar, em novembro de 2019, no Congresso Internacional do INES, foi como representante do CAS Mossoró, acompanhando a professora Mifra Angélica da Costa, docente do centro. O trabalho intitulado “Jogos Bilíngues como ferramenta didática para a prática do ensino de Língua Inglesa, na modalidade escrita para surdos”, produzido por Lucivanda Braga, Artur Maciel de Oliveira e Ana Lúcia Oliveira Aguiar e por mim, foi apresentado no evento, sendo um dos treze escolhidos com destaque nacional.

Os dez anos de Caminhada do Dia Nacional do Surdo foi um grande marco, pois estávamos completando uma década de uma caminhada pelas ruas do centro da cidade de Mossoró e muitos objetivos alcançados. Comemoramos as conquistas alcançadas: escolas bilíngues para surdos, expansão da Língua Brasileira de Sinais, a inserção do surdo no mercado de trabalho e a presença dos intérpretes nas escolas e universidades.

O CAS - Mossoró promove essa caminhada há treze anos e a cada ano podemos perceber que o número de participantes aumenta com a participação de alunos, funcionários, familiares e pessoas envolvidas na luta pela inclusão do surdo. O trabalho que o CAS tem desenvolvido, há dez anos, sob a gestão de Lucivanda Braga Lima é um trabalho de envergadura, dentro das políticas de inclusão para surdos. A professora Ana Lúcia Aguiar ressalta que a parceria UERN e CAS tem gerado uma vasta produção de pesquisa, formação continuada para professores, gestores na educação, na saúde e na cultura.

Outra questão importante é a Formação Continuada Práticas Educativas, Cultura, Diversidade e Inclusão, sob a organização e parceria entre DAIN\UERN e CAS/Mossoró. Esse conjunto de ações, com base nas políticas de inclusão da UERN, tem aprofundado parceria e ampliado as ações em conjunto, com as quais, os avanços da visibilidade das políticas de inclusão para pessoas com deficiência, acessibilidade e efetivação de direitos.

Promovemos também o I Festival de Libras e a 4ª Caminhada do Dia Nacional do Surdo. Esses eventos foram, a cada ano, crescendo e dando mais visibilidade ao trabalho da nossa instituição. Enaltecendo a difusão da Língua de Sinais para que ocorra a inclusão social e educacional. Nessa perspectiva oportunizamos a aprendizagem da Libras, através da oferta de Cursos para educadores, familiares de pessoas surdas, aos próprios surdos e a comunidade em geral.

Os nossos eventos sempre tiveram grande divulgação pela imprensa local, rádio, tv, jornais, tendo grande repercussão na cidade e região. Chegamos até a ser matéria informativa no site oficial do INES (maio /2013). Tudo isso contribui para a propagação da Libras; a

procura pelos cursos aumentou tanto que chegamos a fazer uma lista de espera. Na minha gestão passamos a fazer cursos de formação continuada de professores(as), e de professores(as) intérpretes que atuam ou irão atuar junto a estudantes que apresentam surdez.

Os CASs passaram a funcionar por meio de interface entre as Secretarias de Educação dos estados brasileiros, inclusive no sentido de que suas atividades tenham validade no plano de carreira dos profissionais da educação, com o INES - RJ, com as instituições de Ensino Superior. Parcerias foram firmadas com organizações não governamentais, no sentido de garantir a participação de seus professores como formadores de professores nos cursos de atualização, aperfeiçoamento ou capacitação, em serviço, de professores e instrutores surdos da rede pública.

No nosso município todos os anos temos homenagens feitas às pessoas que se destacam na educação. Através do decreto legislativo 67/2013 foi-me concedida a Medalha do Mérito Educacional Professor Solon Moura, pelo destaque do meu trabalho realizado em prol da educação. Nesse momento, vem à minha cabeça aquela menina tímida, a aluna que só tirava notas baixas, que tinha medo de falar em público, agora sendo reconhecida e homenageada. Não tive palavras para expressar minha gratidão às pessoas que surgiram em meu caminho, pois se não fosse por elas, pela soma de todas elas, não teria conseguido essa comenda e esse fruto como reconhecimento: os saberes adquiridos e colocados em prática no decorrer da minha vida pessoal, acadêmica e profissional.

Segundo Tardif (2002, p. 99), existe uma forte relação entre os saberes profissionais e a carreira, constituída por diferentes aspectos ligados ao “[...] domínio progressivo de relações de trabalho.” e que “Essa relação está fundamentalmente associada ao tempo.”, não só do âmbito didático e pedagógico, mas também, do ambiente da escola e das relações estabelecidas com os diversos atores educativos.

Realizamos, na cidade de Mossoró, eventos inéditos, seminários, palestras, oficinas, festivais de Libras, caminhada do Dia Nacional do Surdo, atividades sempre organizadas em parceria com a DAIN/UERN. No ano de 2018, recebemos o convite da Prof^a Ana Lúcia Aguiar para compor a equipe do Projeto de Internacionalização de Políticas Inclusivas que tinha como objetivo realizar formações para os profissionais da educação de outros países.

Outro projeto do qual fiz parte foi o Coral Libras Encanto, idealizado pela prof. Ana Lúcia Aguiar e produzido pela DAIN/UERN. Foram muitas apresentações, em vários lugares, eventos e instituições. Um projeto inovador no município e no estado, o primeiro coral com apresentações de músicas interpretadas em Libras.

No referido ano, fomos para o Chile, na cidade de Santiago, especificamente, na Universidade Nacional de Santiago, onde realizamos a I Jornada Pedagógica Chilena de Educação Inclusiva: Práticas Educativas, Cultura, Diversidade e Inclusão. Esse evento teve destaque nas mídias da cidade de Mossoró e região. Foi uma experiência muito gratificante e a oportunidade de compartilhar nossa prática pedagógica e também dialogar com alguns educadores que fazem a educação inclusiva na cidade de Santiago.

No Chile, também tivemos a oportunidade de visitar as três casas museus de Pablo Neruda. Pablo Neruda foi um dos escritores mais importantes do Chile e da América Latina. Falecido em 1973, ele deixou três casas pelo país que hoje são museus: a La Chascona, a La Sebastiana e a Isla Negra. Elas serviram de grande inspiração para suas poesias e nelas grandes obras de Neruda foram escritas. No museu encontramos pinturas e objetos curiosos que Neruda comprava no porto. Além disso, lá é possível ver cômodos que foram remontados para mostrar como o poeta vivia na casa.

Figura 5 - Congresso do INES na cidade do Rio de Janeiro



Fonte: Arquivo pessoal (2018)

Vale ressaltar também a nossa viagem ao Rio de Janeiro, em setembro de 2018, onde fomos participar do Congresso Internacional do Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES. A participação nesse congresso foi destaque nacional, pois tivemos trabalhos aprovados e premiados, com indicação de publicação em revistas, emissora de rádio do instituto, da TV INES. A partir daí, foi possível contar com a presença dos profissionais do instituto, para realizarmos formações aqui em nossa cidade.

Essas formações foram muito importantes para nossa cidade e região, pois mobilizou cerca de quatrocentos profissionais que participaram desse evento, o Programa Nacional de Capacitação em Educação Bilíngue de Surdos (PRONAEBS), cujo intuito é prestar apoio técnico a instituições públicas, através da capacitação de recursos humanos, por meio de ações de extensão e por meio do INES, em parceria com o CAS Mossoró, com apoio da DAIN/UERN e a Faculdade Católica do RN.

Alcançamos a conquista do prêmio de gestão escolar promovido pela Secretaria de Educação do Estado do RN - SEEC. Essa condecoração inédita, até então, nenhum centro de educação especial, aqui representado pelo CAS Mossoró, tinha sido condecorado. O trabalho realizado no CAS Mossoró foi reconhecido como um clarificador da ação educativa, em sua totalidade, na inclusão das pessoas com surdez e como instituição pública que contribuiu efetivamente para o avanço da educação das pessoas surdas no Estado do RN, visando oportunizar, através dos seus serviços, o apoio educacional bilíngue as pessoas surdas.

Figura 6 - Lucivanda Braga Lima, Prof^o José Evangelista de Lima e a Prof^a Ana Lúcia Oliveira Aguiar



Fonte: Arquivo pessoal (2019)

Enfim, destacamos viagem à Colômbia, na cidade de Medellín que, apesar do passado violento, nas décadas de 1980 e 1990 foi considerada uma das cidades mais perigosas do mundo, mas, em um período de 20 anos, ressurgiu das cinzas e, atualmente, é uma das cidades mais interessante e atraentes da América Latina. Tornou-se modelo de transformação social. Essa parte da trajetória da minha vida foi muito especial e significativa, pela segunda vez a prof.

Ana Lúcia Aguiar convidou-me para participar das conferências, desta vez na Universidade de Medellín, ministrar formações para os professores do Colégio Campestre Conquistadores e alunos do curso normal na cidade de Santa Rosa de Ossos.

Continuamos nossa viagem fazendo uma caminhada pelas ruas da cidade, especificamente, em um local que é chamado "coração da cidade", conhecemos a praça que abriga esculturas do artista Fernando Botero. Com formas rechonchudas, a cabeça, o gato, o guerreiro romano, a vênus adormecida, a mulher com espelho, todos compõem uma visão inspiradora. Encontramos nessa praça e outros recantos da cidade, homens, mulheres e crianças, imigrantes da Venezuela, em busca de emprego e uma vida melhor para suas famílias. Essas pessoas apesar das dificuldades se mostravam alegres, passavam dias atrás de lugares para dormir e comer e, alguns deles, cantavam nos sinais de trânsito e em restaurantes, trazendo alegria e entretenimento. Escuto na sua fala, quando dizem que o homem é um ser histórico, portanto capaz de construir sua história participando ativamente com os outros no mundo, lembrando sempre que, o desejo deles, se reporta ao mundo imediato dos sujeitos, isto é, o local onde vivem, criam, produzem, sonham.

Os moradores da Colômbia são muito solidários com os imigrantes venezuelanos, dizem que é uma dívida de gratidão, pois nos anos 80, quando passavam por uma crise econômica e a Venezuela vivia um período de desenvolvimento, o governo venezuelano, da época, permitiu a entrada de milhares de colombianos, na Venezuela. Continuamos encantados pelas belas paisagens de Medellín, enquanto andávamos no táxi, pudemos vislumbrar o vale de prédios imponentes, com arquitetura de tijolos à vista, cercado de montanhas, onde ficam as favelas, as chamadas comunas.

Andamos de teleférico, o Metrocable, um meio de transporte que favoreceu a classe mais pobre da cidade, as pessoas que moram nas comunas, dando um conforto e dignidade a elas. Foi a primeira vez que andamos em transporte desse tipo, que é muito comum para o povo de Medellín. Foi um passeio emocionante, com direito a friozinho na barriga. Também conhecemos a cidade de Santa Fé de Antioquia, uma das antigas cidades da região e que mantém sua arquitetura colonial do século XIX. A arquitetura chama atenção pelas janelas e varandas, típicas de Antioquia. Nas estreitas ruas de pedra há várias lojas de artesanatos, cidadezinha linda que cultiva a tranquilidade. No caminho de Santa Fé pudemos ver uma ponte suspensa, dizem que é a primeira e a maior ponte da América do Sul.

Em dezembro do mesmo ano, eu e a professora Ana Lúcia recebemos a notícia que seríamos convidadas pela Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Norte, para participar de uma sessão solene, em homenagem às pessoas e instituições que se destacaram

na luta pela efetivação dos direitos das pessoas surdas, no Estado do Rio Grande do Norte. Foi mais uma conquista pelo reconhecimento do nosso trabalho no Oeste Potiguar. Ser homenageada em nível estadual foi de grande orgulho para mim, sigo dizendo que, essa vitória tem muitas mãos entrelaçadas, formando o meu "todo" constituído de partes e que foi favorecido pelas experiências vividas. A professora Ana Lúcia Aguiar não pôde comparecer ao evento, mas enviou a prof^a Ana Elilia Trigueiro, pessoa surda, para representá-la e receber a comenda em seu lugar.

Figura 7 - Sessão Solene: Dia Nacional do Surdo, Assembleia Legislativa do RN.



Fonte: Arquivo pessoal (2019)

Em 2021, fiz a seleção para ingressar no Programa de Pós-Graduação, Mestrado POSEDUC/UERN, na linha de pesquisa Práticas Educativas, Cultura, Diversidade e Inclusão, tendo como orientadora a professora Ana Lúcia Aguiar. Estava concorrendo, pela terceira vez, a essa vaga. Neste ano, o meu projeto foi aprovado e passei para as próximas etapas, sendo selecionada. Essa conquista foi almejada por mim há bastante tempo e será um novo desafio cursar o mestrado, mas com compromisso, disciplina e organização, vai dar tudo certo!

Iniciei o ano de 2022 cheia de planos e feliz pela conquista inédita de cursar o mestrado, entretanto, mal sabia eu o que o futuro me reservava, logo nos primeiros meses. No domingo de carnaval, meu esposo Ary sofreu um infarto fulminante que o levou a óbito. Um acontecimento inesperado que abalou toda a família. Meu marido sempre foi um incentivador dos meus projetos, me apoiava em tudo. Para eu me dedicar aos estudos, meu esposo me ajudava nos afazeres domésticos, ocupava-se de orientar as tarefas de nosso filho caçula, Emanuel. Sempre que eu precisava cumprir meus compromissos, ele chegava junto para me dar apoio. Tivemos que lidar com essa lacuna, esse vazio que devastou nosso lar. Os primeiros

dias foram terríveis, sua presença estava em cada canto da casa. Nosso conforto é saber que demos a ele muito amor, uma família e amigos que o amaram muito!

Aos poucos fui retomando minha vida, voltei ao trabalho, as aulas do mestrado iniciaram, a rotina pouco a pouco foi devolvendo a minha alegria de viver. Afinal, não posso esquecer que eu nasci para ser feliz e tenho imensas possibilidades à minha frente, de recomeçar e reconstruir meu caminho. Foi dessa forma, agarrando as oportunidades que fiz minha terceira viagem para América Latina. Dessa vez para Bolívia, em Cochabamba, novamente a convite da professora Ana Lúcia Aguiar.

Embarcamos para mais uma jornada pedagógica internacional, no período de 04 a 19 de julho de 2022. O grupo era composto por seis mulheres, com diferentes formações e temas variados, para realizar o trabalho. Chegamos à cidade de Cochabamba, no dia quatro de julho, uma segunda-feira. Na terça, dia cinco, iniciamos a formação tendo como público alvo os professores da *Comunidad Educativa de La Iglesia Local - CEIL*, uma escola da rede privada de ensino, que tem como dirigente o Srº Juan Pablo Vargas Lopéz: Delegado Episcopal Jurisdiccional - CEIL. Os grupos de professores foram organizados e divididos por anos e séries que atuavam. Foram três dias de formação, nos turnos matutino e vespertino.

Realizamos também capacitação na *Universidad Mayor de San Simón - UMSS*. As apresentações foram transmitidas nas redes sociais da instituição e o público alvo foram professores e estudantes. Durante nosso tempo livre conhecemos os pontos turísticos de Cochabamba. A cidade é localizada no coração da Bolívia e é lendária sua história, suas tradições, seus pratos variados e todo seu mistério que deslumbra quem visita a cidade. Nossos amigos, Alberto Labera e Pedro Choque nos levaram para visitar o Cristo de La Concordia. Desde o ano 1987, é parte da história da cidade, a imagem é considerada a maior estátua de Jesus do mundo, dadas as suas dimensões, a imagem é visível a partir de quase qualquer lugar na cidade. Em outro dia, eu e a prof. Ana Lúcia fomos visitar novamente e dessa vez utilizamos o bondinho, já que na primeira visita, tivemos acesso ao local de carro.

Quantas trajetórias, quantos momentos marcantes vivemos nessa viagem, voltamos para casa com nosso coração preenchido de muita paz, diante de tantos lugares encantadores e de pessoas maravilhosas e generosas que conhecemos, nossa vontade era de não ir embora. Mas partimos com a certeza que trouxemos conosco muita leveza, tranquilidade e felicidade, deixamos também um pouco de nós, nos lugares que vivemos. Expresso aqui, minha gratidão a profª. Ana Lúcia Oliveira Aguiar, pelo convite para fazer parte da sua equipe de internacionalização de políticas inclusivas, pelo reconhecimento do meu trabalho que fez toda a diferença na minha vida pessoal e profissional.

Conviver com Ana Lúcia, tê-la como mestra, é mais que um privilégio, foi e é um presente que a vida gentilmente me deu, seu zelo para com os que a cercam, é uma das características dessa grande pequena mulher, sempre nos orientando com seus conselhos, carregados de amor e sabedoria, incessantemente nos guiando, para encontrarmos nossos caminhos, andando lado a lado conosco. Com a professora Ana, aprendi a conquistar meu lugar, como ela sempre me diz “não queira a coroa de ninguém, mas não deixe tirarem a sua coroa”, a mulher que hoje me tornei, tem muito dela, cheia de otimismo, determinação, garra, sonhos, empoderamento e que não tem medo de seguir em frente.

1.4 Impulsionar e ir: o repensar da minha própria história de vida no encontro com a autobiografia

Resgatar a história pessoal é, sem dúvida, mergulhar em um passado pertencente a nós e a outros sujeitos que constituíram, de diferentes formas, nossa experiência formadora, conforme Josso (2010). Decerto, sob nossa percepção, toda experiência é alicerçada nas mais diferentes marcas ideológicas, dos diversos contextos pelos quais passamos no percurso temporal de nossa existência. Todavia, por mais que consideremos o tempo necessário para o bom aproveitamento das experiências formadoras, percebemos que, na contemporaneidade, ele tem se revelado, cada vez mais veloz, haja vista a globalização reforçada pelo desenvolvimento acelerado das novas tecnologias da informação e comunicação, a mobilização acelerada dos conhecimentos e os impactos da diversidade e novas profissões.

Isso tudo intensifica as exigências pessoais e profissionais, provocando um assoberbamento de tarefas em nosso cotidiano. Sob essa ótica, recupero, em minhas memórias, a trajetória da minha constituição profissional, até a conquista de ingressar no Mestrado. Formada no Curso Normal Magistério, licenciatura em Pedagogia, sempre atuei nas mais diferentes áreas da Educação. Contudo, no ano de 2009, senti meu coração bater mais forte na área profissional de educação especial, momento em que iniciei um trabalho no Centro de Capacitação de Educadores e Atendimento ao Surdo - CAS. Nesse espaço educacional, aprendi, verdadeiramente, o que é humanidade/alteridade em seu significado mais profundo, desprendendo-me de conceitos pré-concebidos.

Ao mesmo tempo, aprendi a olhar o estudante com deficiência como uma pessoa dotada de potencialidades e habilidades, sempre disposta a crescer e se desenvolver. Nessa perspectiva, não sobrava tempo para sentimentos de negatividade, piedade ou tristeza, ao contrário, na incompletude do ser humano, nascia o desejo de superar limites e limitações, minhas e dos meus estudantes. Sobre essa incompletude humana que nos acompanha, Freire

(2008, p. 24) afirma: “Enquanto humanos somos incompletude, convivemos permanentemente com a falta. Sempre falta. É da falta que nasce o desejo. Porque seres incompletos, no convívio permanente com a falta, somos seres desejantes”.

Nesse contexto que favorece a busca por respostas e, do mesmo modo provoca tantas inquietações, vejo-me diante de leituras e escrita para tratar de um tema, ao mesmo tempo, incitador e cativante. Algo que nunca imaginara, nem em meus melhores sonhos. Isso porque, ao colocar em evidência a profissão Intérprete Educacional, vivencio aflições e aspirações. Nesse quarto tópico me permito apresentar o fazer profissional Tils, na contemporaneidade.

Iniciando o estudo da minha biografia, posso declarar que a busca da identidade profissional é uma das principais características, em que a abordagem se caracteriza em minha história de vida. O processo de formação possibilita saberes e práticas. A vida transforma-se em vários contextos, em ciclos formadores. Ao longo da minha formação docente, pude refletir sobre a reprodução dos valores sociais. Valores esses que carrego comigo, minhas experiências mais significativas.

Essa reflexão sobre os desafios enfrentados na prática docente contemporânea e, diante da minha escolha em ser educadora, naquele momento, em formação inicial como tradutora intérprete de Libras, me ponho a questionar os desafios dessa profissão na atualidade. Esta investigação está sendo fundamental para eu confirmar a escolha da minha formação, visto que, me pego a pensar sobre meu trabalho nessa profissão. O ciclo narrativo sobre mim, chega ao último capítulo. Esta emocionante viagem é a responsável pela transformação de meu ser, enquanto criança, jovem, mulher, esposa, mãe, pedagoga e educadora em formação, Isso me faz reconhecer o esforço contínuo, favorecimento ao diálogo propício, amadurecimento e crescimento profissional e pessoal.

Como pesquisadora em formação, remetendo à escrita autobiográfica, procuro um sentido na história de vida, propondo-me a uma narrativa. Busco a possibilidade de reconstrução de um passado, valorizando o momento presente, reavaliando-o e, dessa forma, tornando a minha investigação uma história que eu mesma seja capaz de compreender. Ao exercitar minhas lembranças, vejo-me, em alguns momentos, nas imagens que tenho sobre os professores que já passaram pela trajetória escolar durante a minha vida.

Partindo dessas vivências e experiências e buscando a continuidade pela formação no ensino superior, este estudo me faz questionar sobre o fazer do professor na contemporaneidade. No resgate dessas recordações, senti-me estimulada com as lembranças de profissionais que carrego na memória. Encontrei ao decorrer da escrita desta investigação, questionamentos que me provocaram e se puseram em discussão. Desse modo, busco agregar

conhecimentos, a um conjunto de reflexões que vão me proporcionar argumentos oriundos das indagações presentes.

Acredito que, entre os argumentos elencados no texto, é pertinente pensar na bagagem de conhecimentos que eu, como acadêmica e educadora, no decorrer destes anos, agreguei em relação à educação. Passo a compreender que, ao trabalhar em sala de aula, a docência exige muito. Isso me ajudou a manter contato com a realidade em que me incluo, repensando questões já apresentadas por outros professores, em minha caminhada escolar.

As maneiras de agir são compartilhadas de geração a geração, através da educação, silenciar e recuar foi um destes meios, quando me detenho em pensar a educação. É preciso ressaltar a importância do preparo necessário na formação do profissional que trabalha com educação, para proporcionar aos alunos a reflexão sobre o mundo e a vida social. Acredito que minha formação permitirá que eu seja uma educadora que instigue os alunos a serem questionadores, levando-os a novas descobertas, sendo capazes de criar soluções para diferentes situações, priorizando o diálogo. Na busca pelo entendimento do instante, sugerir possíveis soluções dos problemas. Esses momentos são sempre desafiadores!

O meu percurso profissional na educação de surdos proporcionou a vivência de momentos importantes que concretizam a trajetória da atenção educacional desses sujeitos em Mossoró/RN, como professora, gestora, coordenadora pedagógica e, posteriormente, intérprete de Libras. Passo, neste momento, a falar sobre mais uma conquista que alcancei e me fez trilhar outros caminhos na vida profissional. Em 2015, fiz o concurso da SEEC/RN para o cargo de tradutor/intérprete de Libras, fui aprovada e convocada somente quatro anos depois, em 2019. Ao ser convocada, fui trabalhar na Escola Estadual Dr. Lavoisier Maia, na turma do 9º ano do ensino fundamental. Atualmente, estou lotada na Escola Estadual Tertuliano Ayres Dias, na turma do 4º do ensino fundamental, acompanhando um aluno surdo com dez anos de idade.

Vi-me no contexto da tradução/interpretação de língua de sinais, diante da iminência de interpretar uma aula teórica ou prática, em sala de aula ou em um laboratório, à frente de uma série de demandas, com as quais precisei lidar, durante o processo de interpretação. Algumas dessas demandas foram de ordem linguística - diferentes níveis de registro linguístico, termos específicos de ordens da área, entre outros; ou tradutória - melhor modo de interpretação, se simultâneo ou consecutivo, modos de preparação da interpretação, estratégias como explicitação, adaptação, tradução literal, dentre outras, adotadas no processo de interpretação.

Traremos, a seguir, algumas observações já feitas e alguns conceitos que se fazem necessários para o andamento de nossa pesquisa. Iniciaremos apresentando a definição do profissional intérprete de Libras, proposta por Quadros (2004, p. 63), onde ela afirma que o intérprete de Língua de Sinais é a:

Pessoa que interpreta de uma dada língua de sinais para outra língua, ou desta outra língua para uma determinada língua de sinais, ela enfatiza que com a atuação deste profissional em sala, enfatiza a 'adequação da estrutura física da sala de aula, a disposição das pessoas em sala de aula, a adequação da forma de exposição por parte do professor'.

Para esclarecer a nomenclatura aqui utilizada, de acordo com Tuxi (2009), a prática profissional é chamada de tradução/tradutor, quando diz respeito à transposição de uma língua para outra, de uma mensagem escrita e interpretação/intérprete quando esta situação acontece quando a fala está sendo produzida, podendo ser de forma simultânea ou consecutiva. Portanto, quando me refiro ao profissional, de forma mais abrangente, utilizo a expressão tradutor intérprete de Língua Brasileira de Sinais (Tils), embora já exista uma modalidade escrita da Língua de Sinais, o SignWriting. No Brasil ela ainda não é vigente e, nas escolas públicas do RN, esta modalidade da língua não tem circulação.

Com base nestes princípios, ao me referir a este profissional, uso apenas Intérprete de Libras/Português (Tils). O intérprete que trabalha em escolas é chamado de intérprete educacional (IE), portanto, ao longo do texto, quando forem usadas as siglas Tils e IE, é do mesmo profissional que estarei tratando, porém em espaços e especificidades diferenciados. Sendo assim, fica claro que a importância em discutir este tema é devido a sua ligação com o panorama educacional da atualidade onde se tem introduzido este novo profissional em seu quadro funcional. Além da experiência profissional, enquanto profissional da educação atuante em diversos espaços e, estando em contato com a problemática que permeia esta inserção, foi possível perceber os diversos desafios enfrentados pelo intérprete em sua atuação.

A partir destas experiências pude refletir sobre as contradições em que os IE vivem atualmente em seus ambientes de trabalho, pois alguns dos relatos dos colegas da época, trazem depoimentos claros acerca do desconhecimento de qual é o papel do intérprete na sala de aula, tanto por parte dos professores, alunos surdos, ouvintes e gestores da instituição, como também dos próprios profissionais, em atuação. Este desconhecimento tem provocado algumas situações pedagógicas inadequadas e, até mesmo constrangedoras como, por exemplo, a proibição de interpretar a aula porque o professor da sala se sentia vigiado.

O desconhecimento do papel do intérprete, entre gestores e profissionais escolares, de modo geral, tem resultado em desvios de função, em ocasiões de falta de professores nas instituições, outras vezes, situações em que os mesmos recusam-se a interpretar determinado assunto, em favor de sua religião, o que fere a conduta dos Tils prevista no Código de Ética Profissional. Depois de mais de dez anos da Lei de Libras - 10.436/2002, ainda podemos encontrar escolas que creditam aos tradutores intérpretes funções destinadas ao monitor escolar ou ao atendimento educacional especializado. Outro aspecto peculiar da atuação deste profissional é a afinidade que pode ser construída, ao longo da convivência, entre os atores envolvidos na escola inclusiva.

O Intérprete, devido a afinidade linguística com a pessoa surda que atende na escola, torna-se a companhia mais frequente e a pessoa mais próxima delas, estreitando uma relação de cumplicidade e confiança, sentimentos que são nutridos não apenas por um cotidiano de convivência, mas pelo fato de as pessoas surdas acreditarem que este profissional é o canal que pode proporcionar a construção de um elo entre elas e o mundo, incluindo todas as informações mediadas por ele.

Há uma previsível expectativa, por parte da pessoa surda, de que os caminhos a sua frente se abram, para o conhecimento de um mundo, até então obscuro e que agora pode ser descortinado e explorado. Estes são alguns pequenos exemplos dos desafios que vêm sendo enfrentados pelos IES atuantes nas escolas estaduais do RN. Além disso, estes atos alertaram-me para a necessidade de pesquisas que possam contribuir para a melhoria da qualidade do ensino público que está dirigido às pessoas surdas, através do fortalecimento do profissional IES atuando nesses espaços.

Destaco a importância da minha postura no conjunto de minhas práticas, nesse novo desafio, posto que, essa é uma experiência humana impregnada de momentos imprevisíveis. O modo como conduz situações inesperadas pode vir a refletir na prática dos IES. Procuro também pensar e questionar o quanto eu, Intérprete Educacional, em formação, necessito dialogar com essas propostas, buscando a motivação dos alunos surdos, inteirando-me de novas possibilidades de atuação e inovação, de propostas diferenciadas e estratégias exitosas.

Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira, às quatro horas da tarde. Ninguém nasce educador ou é marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática (Freire, 2018). As palavras do saudoso Freire me remetem a refletir a minha prática e quanto é necessário o questionamento na docência, a reflexão sobre a prática pedagógica, à qual tanto recorro no exercício desta autobiografia,

Partindo da construção da autobiografia, podemos refletir sobre a construção da identidade docente e o processo de formação, como também reconhecer a importância das vivências, caracterizando-as como experiências formadoras. Esse processo de reflexão desencadeia uma representação atuante na realidade, considerando as ações, o reconhecimento dos conceitos, confrontando com os outros processos. Esses fatores manifestam algumas alternativas, dando possibilidades ao professor de retomar a sua prática, analisando-a, ocorrendo dessa forma uma maior compreensão. A formação docente é construída através de características como ferramenta social, pois surge de reflexões individuais, para depois ser compartilhado, pensado e desenvolvido para o coletivo.

Busco assim, fazer uma reflexão sobre qual é importante indagar a própria história de vida, sistematizando o tempo, através de narrativas autobiográficas, como uma ferramenta articuladora de interpretação e construção dos saberes. A criação do conhecimento demanda mudanças, pelo exemplo pedagógico: fazendo com que o indivíduo produza o raciocínio de um certo problema, possibilitando a construção de sua própria reflexão, criando estratégias para resolvê-lo.

Quando o profissional da educação aprende, elabora e escreve uma pesquisa, ele passa a desenvolver competências que contribuirão para a solução de problemas em sala de aula e na escola. Neste contexto, a questão a qual me remeto é que as situações devem ser investigadas e fundamentadas, em busca de novos caminhos, para o exercício da sua formação, em prol da aprendizagem e desenvolvimento, produzindo cada dia mais conhecimento, atendendo a seriedade que o exercício educacional exige.

O governo estadual do RN, entendendo esta necessidade e respeitando a determinação da obrigatoriedade legal, tem contratado, desde 2010, o profissional IE, sendo que tais contratações têm sido efetivadas, através de contratos de Prestação de Serviço Temporário –, em um projeto denominado “Tradutor Intérprete de Libras nas Escolas do RN”, visto que ainda não existia este profissional no quadro funcional da Secretaria da Educação.

Porém, no início das contratações, pouco foi questionado a estes TILS, no que tange à formação, assim como não foram explicitadas as funções do trabalho, quando atuam em ambientes educacionais. Além disso, a comunidade escolar não recebeu previamente esclarecimentos acerca da função deste profissional e isto tem causado algumas das dificuldades, apresentadas anteriormente. Reforço que conheço esta realidade, por todo o meu percurso formativo e profissional e, atualmente, trabalho como IES, em uma escola estadual da rede. Minha experiência profissional, me dá esse respaldo, por certificações e formação

específica e experiência na área, de forma que esse aprendizado suscitou o desejo de maior investigação sobre esse profissional e ambiente de atuação.

Diante desta situação, deve-se lembrar que as pessoas surdas têm um histórico de exclusão educacional devido, principalmente, às barreiras linguísticas na escola. Desta forma, é urgente assegurar o direito conquistado, para que as aulas sejam ministradas, em sua própria língua. No entanto, esta garantia por si só, ainda não soluciona a questão da acessibilidade das pessoas surdas à educação formal de qualidade. Assim, entendo o Tils, enquanto articulador da inclusão educacional do surdo e, por isso, busquei compreender quais são as possibilidades e desafios do trabalho pedagógico do intérprete de Língua Brasileira de Sinais no ambiente educacional.

Pensando na grande importância que a língua tem para um povo, percebemos quão grande é a responsabilidade do intérprete que irá transpor mensagens de uma língua para a outra. Este intérprete terá de desenvolver não apenas uma competência linguística, ou seja, a fluência nas duas línguas com as quais trabalha, mas também a competência tradutória e cultural. O ato de interpretar por si só, envolve “um ato cognitivo-linguístico, ou seja, é um processo em que o intérprete estará diante de pessoas que apresentam intenções comunicativas específicas e que utilizam línguas diferentes” (Quadros, 2007, p. 27).

Para realizar esta ação o intérprete deverá conhecer as especificidades da língua fonte e da língua alvo, pois durante a sua interpretação, ele fará “[...] escolhas lexicais, estruturais, semânticas e pragmáticas, na língua alvo que devem se aproximar o mais apropriadamente possível da informação dada na língua fonte” (Quadros, 2007, p. 27). Passo a ter, a partir desse momento, um compromisso sério com a certeza que o meu engajamento com a educação só irá aumentar. Com o passar dos anos, fui descobrindo a enorme dificuldade em identificar o meu ofício, enquanto Tils, pois somos como um baú de histórias e precisamos encontrar-nos nesse processo de ação-reflexão. Necessitando repensar nossas práticas continuamente, nos contextos existentes na educação e que são bastante variados.

Ao realizar meu trabalho como IE e, partindo das práticas vivenciadas no decorrer do processo de formação da docência, percebo o quão amplo é o trabalho com a educação. Preciso, continuamente, me inteirar e conhecer melhor esse ofício; preciso ter ciência do trabalho a ser realizado; quero ter clareza em buscar por alternativas que possibilitem o aluno surdo pensar, problematizar, argumentar.

Não uma experiência no sentido daquilo que acontece, daquilo que se passou, mas do quanto esses acontecimentos, ao passarem por nós, foram capazes de nos transformar, de nos constituir. A fonte do conteúdo da experiência é aquilo que aconteceu ao sujeito aparecendo

na forma de “recordações-referência”. Este termo foi empregado por Josso (2010, p. 40) para fazer referência àquilo que foi aprendido pelo sujeito, experiencialmente, nas circunstâncias da vida. Essas circunstâncias, ao passarem pelo sujeito, o marcam, o chocam, o constituem e dão forma a sua existência e personalidade - isso é formativo. Dessa perspectiva, compreendemos que o sujeito-narrador está em formação pelas vias das suas experiências individuais e coletivas. Cabe pensarmos que, “[...] o sujeito da formação não é o sujeito da educação ou da aprendizagem e sim o sujeito da experiência” (Larrosa, 2015, p. 48).

O sujeito-narrador pôde se reencontrar com elementos da sua história de vida que somente após exercício interpretativo ganharam consistência e sentido para a totalidade do que foi relatado. As narrativas foram constituídas por recordações que pudemos considerar, diante do que coloca Josso (2010), como experiências significativas das suas aprendizagens, da sua evolução nos itinerários socioculturais e das representações que construiu de si mesmo e do ambiente humano e natural.

O meu encontro com a autobiografia foi através da minha orientadora, Prof^ª Ana Lúcia Aguiar, quando eu cursei a disciplina Memória, Formação e Pesquisa (Auto) biográfica em 2021.1. A partir daí, encantei-me pelo método autobiográfico e pelos autores Maurice Halbwachs e Marie Christine Josso. Vejo-me nas palavras da autora, quando ela cita que o sujeito constitui-se formador caminhando para si todos os dias. Na trajetória da minha vida, foi no meu caminhar, em busca pela formação e transformação do meu “eu”, que me encontrei comigo mesma. Foi bastante libertador, porque esse momento permitiu um encontro com a verdade, com uma verdade que nos liberta a ponto de passarmos a olhar para nós mesmos com um olhar de amor e compreensão.

O processo do caminhar para si apresenta-se, assim, como um projeto a ser construído no decorrer de uma vida, cuja atualização consciente passa, em primeiro lugar pelo projeto de conhecimento daquilo que somos, pensamos, fazemos, valorizamos e desejamos na nossa relação conosco, com os outros e com o meio ambiente humano e natural (Josso, 2010 p. 85).

As abordagens autobiográficas em educação, desde os anos 1980, vêm contribuindo para a melhor compreensão das escritas de si, na constituição da subjetividade e processos de formação humana e profissional. Apesar das aprendizagens serem múltiplas e subjetivas, de modo particular por cada ser humano, trata-se de saber se podemos encontrar processos semelhantes em histórias de vida tão diferenciadas.

Discussões, problematizações, muitas indagações construíram a pessoa que hoje me tornei. Sou essa mulher forte e guerreira. Eis aquela que pediu a Deus em oração, bênçãos, sabedoria e coragem para trilhar os seus caminhos, a sonhadora que plantou puras sementes

para um dia chegar a colher bons frutos. Este dia chegou! Desde que me tornei uma profissional da educação, semeio cotidianamente amor, empatia, respeito, afeto, compreensão. O pomar da vida recheado de lições e saberes.

Sigo constantemente na busca pela aprendizagem, aprendendo a cada instante, todos os dias, seguida de um acessório essencial para mim: amadurecimento. Levo marcas de vários sentimentos que se fazem presentes em minha vida, destaco a felicidade sempre presente no coração, apesar das perdas e tristezas. Com muita fé, garra, determinação e perseverança sigo meu destino, trilhando os caminhos desta vida, concedendo meus desejos, fazendo minhas escolhas, aproveitando as oportunidades, dessa maneira vou me construindo, me permitindo reforçar a frase que levo para minha vida: Nasci para ser feliz!

CAPÍTULO 2 – O TILS E SUAS ESPECIFICIDADES: Narrativas e reflexões sobre uma carreira em formação

Ser Intérprete é ser, intrinsecamente,
 um profissional atormentado por ter
 que estar presente e fingir-se invisível,
 algo ainda mais impensável para um
 intérprete de uma língua que é percebida
 prioritariamente pelo canal visual,
 como uma língua de sinais;
 e por não poder ser o “eu” nem o “tu”
 plenamente, por estar sempre
 em uma posição instável e
 escorregadia de um simbiótico
 locutor-interlocutor”.

Maria Cristina Pires Pereira

Neste capítulo trazemos discussões sobre a atuação do intérprete em Libras, essa profissão peculiar e ao mesmo tempo tão complexa, quando se refere ao ato de interpretar, implicando elementos cognitivo e linguístico, por relacionar-se em um processo que o Tils se encontra na presença de sujeitos com propósitos comunicativos específicos, mas que utilizam línguas distintas, envolvendo a relação comunicativa social e cultural, sendo capaz de influenciar o objeto e o produto da interpretação.

Destacamos também neste capítulo as narrativas e reflexões sobre a carreira em formação do Tils, no processo educacional do surdo, a interpretação na sala de aula, as estratégias e recursos possíveis e desafios presentes no saber e fazer, refletindo a atuação sobre suas próprias ações. O trabalho do Tils pode ser realizado em muitos campos sociais, mas, para este estudo, nosso interesse maior reside em sua ação no âmbito educacional. A partir deste capítulo, apresentaremos as narrativas dos Tils educacionais envolvidos no contexto bilíngue.

Ressaltamos algumas especificidades em suas funções em sala de aula, para isso, trazemos Soares (2018) para nos mostrar as concepções assumidas por este profissional que será imprescindível para que possamos chegar a um consenso quanto às atribuições e envolvimento do Tils no ambiente escolar. Apresentaremos algumas características de suas funções em sala de aula, o papel essencial que o Tils desempenha na mediação entre Libras e a Língua Portuguesa, a compreensão sobre as atribuições desse profissional e a natureza de

seu trabalho no contexto escolar. São questões relacionadas às necessidades formativas desse profissional que passa a integrar as equipes de trabalho especializado, nos diferentes espaços escolares.

A dimensão pedagógica de sua formação, conhecer os diferentes conteúdos ensinados na escola regular, o caráter de neutralidade de seu trabalho de interpretação são apenas alguns exemplos que destacam uma temática bastante interessante sobre a figura do Tils no espaço escolar. Traremos o intérprete educacional de Língua de Sinais participante nas ações e comunicações, em sala de aula e na escola, no exercício de sua função e a importância da sua atuação como agente pedagógico, no processo educacional, abordando as competências e responsabilidades que lhe são concebidas.

Mostraremos que uma instituição escolar que conta com a presença de ambos, alunos surdos\intérprete é marcada por algumas diferenças e essas diferenças devem ser resolvidas, através de algumas adaptações de material de aula, de posicionamento físico em sala, das metodologias usadas pelo professor regente e de escolhas feitas pelo intérprete no meio de tudo isso. Buscaremos tornar um pouco mais visíveis alguns desafios e êxitos dos Tils ao interpretar os conteúdos curriculares, de modo a poder contribuir com a aquisição de conhecimento dos alunos surdos, acerca da temática estudada. Explanaremos a pertinência dos Tils que atuam em sala de aula, buscarem alguns conhecimentos pedagógicos.

Se possuir formação em áreas afins à da educação, contribuirá ainda mais, uma vez que sua tarefa não será apenas traduzir/interpretar o que está sendo explanado pelo professor, mas também apresentar, de modo mais claro, para o aluno, mesmo que nesse processo precise recorrer a exemplos e metodologias divergentes das utilizadas pelo professor. Abrangemos o pensar reflexivo como forma de buscar vencer as dificuldades da autora, de atuar em sala de aula, refletindo sobre a importância da teoria e da prática como integrantes do processo de reflexão, acerca do trabalho, observando as contribuições e mudanças que essa reflexão produz na prática pedagógica.

Apresentamos a importância do olhar diferenciado dos profissionais Tils, iniciando-se com uma formação crítico-reflexiva, visando a boa qualidade da prática pedagógica. Ressaltamos a pertinência das narrativas autobiográficas e das histórias de vida, considerando que elas podem ser usadas para que a profissional tradutora intérprete de libras repense sua formação tornando-se um importante recurso nos processos de aprendizagem e de formação. Salientamos que a temática abordada possibilitará leituras e interpretações que ampliam o olhar sobre o ser tradutor intérprete de libras e como sua trajetória pessoal e profissional estão inter-relacionadas.

2.1 Especificidades na atuação do TILS educacional

Iniciaremos com as reflexões que farão parte desse tópico, citaremos a pertinência e a composição profissional do intérprete da Língua Brasileira de Sinais que passa a ser um dos fatores principais influenciadores na sua atuação, tanto nas escolhas dos trabalhos desenvolvidos, como no desempenho de tais atividades, no estilo ético que irá adotar no decorrer de sua vida profissional, ocorrendo intensamente na construção de sua identidade como Tils. A partir desse tópico, trazemos a fala do Tils educacional prof. tradutor intérprete de Libras, A.M.O.N., que irá nos apresentar sua atuação como Tils educacional, desafios e formas de superação. Neste caso, a formação é licenciatura em Letras, com habilitação em português e inglês, Mestrado em Ciências da Educação. Há dezoito anos atua nessa profissão. Ele relata que iniciou sua carreira em uma escola de Educação Infantil, no município de Jaboatão dos Guararapes/PE, sendo o primeiro intérprete e primeiro professor de Libras da rede municipal. Na ocasião foi convidado pela secretária de educação para auxiliar alguns estudantes surdos que viriam do Centro de Educação Especial e seriam incluídos na escola regular. Sua tarefa seria orientar a escola e ensinar aos professores como se comunicar com esse grupo de 10 estudantes, bem como auxiliar nas aulas, quando necessário. Foi então que ele se interessou em fazer licenciatura e estudar a estrutura das línguas, seus usos e métodos¹. Outro aspecto interessante das narrativas é quando A.M.O.N. afirma não defender o papel do intérprete educacional, mas sim do professor intérprete, pois o intérprete educacional só precisa ter formação em Libras e atuar na educação, já o professor intérprete precisa de dupla formação, em Libras e em licenciatura, fato este que auxilia na interpretação. Quando se refere ao professor intérprete (PTILS) não quer dizer que o estudante é responsabilidade do PTILS, ele sempre será responsabilidade do professor regente.

Em suas narrativas A.M.O.N fala sobre sua trajetória de trabalho, o início de sua atuação como Tils educacional e como isso o levou ao interesse de cursar uma licenciatura especializada, em estudar as modalidades linguísticas. Destacamos sua aprovação no concurso da prefeitura do município de Mossoró, no ano de 2013 e, em 2015, no concurso do Estado do Rio Grande do Norte, ambos para o cargo de Tradutor Intérprete de Libras. Em sua fala, quando diz que defende o papel de professor intérprete e não de Til educacional, refere-se que, na sua opinião, a formação é que faz a diferença na atuação em sala de aula. Possibilita conhecimentos específicos e aprofundados na área bilíngue.

O entrevistado destaca também a sua preocupação em definir o seu papel, em sala de aula, pois o intérprete de Libras não é professor, a responsabilidade da aprendizagem do aluno surdo não deve ser delegada ao Tils, a tarefa de ensinar os conteúdos é compromisso do

¹ Narrativa do tradutor intérprete de Libras, A.M.O.N., Mossoró, 2022.

professor regente da sala de aula. Sabemos que não será fácil desconstruir essa ideia de tutor, portador de informações, que rodeia o profissional Tils, pois essa profissão vai bem além, ele é um agente educacional que, em comunhão com os professores, conseguirá elevar os pilares da aprendizagem dos alunos surdos. Para reforçar nossa fala trazemos a citação da pesquisadora Terezinha Rios (2008, p. 53):

Por isso mesmo, que o ensino não é algo que se dá, embora nós professores afirmemos que “damos aulas”. A aula não é algo que se dá, mas que se faz, no trabalho conjunto de professores e alunos. O que fazemos quando fazemos a aula juntos? Ensinamos e aprendemos, juntos. Vivenciamos experiências juntos. Construimos, reconstruimos, destruimos, inventamos algo, juntos. Construimo-nos, reconstruimo-nos, destruimo-nos, inventamo-nos, juntos.

Alguns aspectos históricos que fazem parte do percurso profissional dos intérpretes de língua de sinais, serão citados, para o esclarecermos alguns conceitos que delimitam os territórios por onde os Tils perpassam, visando entender o atual processo em que esses profissionais se encontram. No Brasil, uma das primeiras atividades do intérprete deu-se em função de atividades religiosas, ocorridas nas igrejas protestantes dos Estados Unidos. A preocupação, na época, estava mais voltada para os aspectos religiosos. Porém, também se iniciou a viabilidade da educação de surdos, nas redes especiais de ensino. Das necessidades sejam elas religiosas e/ou educacionais, surgem ações inovadoras de inserção dos surdos nos meios sociais, educacionais e políticos, continuamente com a presença do intérprete de Libras.

Oportunizou-se a criação de organizações específicas, com o propósito de profissionalizar a categoria dos intérpretes da língua de sinais (Qudros, 2002). Na tradução são envolvidos aspectos que estão ligados à aplicação de modelos teóricos, tais como, as competências e as habilidades que estão envolvidas na formação dos Tils, causando preocupação na formação desse profissional,

O investimento na formação de intérpretes de Língua Brasileira de Sinais vem aumentando significativamente, mas continuam ocorrendo equívocos sobre o seu real papel, pois alguns compreendem a sua atuação no modo voluntariado, beneficente, ou uma simples aptidão. Existem aqueles que se reconhecem como intérpretes, sem jamais terem realizado qualquer capacitação que os licencie e os certifique para a atuar como intérprete educacional.

Todo esse processo se identifica, através da luta pela valorização profissional e pelo reconhecimento da categoria, como também a busca por uma identidade a qual é defendida por muitos intérpretes que atualmente lideram os movimentos políticos desse grupo. O Tils, atuante no âmbito educacional, traz especificidades determinantes no seu trabalho, em sala de aula e, por consequência disso, é necessário apresentar quais são elas, por meio de sua

formação, como também sua desenvoltura na atuação e no modo como faz a interpretação, valorizando as diferentes posturas necessárias, em diferentes níveis de escolaridade. Sobre a formação do Tils, Lacerda (2009, p. 20), afirma:

A formação deve contribuir para que os alunos (futuros tradutores e intérpretes) percebam e analisem um texto para além das palavras, apreendendo seus sentidos. Obviamente, os modos de realizar essa tarefa são diferentes para tradutores e intérpretes já que envolvem modalidades diferentes de línguas. Após a compreensão ampla da mensagem (percepção dos sentidos), é necessário que o aluno seja capaz de reproduzir a mensagem. Com o foco na manutenção dos sentidos originais, ainda na língua de origem, ele deve ser levado a apreender os sentidos. Só então é que deve ser incentivado a reexpressar a mensagem na língua alvo, deixando a correspondência entre palavras e buscando a correlação de sentidos entre as línguas. Esse processo é semelhante tanto para tradutores que atuam sobre textos escritos quanto para intérpretes que atuam sobre segmentos orais. A essa vivência prática de modos de versar de uma língua para outra, se deve somar a formação teórica sobre as línguas, sobre aspectos linguísticos e culturais entre outros.

Essa nomenclatura “Intérprete Educacional” também é usada em outros países como, EUA, Austrália, Canadá, entre outros. Para distinguir o profissional intérprete “comum” daquele que exerce seu trabalho na educação, em “sala de aula” (Lacerda, 2009, p. 33). Assim sendo, é necessário que a profissão Tils seja levada à discussão, uma vez que, muitos intérpretes de Libras atuam ou atuaram na educação e sua presença está em muitas salas de aula brasileiras, seja ela no ensino fundamental, médio, técnico ou superior.

O ofício do Tils educacional de Libras não deve ser considerada uma tarefa simples, uma vez que não é apenas decifrar uma língua da outra, mas uma abordagem no real aprendizado do aluno surdo, pois o bom trabalho que o Tils desempenha resultará no sucesso escolar ou não do aluno surdo. O público que compõem o contexto escolar crê, na maior parte dos casos, que apenas a disposição ou disponibilização do intérprete, na escola, garante ao aluno surdo a acessibilidade à comunicação prevista na Lei nº 10.098 (Brasil, 2000). Sem valorizar os outros itens necessários para efetivar a inclusão da pessoa com surdez, não somente no acesso ao conteúdo, conhecimentos ou informações que ocorrem nesse ambiente, mas também no espaço físico em si, não se pode afirmar que é garantia de acessibilidade e inclusão do aluno surdo na escola.

Em relação ao Tils, no Estado do Rio Grande do Norte, é pertinente ressaltar que a introdução desses profissionais nas instituições escolares surgiu em meados de 2011, por contrato temporário, pelo projeto “Intérpretes nas escolas”, implementado pela Secretaria da Educação e Cultura do Rio Grande do Norte - SEEC/RN. Esse projeto não exigia que os intérpretes tivessem nível superior, somente cursos de formação na área de Libras e educação de surdos.

A partir do ano de 2015 o projeto ganhou uma nova nomenclatura, passou a se chamar “Projeto Intérprete e Instrutor de Libras, na Educação Básica do RN”. Foi apresentado à comunidade educacional, na manhã de terça-feira, dia 14 de julho de 2015, evento realizado no Auditório Angélica Moura, na Secretaria da Educação do RN - SEEC-RN, no Centro Administrativo do Governo do Estado, em Natal. Desenvolvido pela equipe da Subcoordenadoria de Educação Especial da SEEC-RN, o projeto teve como objetivo contribuir para que o estudante surdo matriculado na rede pública estadual tenha maior acessibilidade, em termos de comunicação, informação e pedagógico.

Figura 8 - Apresentação do Projeto, mesa expositora com os representantes legais da SEEC



Fonte: Portal do RN 2015

O evento, que teve forte presença de educadores que atuam nas instituições da rede pública e que atendem alunos surdos, contou também com as participações do subcoordenador de Educação Especial da SEEC-RN, Joiran Medeiros; da presidente do Conselho Estadual dos Direitos da Pessoa com Deficiência, Márcia Guedes; do presidente da Associação dos Surdos de Natal, Alexandre Gollo; do representante do Centro de Saúde Auditiva, Francisco Pinheiro; e dos intérpretes Suelmo Felipe (CAS/Natal), Natan Teixeira (Escola Estadual Ana Júlia), Adélia Silva (CAS/Natal) e Rubens Artur (Escola Estadual Almirante Tamandaré, em Extremoz).

O projeto tinha também, como objetivo, contribuir para a melhoria da qualidade em relação ao ensino-aprendizagem liderada pelo professor. O evento teve forte presença de educadores que atuam nas instituições da rede pública e que atendem ao aluno surdo. Participaram também o subcoordenador de Educação Especial da SEEC-RN, Joiran Medeiros (*in memoriam*) e diretores das Direcs.

Na cidade de Mossoró, o projeto foi apresentado no dia 06 de agosto de 2015, em uma reunião realizada na sede do CAS Mossoró. Teve como pauta, apresentação do Projeto, entrega e leitura do Código de Ética, entrega da ficha avaliativa e demais informes. Os participantes foram os intérpretes, instrutores, funcionários do CAS e a coordenadora da educação especial da 12ª Direc, Vanda Maria de Melo (*in memorian*).

Figura 9 - Reunião do Projeto Tradutor Intérprete de Libras do RN



Fonte: Arquivo pessoal 2015

A presente reunião teve como objetivo informar aos envolvidos sobre a participação e efetivação do Projeto intérprete da Libras na Educação Básica do RN/2013, de suas respectivas funções e responsabilidades. Foram apresentadas diretrizes para o bom funcionamento do Projeto: gerenciar o processo de implantação; analisar, avaliar e viabilizar a execução; avaliar o seu desenvolvimento, de forma processual, através dos coordenadores de serviços da SUESP. A equipe técnico /pedagógica da SUESP e as coordenadoras do Setor Pedagógico acompanharam e apoiaram o Projeto, através das coordenações do setor, da área DA/Surdez e das Direções.

As coordenadoras do Setor de Itinerância tinham como função acompanhar e apoiar o Projeto, através de professores itinerantes, apresentar o projeto e os intérpretes à comunidade escolar; viabilizar o trabalho do intérprete, junto à equipe técnico-pedagógica da escola e professores. Na 12ª Direc ficaram responsáveis nesta função, além da Coordenadora de Educação Especial, eu, Lucivanda Braga Lima, na época gestora do CAS, as duas supervisoras do centro, Rita de Cássia Souza e Maia e Rita de Cássia Araujo Amaro.

Em destaque outras funções atribuídas foram: trabalhar em parceria com o intérprete para facilitar a comunicação e a efetivação do projeto na escola; comparecer quinzenalmente à

escola para fazer a assessoramento; solicitar a equipe técnico-pedagógica, o material didático antecipadamente, para facilitar o trabalho do intérprete de forma que o mesmo, na ausência do Itinerante, pudesse proceder com o mesmo direcionamento. Acompanhar o projeto na escola e fornecer dados, em tempo real - oralmente e mais formalizado por e-mail, a equipe de Da/Surdes.

O Setor de Da/Surdez - SUESP\CAS, foi responsável por viabilizar e fiscalizar a execução do projeto, fornecer aos intérpretes e aos Professores Itinerantes uma pasta contendo os seguintes documentos: Cópia do Projeto – termo de responsabilidade, dicas de bom relacionamento no ambiente de trabalho, Código de Ética dos intérpretes de Libras, instrumental de acompanhamento do projeto, encaminhamento para a escola, funções do intérprete na sala de aula.

A equipe administrativa e técnico-pedagógica das escolas estaduais que foram contempladas com esses profissionais, engajaram-se integralmente no processo, de forma a possibilitar um envolvimento global da escola (direção, equipe técnica, professores, alunos e demais funcionários). Apoiar o serviço da itinerância em parceria com os intérpretes, inserir o nome do intérprete, no livro de ponto da escola, propiciar condições que facilitam o desenvolvimento do projeto implantado, observar e zelar para que os encaminhamentos acordados, no termo de responsabilidade, sejam cumpridos.

À equipe de intérpretes da Suesp, coube: cumprir o Código de Ética do Intérprete, divulgado pela FENEIS; cumprir, rigorosamente, os horários estabelecidos, comunicando, antecipadamente à Escola, quando houver atraso ou houver impossibilidade de comparecimento; ser fiel na interpretação, não permitindo que as suas convicções pessoais interfiram em seu trabalho, de forma que venha omitir, negar ou distorcer o que está sendo apresentado independente da modalidade (LIBRAS/Português, oral e escrita).

Não interferir na metodologia adotada pelo(a) professor(a), a menos que lhe seja solicitado ou permitido, por aqueles a quem compete. Em relação aos instrutores de Libras, era dever cumprir o Código de Instrutor de Libras, divulgado pela FENEIS. Obedecer, rigorosamente, o calendário de cursos ou oficinas de Libras, acordado com a Suesp ou a Dired. Comunicar, antecipadamente, à Suesp e a escola os imprevistos, quando houver a impossibilidade de comparecer ficam responsáveis os coordenadores de educação especial das Dired's, como também viabilizar a execução do projeto e prestar relatório, executando-o de acordo com as orientações da Suesp, as ações de acordo com a realidade do local.

Aos alunos surdos das escolas participantes do Projeto, foi indicada a assiduidade e pontualidade na escola e o apoio especializado no CAS (Natal/Mossoró) ou nas SRM;

cumprir as tarefas escolares, respeitando os prazos estabelecidos; respeitando a função do intérprete e do professor de sala de aula; tendo clareza das funções de cada um e direcionar seus questionamentos para o professor da sala de aula.

Em relação aos familiares dos alunos surdos, a responsabilidade de matricular o aluno nos apoios pedagógicos especializados disponibilizados pela SEEC/SUESP. Cumprir com o dever de fornecer todos os dados necessários ao professor Itinerante, sobre a realidade dos educandos, quanto ao seu nível de compreensão, a sua capacidade perceptiva, além das dificuldades quanto à aprendizagem. Se responsabilizar pelo acompanhamento do aluno tanto no apoio pedagógico especializado, como nas atividades diárias da escola. Não envolver o intérprete para resolver questões concernentes ao filho(a) surdo(a) e procurar a equipe técnica e pedagógica da escola. Ao intérprete será solicitado pela equipe pedagógica da escola ou pelo Professor Itinerante, quando for necessário, a utilização da interpretação.

Somente no ano de 2015, exatamente no dia 03 de novembro de 2015, foi publicado o edital nº 01/2015 EARH – SEEC/RN, que tornava público o concurso para vários cargos incluindo o do profissional Tils. Foram disponibilizadas 1.400 (mil e quatrocentas) vagas na formulação da ideia sendo o primeiro concurso para esse cargo, um diferencial na vida escolar da comunidade surda do Estado do RN, uma vez que os discentes surdos da Rede Estadual de Ensino do RN, estavam a deriva, excluídos nas salas de aula, sem a presença desses profissionais e as contratações dos temporários sempre demoravam por causa de trâmites burocráticos.

A terminologia utilizada para essa nova função, foi Professor Permanente Nível III, pelo fato do cargo de professor já existir, e pelo motivo da função do Tils não ser somente a de traduzir e interpretar, como também pedagógica. No edital foi exigido dos(as) candidatos(as): diploma de conclusão de curso de nível superior de Licenciatura em Letras - LIBRAS ou Licenciatura em qualquer área do conhecimento, com certificado Prolibras ou Pós-Graduação em Libras. Diploma de bacharelado em Letras Libras com Pós-Graduação em Libras ou complementação pedagógica obtida de acordo com as normas vigentes.

O concurso ofertou várias vagas para alguns municípios pertencentes às circunscrições das dezesseis Diretorias Regionais de Educação e Cultura (Direcs) sendo a carga horária de trabalho 30h semanais.

Planejar aulas e atividades escolares junto aos professores regentes das diversas disciplinas curriculares em consonância com o PPP da unidade de ensino junto à Coordenação Pedagógica; Traduzir e interpretar em Libras as aulas ministradas pelos professores regentes; Fazer atendimento Educacional Especializado (AEE) em Libras, reforçando os conceitos dos conteúdos curriculares e o aprendizado de língua portuguesa como L2 nas unidades de ensino onde se encontram matriculados alunos

surdos; Avaliar processo de ensino e aprendizagem e seus resultados; Desenvolver atividades pedagógicas que valorizem a pluralidade cultural em uma perspectiva de educação inclusiva; Registrar práticas escolares de caráter pedagógico; Desenvolver atividades de estudo e formação de LIBRAS junto aos professores de Libras, para profissionais da Rede Estadual de Ensino. Participar de atividades educacionais e comunitárias da escola; participar da formação continuada oferecida pela Secretaria Estadual de Educação. Ministras aulas de Libras para alunos surdos em sala de aula do ensino fundamental, ensino médio, educação de jovens e adultos, matriculados nas escolas e/ou centros de atendimento educacional especializado (EDITAL Nº 01/2015 EARH – SEEC/RN).

Adotamos conceitos eficazes na realização do trabalho do Tils, destacamos a fluência e a proficiência, sendo pertinente também apresentar alguns pontos importantes. No trabalho em sala de aula, por exemplo, é imprescindível além da fluência adquirida nos cursos de Libras, saber interagir adequadamente em língua de sinais. Contudo, muitas pessoas acreditam que apenas com o conhecimento obtido com o curso básico ou o intermediário de Libras pode-se atuar em sala de aula, ocorrendo dessa forma um grande equívoco.

Para tornar-se um profissional intérprete educacional de Libras de qualidade é imprescindível ter proficiência na língua materna, em outras palavras, ter bom domínio e conhecer com abrangência a linguagem e o discurso da língua envolvida no ato da interpretação. Desta forma, poderá desempenhar com eficiência seu papel em sala de aula, “[...] pois isso colabora para a boa atuação do intérprete”. “[...] Ele precisa conhecer e compreender o tema para fazer um bom trabalho, mas não necessariamente ser um profissional daquela área.” (Lacerda, 2009, p. 17). A arte de interpretar é graças, exclusivamente, de quem tem fluência, pois traz para o profissional noções do glossário em sinais, passando, dessa forma, as informações de maneira clara, vasta e afirmativa.

Por esta razão percebemos que a função do Tils é diferente daqueles que atuam em outros ambientes. Percebemos que o intérprete educacional é aquele que faz a interpretação entre culturas e línguas distintas, estabelecendo-se como um sujeito atuante e pertencente a comunidade surda, de forma que, sua prática vai permeando a história de vida e peculiaridades das pessoas surdas

Os espaços escolares inclusivos precisam reconhecer e responder às diversas necessidades dos alunos, acomodando tanto estilos como ritmos diferentes de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade para todos, através de currículo apropriado, modificações organizacionais, estratégias de ensino, uso de recursos e parcerias com a comunidade. Dentro das escolas inclusivas, as crianças com necessidades educacionais especiais deveriam receber todo e qualquer apoio extra que seja possível oferecer.

A visibilidade da profissão de Tils aumentou no ano de 2002, em função da promulgação da Lei nº 10.436 que trata do reconhecimento da Libras como língua oficial no Brasil, entretanto, apenas com a Lei nº 12.319 de 2010, regulamentou o exercício da profissão do Tradutor e Intérprete de Libras. Com o reconhecimento da profissão nos termos da Lei, determinam-se as competências necessárias para tal exercício, como também atribuições a serem desempenhadas por esses profissionais, ou seja, traduzir e interpretar a língua de sinais para a língua portuguesa e vice-versa, sendo fluente em ambas as línguas (Brasil, 2010).

A função do Tils, quando atua, auxiliando nas atividades formais, é de agir como interlocutor, mediando o diálogo entre professor e aluno, traduzindo e interpretando a língua portuguesa, para a Libras, mutuamente. Nesta situação, na minha experiência de intérprete, durante a interpretação faço a intervenção entre as línguas simultaneamente, em tempo real, assimilando imediatamente o discurso do(a) professor(a) regente de sala de aula, sem tempo de tomar notas ou consultar dicionários.

Na sala de aula, pensamos que o intérprete é capaz de compreender os significados dos discursos verbalizados na língua portuguesa e construir conceitos em Libras que demonstre, expressivamente, a definição da exposição oral original, no instante em que ele é realizado. Somente assim, traduzir e interpretar mensagens em Libras e apresentar na língua portuguesa pode garantir a autenticidade à temática do discurso original.

Ao fazer a interpretação, deve-se manter o cumprimento do Código de Ética do Tils que, de acordo com Quadros (2004, p. 43), afirma que o intérprete “[...] é o mediador entre pessoas que não dominam a mesma língua abstendo-se, na medida do possível, de interferir no processo comunicativo”. Apesar disso, no exercício na sala de aula, percebemos bloqueios linguísticos que impedem o desempenho da comunicação, entre aluno e professor, intercedido pelo intérprete e verifica-se, por intermédio do Tils, na comunicação, provocando modificações nas mensagens recebidas. Garantimos o sentido e o significado das mensagens originais, ou modificamos mensagens, induzindo confusão no entendimento ou interpretação, quando encontramos obstáculos no tipo de alteração promovida.

No trabalho com atividades de ensino um dos principais obstáculos, na hora de fazer a interpretação, são ausências de sinais característicos da Libras para terminologias nas áreas disciplinares como Biologia, Matemática, Física e Química, exigindo do intérprete aptidão específica na área. No ambiente escolar, quando falamos de aptidão específica, falamos sobre o conhecimento específico de cada área curricular.

Durante a interpretação das aulas, o Tils pode ter fluência em Libras e encontrar dificuldades para a interpretar o assunto, em aulas de temas específicos, por desconhecer os

conceitos relacionados a determinados conteúdos. Dessa forma, ocorrem falhas no processo de interpretação e/ou tradução de forma indefinida, ou mesmo alterando o conteúdo das mensagens, confundindo os conceitos. Essas falhas podem interferir na assimilação e compreensão dos conceitos técnico-científicos, entre professor e aluno, com a omissão, supressão ou interpretação inadequada de mensagens.

2.2 O Tils no processo educacional do surdo

No Brasil, historicamente, as pessoas surdas têm sido excluídas do espaço escolar, onde tem se efetivado a aquisição da linguagem oral e escrita, daqueles que frequentam as classes regulares. “Por muitos e muitos anos os surdos foram atendidos em sua escolarização em instituições filantrópicas: institutos e associações. Muitos anos depois, a pessoa com surdez passa a ser vista como cidadão com direitos e deveres de participação na sociedade, mas sob uma visão assistencial e excludente. Naquela época, não tinham escolas para os deficientes auditivos.

Todas as pessoas com necessidades especiais também têm o direito à saúde, lazer, trabalho, educação e demais recursos que são necessários ao pleno desenvolvimento humano e da cidadania. No entanto, no decorrer dos anos, as pessoas com necessidades especiais foram julgadas incapazes de realizarem atividades consideradas normais ao ser humano “normal”. Sabemos que é um grande desafio transformar a escola comum existente, porém esta é a escola para todos(as) e de todos(as). Temos, pois, que transformar suas práticas educativas, vencendo os desafios.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB, nº 9394/1996) estabelece que os sistemas de ensino deverão assegurar, principalmente, professores especializados ou devidamente capacitados, que possam atuar com qualquer pessoa especial na sala de aula. Portanto, deve-se fazer valer o direito do surdo de ser atendido pelo sistema da educação básica. No entanto, esse processo pode ser lento, pois a grande maioria dos professores da rede regular de ensino não está preparada para atender alunos(as) com necessidades especiais.

Na construção do seu conhecimento, em uma sala de aula inclusiva, ele deve ser estimulado a pensar e raciocinar, assim como os alunos ouvintes. Portanto, o professor deve desenvolver estratégias pedagógicas que despertem seu interesse. Vale ressaltar um dos princípios defendidos pela Declaração de Salamanca, que diz:

As escolas inclusivas devem reconhecer e responder às diversas necessidades dos seus alunos, acomodando tanto estilos como ritmos diferentes de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade para todos por meio de currículo

apropriado, modificações organizacionais, estratégias de ensinos. (CONFERÊNCIA MUNDIAL, 1997, p. 21)

No entanto, em muitas escolas, o ensino é transmitido pelos professores numa perspectiva tradicional, sem levar em consideração as necessidades especiais do aluno surdo. Sendo assim, este aluno não desenvolve uma aprendizagem significativa. Existem inúmeros obstáculos que impedem o processo de inclusão dos surdos na sociedade. Destacamos a ausência de comunicação oral, prejudicando sutilmente a aprendizagem dessas pessoas, como também o uso de metodologias desvinculadas do contexto sociocultural dos alunos surdos. Em resumo o despreparo da maior parte dos profissionais da educação. Nas últimas décadas a educação de surdos tem sido alvo de muitas pesquisas, visando a garantia dos direitos e as suas necessidades educacionais.

Mesmo existindo leis assegurando o suporte necessário a esses indivíduos surdos, ainda existem muitos deles que não desfrutam desses benefícios. Lutar para que os surdos desfrutem das conquistas legais é um dever de todos e, a educação especial é uma modalidade que foi reconhecida como um espaço que atende o desenvolvimento da criança de maneira integral. Entender o surdo como sujeito de direitos é conceder-lhe a oportunidade de inserção no meio social. Sabe-se que a história da educação de surdos é repleta de controvérsias.

A escola, no seu aspecto psicossocial e de seus profissionais, precisa preparar-se e adequar-se à todos os sujeitos que frequentam o espaço escolar, dando o apoio psicopedagógico, promovendo a igualdade de oportunidades, contribuindo no processo de ensino aprendizagem. É preciso mobilizar toda a comunidade escolar em prol dessa causa, demonstrando claramente a proposta de trabalho para a família e possibilitando o conhecimento sobre a comunidade surda.

A maneira de conduzir ou selecionar os interesses para o aprendizado depende muito da visão que se tem das relações com o mundo. Também as relações construídas entre as pessoas com deficiência e as que não possuem algum tipo de deficiência é fato questionável, pois, infelizmente, vivenciam-se comportamentos, atitudes e valores que insistem em diferenciá-los. Independente do âmbito de discussão, todos(as) estamos inseridos em um meio social que marca o indivíduo em suas diferenças e delas surgem preconceitos que muitas vezes engessam as mudanças e negam os valores que lhes são devidos.

No que se refere ao aluno com surdez, existem obstáculos à efetividade do que propõe a política educacional inclusiva. As pessoas com surdez enfrentam dificuldades para participar da educação escolar devido a falta de estímulos adequados para seu desenvolvimento cognitivo, social e afetivo, prejudicando o processo de aprendizagem desses

alunos. Percebemos que, para uma pessoa com surdez participar da educação escolar, são percorridos vários entraves causados pela forma que estão estruturadas as propostas educacionais. Uma escola que trabalha de forma padronizada, hierárquica, que apresenta conteúdos fragmentados, para serem memorizados e reproduzidos, acaba excluindo, ao invés de incluir. Nesse contexto, os alunos surdos são prejudicados, pois, na prática, a inclusão desses alunos é semelhante ao processo de integração, os alunos devem se adaptar à escola, não atendendo as necessidades deles.

Desta forma, a inclusão da pessoa com surdez vai depender do atendimento de suas necessidades, tanto na sala de aula, como no Atendimento Educacional Especializado, buscando meios que beneficiem sua participação social e aprendizagem. Só assim, entende-se que o atendimento iniciado, desde a educação infantil, maiores serão os benefícios para eles. Portanto, tomando como base o contexto histórico apresentado sobre a história da inclusão e percebendo a importância de uma educação com atendimento que contribua para o processo de formação e socialização da pessoa surda, surge o desejo de conhecer um espaço que realize o atendimento educacional especializado objetivando o bem-estar da pessoa surda e sua inserção no meio social.

O intérprete educacional de Libras é considerado uma peça ativa nas ações de comunicação, em sala de aula e no espaço escolar, pois é no exercício de sua função que sua atuação tem destaque, também como agente pedagógico, no processo educacional, no desenvolvimento das competências e responsabilidades, fazendo reflexões sobre sua imparcialidade do/no processo comunicativo, tendo em vista a aprendizagem do aluno surdo.

Assim também, o seu envolvimento na interação comunicativa social e cultural, exerce o poder para influenciar o objeto e o produto da interpretação (Quadros, 2007, p. 27). Concluímos que o papel do Tils, na sala de aula, influencia diretamente o ensino aprendizagem do aluno surdo, pois no contexto escolar onde existe a presença desse aluno e do intérprete existe a possibilidade de um trabalho diferenciado. Por meio de algumas adaptações de material de aula, das metodologias usadas pelo professor regente e pelo posicionamento do intérprete nesse contexto, pode-se conseguir bons resultados. Nas instituições escolares vemos que sua presença do intérprete ainda é vista como um fato relativamente raro e que isso desencadeia desafios de adequação às metodologias de ensino voltadas para alunos ouvintes. Sendo assim, encontra-se um ambiente escolar frequentado, até então, somente por professores e alunos que tem sua homogeneidade rasurada pela presença do profissional diferenciado, o intérprete educacional.

O dia a dia na escola regular com alunos ditos normais é dinâmico e com a presença do aluno surdo não é diferente. A professora mostra um comportamento positivo, mesmo diante do desafio de ensinar o aluno surdo, demonstra valores atitudinais mesmo sem entender e conhecer, inicialmente, a Libras e de como será sua postura metodológica dentro da sala de aula inclusiva.

Percebemos, logo de início, quantos obstáculos na forma de preconceitos e de ver o mundo do outro, foram derrubados e quantas relações foram construídas. A professora, na maioria das vezes, repensou a sua prática, como era feita e de quais recursos se apropriará para poder tornar sua aula mais atrativa e compreensiva para os alunos, tanto ouvintes como surdos, utilizando recursos visuais e materiais concretos. As aulas sempre estavam com algum reforço de imagens.

Em sala, a professora proporciona momentos de aprendizado com ludicidade, entretenimento, recheados de afeto envolvendo todos os alunos ouvintes como também o educando surdo. No entanto, para incluir o surdo, em sala de aula, não basta utilizar imagens, precisa focar na comunicação, na aquisição da língua materna que é um fator fundamental para o crescimento e desenvolvimento desse aluno. Como Til educacional faço a intermediação para que haja tanto o entendimento do professor, quanto para o aluno e vice-versa, criando recursos que facilitam aprendizagem e comunicação entre o professor e o aluno. Nesse momento trazemos mais uma vez a narrativa de A.M.O.N. (2022) quando afirma que o TILS não é essencial para que o estudante surdo aprenda, a pessoa essencial para isso é o professor, pois ele é o responsável pelo aprendizado do estudante e pela utilização de metodologias adequadas à aprendizagem de todos. Para ele, o TILS é o meio pelo qual a mensagem chega ao estudante surdo, porém na realidade vivenciada no RN, o TILS acaba sendo o professor do estudante surdo, responsabilidade delegada pelo professor regente que, muitas vezes, não quer ter o trabalho de realizar uma aula que atenda a todos os estudantes. Este fato faz com que o TILS interfira diretamente no processo educacional, pois ele não tem domínio dos conteúdos para lecionar e acaba ensinando de forma superficial.

A importância do papel do professor diretamente na aprendizagem do aluno surdo é ressaltada na narrativa do entrevistado, percebemos mais uma vez, em sua fala, que o docente precisa trazer metodologias de ensino e adequações curriculares para situações específicas, incorporadas no planejamento escolar e que, na maioria das vezes, não acontece. Isso ocasiona a interferência do intérprete no processo de aprendizagem do aluno surdo, mesmo sem dominar os conteúdos curriculares, fato esse que prejudica a compreensão do discente surdo.

A função do Tils é diferenciada do professor, uma vez que os papéis desses profissionais variam e tem propósitos específicos de acordo com o nível de ensino em que estão inseridos. Nas palavras de Quadros (2004, p. 60-61) “[...] se a eles [intérpretes] fossem atribuídas as responsabilidades com o ensino, eles deveriam ser professores, além de serem intérpretes. E se estiverem assumindo a função de professores, por que estariam sendo contratados como intérpretes?”. Todavia, é pertinente termos a compreensão de que o Tils educacional contribui, colaborativamente, com o professor, no processo de ensino-aprendizagem dos alunos surdos, por serem o instrumento de comunicação nesse processo.

Na minha atuação como intérprete educacional, a relação com a professora titular mostrou-se, desde o início, um relacionamento de amizade e reciprocidade, acima de tudo baseado no respeito pelo trabalho uma da outra. Planejamos juntas as atividades e temas abordados, sempre com acesso a essas informações com antecedência. Isso mostra o comprometimento dessa educadora com seu aluno surdo, a preocupação com a garantia do aprendizado e favorecimento de oportunidades de aprender com acessibilidade. Em relação à parceria com o professor regente e o acesso aos conteúdos antecipadamente, o Tils A.M.O.N. (2022), relata que pela ausência de uma cultura de trabalho colaborativo, a maioria das vezes, o Tils não tem acesso aos conteúdos previamente, dificultando pensar em estratégias na hora da interpretação. Ele sugere o diálogo constante com os professores e com a equipe pedagógica, mostrando a importância do ensino colaborativo para a efetivação da aprendizagem do estudante e para dirimir alguns pontos que prejudicam a aprendizagem, como a omissão de certos conteúdos/temas na interpretação.

O trabalho colaborativo que existe na relação entre mim e a professora da E.E.T.A.D, não é percebido na narrativa do A.M.O.N. Pelo seu relato percebemos que ele atua meramente como um transmissor da fala do professor regente, visto que sua participação no desenvolvimento dos conteúdos se detém, antes mesmo do ato interpretativo ou tradutório de forma colaborativa. Como o Intérprete Educacional narra, poder atuar em colaboração com o professor regente é importante e possibilita ter, nessa relação de (co)ensino, o desenvolvimento do surdo, no que se refere à adequação de material, aulas mais visuais, vídeos e materiais concretos. Avaliar a necessidade do uso de legenda ou de tradução em Libras nos vídeos expositivos apresentados em aula. Avaliar a necessidade da tradução em vídeo, tradução em Escrita de Sinais ou adequação (glosa) dos materiais propostos. Colaborar em informações sobre os maiores desafios que o surdo tem em relação à Língua Portuguesa por ser de uma modalidade diferente, oral-auditiva, considerada como sua segunda língua.

Além disso, poderá colaborar em relação à comunicação, avaliação, organização da sala e até mesmo com conteúdo relacionado à surdez. As possibilidades colaborativas são inúmeras.

Segundo Quadros (2007, p. 28), “Para melhorar o desempenho do Intérprete Educacional, torna-se pertinente o acesso ao planejamento das aulas com antecedência para refletir sobre as técnicas adotadas, pesquisar sobre os conteúdos” Nessa mesma convicção, aponta, afirma a necessidade de “Familiarizar-se com os conteúdos e temas abordados para um melhor desempenho na interpretação”; uma vez que algumas disciplinas específicas abordam conteúdos que não são de domínio do Tils.

Trazemos novamente a indignação da inexistência de uma parceria colaborativa que deve existir entre Tils e professor regente, A.M.O.N narra que a falta da cultura de ensino colaborativo nas escolas, a ideia popular de que o intérprete é um dicionário ambulante e que pode interpretar qualquer conteúdo sem aviso prévio, é como se fosse “bucha de canhão”. É necessário o Tils ter acesso às aulas planejadas com antecedência para melhorar a realização da interpretação dos conteúdos e favorecer a compreensão do discente surdo.

A cumplicidade dessa dupla de profissionais, ajuda nas inquietações e sugestões de melhorias para o processo, tornando-se fator fundamental ao real aprendizado do aluno surdo. Essa parceria entre os profissionais envolvidos no contexto educativo do aluno surdo é primordial para o acesso ao planejamento das aulas do professor regente, facilitando seu trabalho com largo tempo para a preparação do seu fazer pedagógico, ademais, ressaltamos a importância de um bom relacionamento entre essas duas partes envolvidas para que as atividades, em sala de aula, transcorra satisfatoriamente (Lacerda, 2009). O papel do Tils nesta relação está em repassar as informações que transcorrem em sala de aula, promovendo interação e aprendizagem com responsabilidade.

A contribuição desse agente educacional no processo de aprendizagem do aluno surdo, colaborando para sua inclusão na comunidade escolar e ajudando no processo de adaptação da escola, o torna um coautor em todo esse percurso, durante o ano letivo. De acordo com isso, vemos que é necessário rever a postura que o Tils adota no seu ambiente de trabalho, pois as suas escolhas refletem no seu fazer pedagógico.

O comportamento do profissional Tils educacional que trabalha em escolas estaduais de ensino fundamental é diferenciado dos outros que atuam em ambientes distintos, como intérpretes, pois, além de interpretar, estão diante da tarefa de buscar estratégias para adequar o conteúdo visando à aprendizagem dos alunos surdos. Então, é importante que haja uma relação harmoniosa entre o professor regente\aluno surdo\Tils educacional, atores envolvidos

neste processo, em um relacionamento baseado no respeito e na fidelidade pelo trabalho um do outro torna-se imprescindível.

O intérprete educacional precisa ampliar seu vocabulário em sinais como também apropriar-se dos significados das palavras nas duas línguas, Libras\Língua Portuguesa. A aptidão para transposição é muito além do conhecimento das duas línguas envolvidas, expõe a necessidade de fazer a tradução fiel de uma língua para outra, fazê-lo sem modificar o sentido do discurso.

Entendemos que os conceitos, nos termos na língua portuguesa, às vezes mostram-se semelhanças imediatas na Libras, ou correspondência mútua e, em vista disso, para intensificar essa habilidade no profissional intérprete educacional de Língua Brasileira de Sinais, é pertinente haver estimulação e, conseqüentemente, uma interpretação sensata, harmoniosa e adequada. Isso proporciona ao discente surdo absorver verdadeiramente os conteúdos ministrado, em sua própria língua e respeitando sua cultura.

Na sala de aula que possui aluno surdo é visível a importância da participação de dois profissionais: o professor regente e o intérprete. Todavia ressaltamos que cada um deve procurar sua identidade, seu papel, como mostra Brasil (2009) os docentes são docentes e os intérpretes são intérpretes. Cada profissional desempenha sua função e papel que se diferenciam imensamente. O profissional que domina os conteúdos curriculares é o docente regente de sala de aula, ele tem a formação necessária para ministrar as aulas. Cabe ao Tils o trabalho de mediação da comunicação, entre o surdo, professores e colegas, através da Libras, promovendo a interação de todos os envolvidos nesse contexto. A inexistência dessa mediação à comunicação provoca o bloqueio da interação. Atualmente, a educação é a área que mais solicita a presença do profissional intérprete de Libras, dessa forma, vemos que se tornou necessário as autoridades promoverem formações para atender aos alunos surdos matriculados na rede estadual de ensino, pois a demanda aumenta a cada ano.

Ao citar a função do docente como responsável pela turma e organizador no processo de ensino/ aprendizagem, ter um aluno surdo na sala de aula, oportuniza a chance de realizar um trabalho colaborativo com o Tils educacional de Libras, proporcionando um espaço para desenvolver novas estratégias na aquisição de conhecimentos escolares, ajustando práticas pedagógicas para atender as necessidades do docente surdo.

Reforçamos que esse processo fluirá se o aluno surdo tiver seus avanços proporcionados pelos distintos papéis em sala de aula. Quanto ao professor que é “dirigente principal nas atividades” cabe a função de ministrar o conteúdo, criando adaptações metodológicas e estratégias necessárias para promover a aprendizagem do aluno surdo. É

preciso que cada profissional desempenhe seu papel, tenha comunicação e parceria entre ambos.

Esse envolvimento do intérprete no processo educativo torna-se obrigatório para o aluno surdo ter acesso ao conhecimento e aquisição da aprendizagem; não significa dizer está no intérprete a responsabilidade, em todo o processo de formação educacional do surdo, ou de atribuir funções para as quais não são de sua competência. Essa parceria entre o professor regente e o intérprete, facilita a interpretação dos significados para os conceitos que não são do seu domínio.

Existem algumas dúvidas quanto ao papel que cada um deve desempenhar em sala de aula, podendo os intérpretes serem confundidos com professores dos alunos surdos, por isso é necessário explicar o papel do intérprete, em sala de aula, explicitar o modo que ele trabalha de maneira equilibrada entre o ato técnico como intérprete e a mediação pedagógica no aprendizado do aluno surdo. Ambos, professores e Tils educacional, buscam com que o aluno surdo adquira conhecimento e se qualifique para sua vida cidadã e profissional.

Como novo agente no espaço escolar, o intérprete de Língua Brasileira de Sinais (Libras) passa a conduzir o modo de ensinar ao aluno surdo, através de novos métodos linguísticos. Dessa forma, precisa estar atento a essas demandas comuns, em sala de aula, preocupando-se com o aprender do aluno surdo, às sugestões a serem dadas ao professor, ao seu posicionamento físico em sala, pois isso implica ou favorece o entendimento da explicação do professor pelo discente surdo.

Os alunos surdos passam a entender melhor o mundo, através da linguagem visual e de novas descobertas que esta língua traz, uma vez que a Libras é uma língua natural para eles. É por meio dos sinais que as possibilidades de entender os significados e o sentido do cotidiano potencializam suas aprendizagens. Mas mesmo com o apoio do Tils, o aluno surdo encontra algumas barreiras linguísticas.

A obtenção de informações desse aluno surdo e o modo de enxergar o contexto que o cerca será consolidada pela interação com outros sinalizadores e não pela forma oral que circula corriqueiramente, através das mídias ou meio familiar. Nesse contexto há a necessidade da presença de um profissional que, além do conhecimento linguístico, tenha o conhecimento das particularidades culturais desse indivíduo em sua condição visual. As atividades escolares precisam de adaptações metodológicas, linguísticas e culturais, pois, na maioria dos casos, são planejadas para alunos ouvintes e, neste caso, devem ser adequadas pelo intérprete, por meio de estratégias de interpretação ou de sugestão de adaptações metodológicas, ao professor regente de sala. A Língua Portuguesa e a Língua de Sinais são línguas distintas, cada uma apresenta uma gramática própria.

O conflito entre as duas atuações, no contexto escolar, acontece em algumas situações cotidianas, principalmente no tocante a real inclusão do aluno surdo, pois vem à tona a reflexão que o intérprete não é o professor regente da disciplina, mas, ao mesmo tempo, está envolvido no fazer pedagógico. Percebemos que o próprio ambiente em que acontece a atuação do Tils educacional, também exige as competências ao bom profissional, fazendo com que busque novas estratégias para desempenhar bem seu trabalho.

2.3 A interpretação na sala de aula: estratégias e recursos possíveis

A existência de leis que dão o suporte necessário aos indivíduos surdos, ainda não garante a obrigatoriedade dos benefícios, pois muitas vezes as leis funcionam somente na teoria. Lutar para que os surdos desfrutem das conquistas legais é um dever de todos e a educação especial é uma modalidade que foi reconhecida como um espaço que atende as fases da vida do aluno, de maneira integral. No entanto, a legislação é importante, pois estabelece o surdo como sujeito de direitos, oportunizando sua inserção no meio social. Sabe-se que a história da educação de surdos é repleta de controvérsias. A utilização de novas metodologias aplicadas pelo professor, pode melhorar a compreensão dos conteúdos, aumentar a concentração e motivar o interesse pela leitura e escrita.

Diante desse aspecto psicossocial, a escola, com seus respectivos profissionais, tem que estar preparada para se adequar a esse tipo de aluno, dando-lhe suporte, bem como à sua família, demonstrando que esse processo não deve ser considerado apenas como um problema escolar ou institucional; a escola deve mostrar claramente a proposta de trabalho, garantindo à família a oportunidade de aprender sobre a comunidade surda.

O trabalho do Tils é submetido à avaliação e críticas, pois vimos que essa profissão tem destaque e uma ampla visibilidade atualmente. Os aspectos legais e as práticas de interpretação desse profissional estão se firmando a cada dia, por consequência surgem mais críticas ao trabalho do Tils. Fato que não deveria ocorrer, uma vez que sua atuação merece todo zelo e cuidado, pois é um trabalho cheio de desafios.

A interpretação envolve, além de habilidade e experiência, afinidade do sujeito com o contexto. Pode esse profissional, com um conhecimento limitado de matemática, interpretar corretamente, devidamente, uma aula sobre potenciação? Um Tils pode interpretar, com a mesma habilidade, uma aula cujo tema seja políticas sociais europeias ou elementos químicos e tabela periódica? Nesse momento trazemos algumas narrativas, sobre a temática de utilizar

estratégias possíveis, para auxiliar na interpretação em sala de aula. O entrevistado A.M.O.N. (2022), afirma que, em sala de aula, costuma conversar previamente com o(a) professor(a) para saber quais serão os conteúdos da semana, para que possa estudar, em casa, quais os principais sinais dos temas abordados. O principal recurso utilizado em sala é o celular, pois ele o utiliza para mostrar aos estudantes determinadas imagens referentes ao conteúdo, quando o estudante não conhece o sinal e este sinal é vital para o conteúdo, mostra a imagem no celular.

De acordo com o que é apresentado no relato, a interpretação das disciplinas, para serem bem realizadas, precisa estar alinhada com a consulta dos conteúdos previamente, bem como o diálogo com o professor, pois os conhecimentos básicos sobre as matérias escolares a serem trabalhadas, apontam informações fundamentais para um desempenho satisfatório desses profissionais.

Em seguida, trazemos a experiência do trabalho na escola Estadual Lavoisier Maia, logo quando fui convocada, em seis de novembro de 2019. Fui trabalhar em uma turma do 8º ano como intérprete educacional. Uma das maiores dificuldades que encontrei, foi justamente fazer a interpretação das disciplinas, Matemática e Ciências, pois não dominava os conteúdos e, muitas vezes, não tinha acesso ao conteúdo com antecedência, gerando um grande problema e dificultando meu trabalho.

No desenvolvimento do meu trabalho, no ensino fundamental maior (8º ano), atender as diversas áreas de conhecimento foi uma das principais dificuldades que enfrentei, os temas trabalhados, com conceitos, nem sempre conhecidos por mim, com aulas que duravam cinquenta minutos, tudo isso tornou minha interpretação bastante complexa. Aqui mostro algumas estratégias utilizadas por mim, diante das dificuldades enfrentadas no cotidiano da sala de aula, como por exemplo, o desconhecimento do aluno com relação ao conteúdo específico ministrado pelo professor ou mesmo a ausência de sinais para termos específicos. No que se refere à essa questão, A.M.O.N. (2022), esclarece que, para ele, as disciplinas mais difíceis são as de exatas, pois tem dificuldade com elas, acrescido ao fato dos professores dessas disciplinas utilizarem poucas imagens. As disciplinas de química e física são de difícil interpretação, pois não existem sinais para a maioria dos conteúdos, por exemplo, ligação iônica, entre outros.

Os termos utilizados são muito específicos nas ciências exatas e como não há sinais para a grande maioria, a interpretação acaba se tornando complicada, isso vemos bem explícito na entrevista do Tils, principalmente porque os surdos que estão ingressando na educação básica estão com defasagem linguística. Na interpretação, muitas vezes utilizamos o recurso da datilografia - uso de sinais similares, sinônimos, criação de novos sinais, explicação do significado da palavra, apresentação de ilustrações, pela inexistência do sinal específico

para aquela terminologia ou pelo simples fato do desconhecimento do sinal, porque certas outras disciplinas e áreas do conhecimento possuem temáticas específicas que ainda não têm sinal correspondente em Libras.

Ao interpretar, criamos termos a partir de outro termo e, dessa forma escolhemos palavras/sinais que correspondem aos objetivos daquela expressão. Ao construirmos enunciados escolhemos palavras/sinais que aparecem em outros enunciados, executados por muitos outros, mas que tenham semelhanças aos dizeres, às intenções. Sendo assim, as palavras são determinadas pelo contexto em são produzidas, recebendo influências de diferentes enunciados, mas ao mesmo tempo as palavras são livres e não pertencem a ninguém.

O Tils atua nesse cenário, intercalando as duas línguas, fazendo relação com os conhecimentos produzidos no espaço escolar, frente ao aprendizado de conceitos científicos que embasam a vida educacional do aluno surdo. Reforçamos a importância dessas estratégias como meios de facilitar e esclarecer a comunicação, destacando também a necessidade do uso e interpretação da língua, em alternância com a mensagem, dando-lhe significado.

Apesar do uso de estratégias por si só, não ser garantia de entendimento ou compreensão, na interpretação também utilizamos a datilologia e o tradutor/intérprete utiliza materiais para que o aluno surdo aprenda o português na modalidade escrita. Dessa maneira, o aluno surdo pode perceber que o contato com o material escrito é a forma de apropriar-se da escrita, trazendo sua materialidade, estrutura, tanto para alunos ouvintes e, mais ainda, para os surdos, por aproximá-lo do uso do português escrito.

Assim, minha intervenção como Tils educacional, desenvolveu-se durante a interação com a professora e o aluno, partindo das experiências e desafios apresentados diariamente. Para alcançar os resultados almejados vários recursos foram utilizados, como a elaboração de dicionário Libras/Língua Portuguesa, adaptação de material didático, avaliações e do ambiente escolar, participação da intérprete em reuniões de professores para discussões sobre a surdez, formas de avaliação e estratégias de ensino, bem como capacitação na Libras, atividades em Libras para os alunos ouvintes, reuniões pedagógicas compartilhadas com a Coordenadoria de Educação Especial, da 12ª Direc.

A partir de uma interação intérprete/professora/aluno voltada para construção de conhecimentos, estabelecemos uma relação significativa com vistas à formação individual desse aluno, sendo perceptível sua mudança, tanto comportamental como escolar. O educando passou a realizar as atividades propostas com maior interesse e autonomia, passou a fazer

perguntas, aprendeu o nome de todas as pessoas da escola, dos objetos, os sinais dos objetos (que não conhecia) e continuou mais focado nas atividades propostas.

Percebeu-se que, para ampliar o repertório, para a promoção da aquisição da Libras foi necessário ampliar meu repertório, empregando significado aos sinais e ampliando meu vocabulário, por meio da exploração do Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue, (Capovilla & Raphael, 2001). Desse modo tive acesso a novas estratégias de ensino, que foram desenvolvidas gradativamente, no decorrer da relação cotidiana com o aluno.

Criamos juntos, Tils e o aluno, um conjunto de sinais de Língua Portuguesa para estudar o conteúdo apresentado em sala de aula, favorecendo não somente a aquisição da Libras como a ampliação de vocabulário da Língua Portuguesa escrita, possibilitando a participação de maneira significativa da aluna nas atividades da sala de aula, apontando para uma inclusão de fato. Na aplicação das avaliações não houve necessidade de fazer mudanças ou adaptações com ilustrações e sinais da Libras, pois o discente surdo que acompanho é alfabetizado na língua portuguesa, fato esse que facilitou a compreensão dos conteúdos curriculares.

Suas respostas foram bastante positivas, assimilando as ideias e pondo em prática o que aprendeu em todo o semestre, o aluno passou a ressignificar a escrita como correspondente de um sinal, que já estava significado por ele, apontando para a aquisição dos conceitos. A escola permitiu minha participação nas reuniões dos professores, pude falar sobre o tema de educação, além do ensino dos primeiros sinais, para que eles se aproximassem do aluno, as discussões e reflexões proporcionaram novas estratégias de aprendizagem, desconstrução de alguns conceitos e, dessa forma, algumas adaptações realizadas.

As atividades propostas em Libras com os alunos ouvintes, além dos esclarecimentos sobre a surdez, promoveu maior interação entre estes e a aluno surdo, possibilitando-lhe participação, em alguns momentos, de maneira mais independente do intérprete. Os horários de trabalho pedagógico compartilhado realizado com a equipe multidisciplinar do setor de inclusão da Coordenação Educação Especial, 12ª Direc, foram significativos, para a troca de experiências, dificuldades, busca de soluções dos entraves encontrados durante o processo de inclusão, pois além da equipe havia outros intérpretes.

O aluno surdo que acompanho, neste estudo, carrega uma marca de “não aprendizagem”, oriundo de escolas anteriores que atribuíram a outros diagnósticos ainda não concluídos e que justificariam seu desempenho educacional para sua idade ou ano escolar. Entretanto, como aponta Quadros (2004, p. 28) “[...] os estudos sobre a Libras trazem a

inauguração de um novo olhar sobre o estatuto dessas línguas, a partir dos efeitos da modalidade: a língua é visual-espacial é diferente de uma língua oral-auditiva”.

Pensar sobre todos esses aspectos e suas consequências, dentro da sala de aula, implicam em reestruturação curricular. O Tils, portanto, deve estar preparado academicamente no sentido de considerar os aspectos culturais e linguísticos do aluno surdo, já que “as línguas de sinais, nos contextos em que são usadas pelas pessoas surdas, apresentam diferentes vieses de uma possível pedagogia, a pedagogia visual.” (Quadros, 2004, p. 28).

Quando falamos sobre educação bilíngue de surdos é pertinente ressaltar o perfil de profissional Tils que será inserido nesse contexto, pois sua atuação precisa ser pautada em uma prática reflexiva, crítica e de pesquisa, repensar constantemente o fazer pedagógico, da sua atuação no processo de ensino aprendizagem. Qualquer profissão se desenvolve por meio da racionalidade técnica, no entanto, não pode e não deve se limitar a ela, na simples execução e reprodução de conhecimentos, mas sim reconhecer e trabalhar, a partir dos saberes e fazeres, fundamentados nos princípios teóricos, metodológicos, epistemológicos, científicos e das experiências cotidianas. (Tardif, 2010).

Ao docente interlocutor/intérprete de Libras tem sido colocadas demandas de naturezas bastante distintas. Do ponto de vista social, tem tido que aprender a conviver mais intensamente com os interesses e pensamentos dos alunos e pais, no cotidiano escolar, e a ter uma interação maior com a comunidade que circunda a escola. Do ponto de vista organizacional, tem sido solicitado a ele, participar mais ativamente nas definições dos rumos pedagógicos e políticos da escola, a definir recortes adequados, no universo de conhecimentos a serem trabalhados em suas aulas, a elaborar e gerir projetos de trabalho.

Do ponto de vista pessoal, tem sido chamado a tomar decisões, de modo mais intenso, sobre seu próprio percurso formador e profissional, a romper constantemente com a cultura de isolamento profissional, a partir da ampliação da convivência com colegas. Em horários de discussões coletivas e, nos trabalhos em projetos e eventos escolares, a debater e a reivindicar condições que permitam facilitar a essência do próprio trabalho.

A fim de criar os seus processos, sua autonomia, suas interações no lugar da instrumentação determinada e preconcebida por outros, o professor regente e o docente interlocutor/intérprete escolar deve criticar os conteúdos e processos de sua formação permanente, gerando, assim, um conhecimento ativo capaz de analisar as mais diversas questões pessoais e profissionais.

A Língua Portuguesa sempre representou uma grande tensão entre surdos e ouvintes, os professores ouvintes se preocupam em pensar, pesquisar e elaborar metodologias para

garantir o acesso à Língua Portuguesa aos surdos, mas, por outro lado, para surdos, as representações do Português tomam diferentes formas que não se relacionam com essa importância forçada pelos ouvintes, configurando-se em dificuldades, desafios e limitações.

O fato de não partilharem uma mesma língua, no ambiente educacional, dificulta o acesso à informação, prejudicando-os quanto à aquisição de conhecimentos mínimos necessários para o seu desenvolvimento acadêmico. Lamentam que tudo na escola seja feito e pensado para os ouvintes, desconsiderando-se as necessidades, as especificidades e os interesses pessoais dos surdos.

A dificuldade de aprendizagem do surdo deve ser desmistificada, quanto à ideia de que tenha relação com o cognitivo, já que, prioritariamente, a dificuldade é na aquisição da escrita devido à língua. Neste sentido, amplia-se o valor do bilinguismo do intérprete educacional de Libras, em sala de aula, não eximindo o professor do compromisso com o aluno surdo.

2.4 Desafios presentes no saber e fazer, refletindo sua atuação sobre suas próprias ações

Nesse tópico, mostraremos o pensar reflexivo como forma de buscar vencer as dificuldades de atuar em sala de aula, refletir sobre a importância da teoria e da prática como integrantes do processo de reflexão acerca do trabalho, observando as contribuições e mudanças que essa reflexão produz na prática pedagógica. Torna-se essencial uma mudança de postura dos profissionais Tils, iniciando-se com uma formação crítico-reflexiva, visando a boa qualidade da prática pedagógica. Sabemos que o processo reflexivo deve ser contínuo durante a jornada de qualquer profissional. Repensar nossa prática, melhorar nossa atuação e mudarmos sempre que preciso é um desafio e uma necessidade, pois, enquanto profissionais de determinada área, precisamos ser conscientes e abertos a tais possibilidades.

Alguns conflitos de opiniões têm sido gerados, em relação à postura do trabalho do Tils, ocasionando discussões, pela crença que o intérprete educacional precisa seguir o código de ética, que limita sua participação e sua opinião sobre o que está sendo falado entre os interlocutores, limitando-se apenas à interpretação da aula. No entanto, vemos, em alguns relatos, que a atuação neste espaço é distinta de interpretar, como em uma conferência, ou em uma consulta médica.

O foco da atuação do Tils educacional não se baseia em seguir o código de ética, pois ela possui características próprias que precisam ser respeitadas, nos diferentes contextos e as necessidades que cada um deles impõe para a atuação do Til (Lacerda, 2011). Várias vezes no cotidiano do meu trabalho como intérprete educacional passei por confusões

de papéis na sala de aula, quando os alunos me pediam autorização para sair da sala, explicar alguma coisa, enquanto o professor está ocupado ou ausente, entre outros.

Na sala de aula, para que o trabalho do professor e do intérprete favoreçam e promovam a aprendizagem do aluno surdo, necessita haver parceria. Para isso, é importante que o professor regente conheça a Língua Brasileira de Sinais e passe a se comunicar com o aluno. Ter uma comunicação direta com o professor, o motivará a aprender, tirar dúvidas, aproximar-se, promovendo o aprendizado. Enfatizamos que o professor não deve deixar toda a responsabilidade para o intérprete, pois seu papel é intermediar os vínculos, interpretar o conteúdo e facilitar a aprendizagem, através de metodologias planejadas em conjunto - professor/intérprete.

O ato de ensinar os conteúdos é obrigação do professor e as informações podem ser passadas sem a preocupação com a Libras, pois sua língua de domínio é o Português. Já o intérprete faz o assessoramento, mas isso não é garantia do educando surdo ter acesso às informações, pois o Tils pode não ter entendimento satisfatório, em relação a alguns conteúdos e/ou o surdo pode ter pouco domínio da Libras. No momento da explicação, o Tils faz a interpretação, em todas as aulas, porém, se houver dúvidas por parte do aluno, espera-se que o professor regente esclareça os questionamentos do aluno e, se necessário, pedindo auxílio ao intérprete.

Quando as crianças surdas chegam no ensino fundamental enfrentam dificuldades com a mudança de ciclo (o mesmo acontece com as crianças ouvintes), alguns sinais são desconhecidos por elas, exigindo delas um amplo vocabulário e, por não estarem acostumadas com a variedade de apresentação de conteúdos, seus conhecimentos prévios para compreensão desses conteúdos são restritos. Outro obstáculo visível é o ato de escreverem e olharem para o intérprete.

De acordo com a Declaração de Salamanca, toda criança é única e possui características, interesses, habilidades e necessidades de aprendizagem diferenciadas. O professor precisa considerar as singularidades dos seus alunos, não pode planejar atividades de letramento para ouvintes falantes do Português e, a mesma atividade, para usuários de outra língua, como aluno surdo usuário de Libras. Respeitando as especificidades do seu alunado, o professor poderá promover um processo de ensino-aprendizagem prazeroso com resultados mais eficazes.

Os alunos surdos sentem-se excluídos quando não circulam “entre os seus” (surdos), deixando de existir a barreira linguística que funciona como uma parede entre os mundos das comunidades de ouvintes e surdos. Sem pares presentes e, sem circular uma mesma língua no

ambiente em que convivem, cresce a dificuldade de seu processo de socialização, na instituição escolar. Ressaltamos a importância de matricular os surdos em escolas que já tenham outras pessoas surdas, para que esse encontro com seus semelhantes, no ambiente escolar, facilite a inclusão na sua língua materna, a Libras.

Na nossa escola E.E.T.A.D., o aluno surdo foi muito bem acolhido por todos, apesar de somente ele ser uma criança surda, em toda a escola, porém, isso não foi motivo de despertar sentimento de exclusão. A escola como um todo acolheu e demonstrou interesse em aprender essa nova língua. A turminha do 4º ano ficou bastante empolgada, todos os dias, no final das aulas, eu ensinava alguns sinais básicos para facilitar os alunos ouvintes a se comunicarem em Libras.

Atuando na área da inclusão, o Tils encontra em seu caminho vários desafios, que exigem uma postura ética, generosa e includente. Uma boa prática da formação desse profissional, sua mediação e construção dos conhecimentos o levará a obter bons resultados no seu trabalho. Sua interpretação sofre influências, uma vez que as pessoas estão cada vez relacionando-se umas com as outras de maneiras cada vez mais rápidas e em tempo real, pois a comunicação é uma das maiores necessidades da humanidade.

Ressaltamos que a interpretação simultânea não ocorre ao mesmo tempo da fala original, já que “há um tempo de processamento, por parte do intérprete, da informação recebida para então organizá-la para a outra língua” (Lacerda, 2011, p. 21). Dessa forma, o tradutor/intérprete executa sua interpretação no limiar entre os sentidos da língua de origem e da língua alvo, relacionando os processos de interpretação com o contexto no qual o discurso é formado.

Durante minha prática, na tradução e interpretação das aulas de Português, sendo ela a principal área de conhecimento, na escola, houve uma facilidade maior, do que em Ciências, História e Geografia, pois a tradução e a interpretação se mostraram extremamente complexas, deixando lacunas que coube ao aluno preenchê-las ou não. O trabalho em conjunto (Til e professor) aprimorou os conhecimentos, como também a pesquisa no dicionário Capovilla que ajudou no uso adequado dos parâmetros da Libras, fazendo toda a diferença na minha prática. Um dado importante que A.M.O.N. (2022), explicitou anteriormente, em uma situação interpretativa, fica bem claro, quando ele diz que os maiores desafios são: a falta de uma cultura de ensino colaborativo nas escolas, a falta de uma definição de papel dentro da escola, falta de formação em serviço, falta de orientações práticas ofertadas pelo poder público e a ideia popular que o intérprete é um dicionário ambulante e que pode interpretar qualquer conteúdo sem aviso prévio, como se fosse “bucha de canhão”.

Os desafios encontrados na profissão do Tils educacional são muitos, como tantos que vemos em outros profissionais, mas nessa atuação específica do Intérprete de Libras, percebemos situações errôneas que desestabilizam o fazer pedagógico, como ficou claro, mais uma vez, no relato de A.M.O.N. Ele enfatiza novamente a falta de colaboração dos professores regentes, que o seu papel se confunde com o do professor, destaca a falta da formação continuada, capacitações ofertadas pelos serviços públicos, pois o Tils precisa desse tempo para qualificar-se, aprimorar seu fazer pedagógico, sendo inadmissível ser jogado em uma sala de aula, sem informações prévias.

No contexto da educação inclusiva atual é por meio do intérprete que a igualdade de oportunidades de conhecimento se abrem para os alunos surdos. Obviamente, não é função do intérprete lecionar, mas, sim, repassar com clareza e eficácia os conteúdos curriculares. Às vezes, acontece algo inevitável, como substituir, em alguns momentos, o professor. A tradução e interpretação, em Libras, possibilita aos surdos desatar nós na visão de mundo ampliando o conhecimento linguístico do português para o surdo.

O dever ético do profissional Tils é muito importante e deve prevalecer a sua vaidade. Deve-se evitar traduzir e interpretar, em diferentes contextos de atuação, que não seja sua área de conhecimento. Destacamos o código de ética do profissional Tils no capítulo 1 que fala sobre os princípios fundamentais, fazendo recomendações: “[...] todo intérprete deve ter consciência sobre sua capacidade e nível de competência, usar de prudência, ao aceitar trabalhos, pedir ajuda aos colegas intérpretes e profissionais, quando julgar necessário (Quadros, 200, p. 31).

O sucesso escolar das pessoas surdas não está unicamente na responsabilidade do Tils educacional, mas também na disposição do professor em conhecer as singularidades da Libras, em respeito usuários nativos, se dispondo a fazer adaptações curriculares procedimentais e atitudinais, para ensinar as diversas disciplinas, com técnicas e adaptações curriculares e pedagógicas, atendendo dessa forma as especificidades do educando surdo.

Reforçamos que, nesse processo de inclusão escolar da pessoa surda, é primordial que cada um que faz parte desse contexto, assuma seu papel e respectiva responsabilidade, iniciando pela base familiar, depois a escola, Professor\ Tils\estudante surdo, comunidade escolar em geral, todos movidos por uma relação de cumplicidade e buscando alternativas, em prol da conquista por uma educação de qualidade, inclusiva e incluyente para o aluno surdo.

CAPÍTULO 3 - A IMPORTÂNCIA DO TILS NA EDUCAÇÃO DE SURDOS: INSTRUMENTO DE ACESSIBILIDADE X MEDIADOR DE APRENDIZAGEM

É preciso ser SURDO para entender...

Como é “ouvir” uma mão?

Você precisa ser surdo para entender!

O que é ser uma pequena criança na escola,
numa sala sem som com um professor que fala, fala e fala.

Você precisa ser surdo para entender!

Ou o professor que pensa que para torná-lo inteligente
você deve, primeiro, aprender como falar com sua voz assim,
colocando as mãos no seu rosto por horas e horas sem paciência ou fim,
até sair algo indistinto assemelhado ao som?

Você precisa ser surdo para entender!

FAÇA-ME SENTIR IGUAL A VOCÊ!

Autor: escritor e surdo Willard J. Madsen

Iniciaremos este capítulo, citando alguns versos do poema “É preciso ser surdo para entender”, do professor surdo americano Willard J. Madsen que, através da poesia, mostra sua frustração por viver em um mundo excludente, onde prevalece a cultura ouvinte. Com isso, vemos o quão necessária é a presença do intérprete de Libras, trazendo acessibilidade para o convívio das pessoas surdas, dando a oportunidade de inserção/interação, no espaço social e educacional, proporcionando igualdade de oportunidades, tornando-as iguais a todos e, ao mesmo tempo, diferentes, pois as pessoas têm direitos iguais, mas com suas singularidades e identidades respeitadas.

Neste capítulo, refletiremos sobre a importância do papel que o Tils educacional desempenha na educação de surdos, como apenas um canal de comunicação, para promoção de acessibilidade ou como agente da aprendizagem. Como sua atuação influenciará na relação com a instituição escolar, professores, alunos surdos, podendo contribuir, com sua atuação para a melhoria do processo educativo do discente surdo.

Apresentaremos também a importância da escola promover a inclusão dos alunos surdos e como esse sujeito deve ser respeitado diante das suas especificidades. O direito à educação, instituído por lei, envolve todos os sujeitos e a estes devem atender, conforme suas singularidades.

Muitas vezes, o sujeito surdo chega à escola sem ter muito conhecimento em Libras, pelo fato de ser filho de pais ouvintes e a escola não desenvolve nenhuma ação para

minimizar esse desconhecimento dos pais, criando para o intérprete um trabalho a mais, pois, além de fazer a interpretação, também tem que contextualizar. Discutiremos a importância do professor não ser ausente do processo educacional da criança surda, pois apesar da presença do intérprete, o responsável pela sala e pelo aluno é o professor e este precisa ter consciência disto, trabalhando junto com o intérprete nos planejamentos e momentos oportunos em que possam esclarecer as dúvidas e adotar metodologias de ensino adequadas.

Há necessidade de uma relação pedagógica, que resulte em um trabalho colaborativo entre professores e intérpretes, atuando juntos, no planejamento de suas ações e metodologias, na troca de informações sobre o conhecimento da criança surda. Cabe-nos destacar, porém, que a falta de uso da Libras pelo professor o priva de melhores ações para com a criança surda e, se eles fizessem um curso de Libras, isto lhes garantiria melhores resultados, em suas atividades. Isso não dispensa, nem menospreza a presença do intérprete, mas com essa ação, não haveria uma sobrecarga dos intérpretes e os professores compreenderiam melhor a situação vivida pela criança surda.

O despertar da consciência dos professores, em relação a falta que lhes faz a Libras, em sua profissão, torna-se uma atitude notável, renunciando a algum tempo, para aprimorar seus conhecimentos na língua de sinais. Como também o desconhecimento que a escola ainda possa ter, em relação à cultura surda em si, é relevante para a inclusão e acessibilidade dos discentes surdos.

3.1 A instituição escolar e o aluno surdo

Atualmente, têm acontecido várias discussões referentes à educação e, quando voltamos nosso olhar para a educação especial, percebemos que ainda há muito a fazer, pois é preciso possibilitar que todos os alunos, sem qualquer tipo de distinção, tenham acesso à escola. Mas o que é a educação especial? De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) nº 9.394/1996, em seu artigo 58, estabelece que é “a modalidade de educação escolar oferecida, preferencialmente, na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação” (LDBEN, 1996). Nesse sentido, ao nos referirmos especificamente aos alunos com deficiências, destacamos os alunos surdos.

A inclusão não pode ser concebida como mera inserção, alocação, integração do aluno surdo no espaço escolar, mas como aquela que atende à diversidade e contemple conhecimentos sobre as especificidades de todos os alunos e, pensando nesta perspectiva,

surgiu o interesse pelo tema. Cabe à escola, investigar como se dá o processo de interlocução entre os alunos surdos e os funcionários, analisar como funcionam as adaptações curriculares, do ponto de vista linguístico e pedagógico, do aluno surdo, bem como conhecer como ocorre a relação professor-aluno.

A necessidade social de melhoria no convívio entre as pessoas com necessidades especiais e as pessoas ditas “normais” é um fato inquestionável, pois vivemos complexidades de comportamentos, atitudes e valores que nos diferenciam, daí a relevância desta pesquisa para sociedade. As pessoas com surdez, ao longo do tempo, enfrentam inúmeros entraves para atuar na educação escolar. Estudos realizados na última década do século XX e início do século XXI, por vários pesquisadores, oferecem contribuições à educação de alunos com surdez na escola regular, ressaltando a valorização das diferenças no convívio social e o reconhecimento do potencial de cada ser.

Aristóteles ensinava que os surdos, por não possuírem linguagem, não eram capazes de raciocinar. Devido a esta crença, os surdos na Grécia não tinham direitos. No entanto, em 360 a. C, Sócrates, declarou que era aceitável que os surdos se comunicassem com as mãos e corpo. Influenciados pelos gregos, os romanos também sacrificavam as crianças surdas, como também os deixavam à margem da sociedade. Santo Agostinho defendia a ideia de que os pais de filhos surdos eram castigados por algum pecado cometido. Na idade moderna surge uma nova perspectiva, foi nessa época que se descobriu que os surdos não eram mudos necessariamente.

Pedro Pance de Leon (século XVI) iniciou a educação dos surdos, através da criação do alfabeto manual, Charles Michel L'Épée, é considerado o criador da linguagem gestual, embora a história não valide este fato: suas principais contribuições com relação ao surdo foram: a criação da primeira escola de surdo do mundo, em Paris - o Instituto Nacional de Surdos-Mudos, reconhecimento do surdo como ser humano; adoção do método de educação coletiva; reconhecimento de que ensinar o surdo a falar não era tão significativo, quanto ensinar-lhes a linguagem gestual.

Nessa mesma época, houveram duas tendências distintas na educação do surdo: o gestualismo e o oralismo. Porém, apenas os surdos defendiam o método francês (gestual), já os ouvintes apoiavam o método alemão (oral); nos EUA, faziam campanha a favor deste método, inclusive os professores e médicos. Maria Salomé Soares Dallan, em sua dissertação para o mestrado, em um programa de Pós- Graduação na Universidade São Francisco, em Itatiba 2012, orientada por Márcia Aparecida Amador Mascia, fez uma releitura histórica

sobre os estudos de surdos, quanto ao seu processo de inclusão escolar, no Brasil, a Declaração de Salamanca e suas consequências. Prefiro não colocar

Em sua pesquisa relatou que o Congresso de Milão, em 1980, foi um período difícil para a comunidade surda, pois foi decidido por um grupo de ouvintes a exclusão da língua gestual usada pelos surdos substituindo-a pelo oralismo, a preferida durante os fins do século XIX e grande parte do século XX. O principal objetivo dessa substituição era transformar o surdo em um sujeito capaz de falar e, até mesmo, escutar. Durante o século XX, com o avanço da ciência e tecnologia, a surdez passa a ser encarada como algo que pode ser corrigido. Na antiguidade, os aparelhos usados para melhorar a audição eram cornetas ou tubos acústicos. Em 1948 surgem os aparelhos com pilhas.

Em 1953, passa a ser usado o transistor em prótese. Em 1970, aparecem as primeiras tentativas de implantação coclear. No Brasil, a história dos surdos começou em 26 de setembro de 1857, durante o Império de D. Pedro II, quando foi fundado o Instituto de Surdos Mudos, por um professor francês chamado Hernest Huet que também era surdo. Esse Instituto era considerado um asilo só para homens que vinham de todo o país, muitos abandonados pelas famílias e que, em 6 de junho de 1957 passou a denominar-se Instituto de Educação de Surdos. Por decreto Imperial, Lei nº 3.198, nessa época era proibida a língua de sinais nas salas de aula, mas, ainda assim, os alunos faziam isso nos pátios e corredores das escolas. A partir daí começa as várias tentativas de um modelo de comunicação.

Antes de se questionar uma estrutura educacional de qualidade para os alunos surdos, faz-se necessário refletirmos acerca do uso da Libras e seus desdobramentos. Segundo a Lei Federal Nº. 10.436, de 24 de abril de 2002, Art. 1º, a Libras é reconhecida como meio legal de comunicação e expressão e outros recursos de expressão a ela associados. A partir da legislação, foi garantido ao surdo o pleno desenvolvimento da comunicação e de suas relações sociais e interpessoais. Vygotsky (1989, p. 38) salienta que “A linguagem tem como primeira função, tanto para o adulto como para a criança, a comunicação, o contato social e a influência, sobre os indivíduos que estão ao seu redor”. Assim, supõe-se a necessidade da relação entre a comunicação e a linguagem, entre os indivíduos, para que haja desenvolvimento social e cognitivo.

A Língua de Sinais é a língua natural da comunidade surda, com regras morfológicas, sintáticas, semânticas e pragmáticas próprias, possibilitando o desenvolvimento cognitivo da pessoa surda. A Língua de Sinais são sistemas de comunicação desenvolvidos pela comunidade surda, constituindo-se em línguas completas com estruturas independentes das línguas orais. Os sinais são formados, a partir de parâmetros como a combinação do

desenvolvimento das mãos, com determinado formato, num determinado lugar, podendo este lugar ser uma parte do corpo. Na combinação desses parâmetros obtém-se o sinal.

Outro aspecto específico da inclusão do surdo em escolas regulares que deve ser considerado é a formação do professor, que como consta no Decreto Nº. 5.626/05, os cursos de formação de professores (pedagogia, letras e licenciatura), devem inserir em sua matriz curricular uma disciplina específica de Libras, na perspectiva de divulgar a língua e capacitar professores, no uso dessa língua, também com finalidades educacionais. Desse modo, os professores terão uma formação voltada para as necessidades educativas especiais bem como possibilitar uma melhor interação entre professor e aluno garantindo assim a igualdade de direitos para todos os alunos.

O Decreto Nº. 5.626/05 garante ainda, o direito das pessoas surdas ao acesso às informações, através da Libras, o direito dessa comunidade a uma educação bilíngue, da formação de professores de Libras e de intérpretes de Libras, entre outras providências. É evidente que a atuação do intérprete é imprescindível no processo de inclusão do surdo nas escolas regulares, já que estes tem direito a uma educação bilíngue.

O processo de inclusão requer práticas educativas que apontam para qualidade das relações estabelecidas no espaço escolar. O domínio e o uso da Língua de Sinais pelos professores e intérpretes é condição necessária, porém não suficiente para que a inclusão seja bem-sucedida. Para Freire, (1987, p. 34), “[...] uma práxis educativa centrada nos valores e consciência, será capaz de libertar o homem de toda situação de opressão”

A temática da inclusão traz consigo muitas demandas e, a partir dessa fala de Freire, pensar no papel do corpo docente da escola na luta pela inclusão; tendo consciência de que somos iguais perante deveres e direitos. É possível e necessário propor intervenções práticas no ambiente escolar de forma transformadora, considerando a todo instante a realidade peculiar de cada aluno. Dessa forma, vale salientar que investir na formação de professores é a melhor forma de contribuir para a inserção e favorecimento do surdo na sociedade.

Nos dias atuais, há necessidade de que todas as escolas sejam inclusivas, com todos incluídos no mesmo espaço, todavia, a inserção de alunos com deficiências no contexto escolar com outros discentes sem deficiências, não significa a garantia da oferta de um ensino de qualidade. Muitos educadores têm receio de receber alunos com deficiências, por não se sentirem preparados para tal missão.

A Escola Estadual Tertuliano Ayres Dias, pela primeira vez, no ano de 2021, teve no seu quadro de matrícula um aluno surdo. Esse fato causou, no primeiro momento, na comunidade escolar, curiosidade, ansiedade e muitas dúvidas de como receber e se diante

desse desafio à escola. Prontamente, a gestão da escola solicitou à Diretoria Regional de Educação, 12ª Direc, através de ofício, o profissional Tradutor Intérprete de Libras.

O primeiro dia de aula com a presença do Tils foi no dia 14 de fevereiro de 2022. Foi muito bem recebida por todos, incluindo a gestão escolar, coordenação, professores e alunos. A curiosidade inundava o ambiente, tanto pelo fato de ter um aluno surdo e o profissional intérprete pela primeira vez na escola. Fiz minha apresentação na sala de aula, iniciando alguns sinais básicos de comunicação em Libras, todos ficaram encantados, o interesse era visível nos rostinhos dos alunos e a alegria estampada no rosto do aluno surdo, aqui irei chamá-lo de J.G.

J.G. é um aluno de 9 anos de idade com deficiência auditiva severa – limiaries entre 71 e 90 dB nível de audição. Desconhecia a Língua Brasileira de Sinais, até o ano de 2020, onde iniciou seu atendimento no Centro de Atendimento ao Surdo - CAS Mossoró, passando assim a comunicar-se em Libras. Seu relacionamento com a turma era bastante afetuoso, colegas sempre incluindo-o na sala de aula e não houve resistência, por parte da docente, em recebê-lo, muito pelo contrário disponibilizou-se em aprender e buscar alternativas para possibilitar oportunidades de igualdade nas atividades propostas.

Nos primeiros meses foi feita uma reunião pedagógica, onde tive oportunidade de falar e foi sugerida a sinalização da escola, salas de aulas, sala do professor, banheiros, todos cômodos, no geral. Esse gesto iniciou um processo de dar visibilidade à Libras, na comunidade escolar e, graças a sensibilidade da instituição, foi dado um passo na implementação do direito de pessoas surdas sinalizadas e um reconhecimento oficial do direito à inclusão no Brasil. No entanto, não podemos deixar de parabenizar a escola E.E.T.A.D. pela iniciativa. Em seguida, trazemos a foto da entrada da escola com o “ Bem Vindos” em Libras, em datilologia.

Figura 10 - Fachada da escola E.E.A.D.



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Os estabelecimentos de ensino devem tratar a acessibilidade como um fator essencial para a inclusão de alunos com deficiências. Atitudes com essa da escola E.T.A.D., fizeram toda diferença na vida escolar do aluno J.G., fazendo-o sentir-se acolhido e incluído com pequenos gestos, o mínimo que uma instituição escolar poderia realizar e que, por muitas vezes, não acontece. Nos alunos ouvintes houve uma grande repercussão positiva, ficaram estimulados em aprender Libras para comunicar-se com J.G. Aprenderam rápido o sinal de J.G' "Bom dia" e "Oi", sempre ao chegarmos faziam questão de nos cumprimentarmos nos corredores da escola.

A escola tem um papel fundamental nos processos de integração por ser responsável em facilitar e, assim, transformar a realidade de seus estudantes, independente de suas limitações, peculiaridades e dificuldades de aprendizado. Sabemos também como a família é importante na formação de cada indivíduo, como primeira instituição formadora e como ela é a base na identidade de cada pessoa. Consideramos importante perceber a efetividade das ações implementadas na escola bem como seus respectivos resultados. É importante destacar o papel que a mãe de J.G. desempenha, sua postura, força e comprometimento, em buscar uma qualidade de vida para seu filho, pois antes ele estudava em escolas privadas que não disponibilizavam, em sua grade de profissionais, o intérprete de Libras, Quando ficou sabendo da existência do CAS Mossoró e do direito ao Til, nas escolas públicas, logo procurou matriculá-lo em instituição que oferecesse essa acessibilidade garantindo o direito do seu filho. Vale ressaltar a alegria que ela sentiu, quando viu que a equipe E.T.A.D. tinha sinalizado todas as dependências da escola. Em sua narrativa, ela apresenta seu relato nos stories do Instagram agradecendo a toda equipe, em especial à professora intérprete de Libras @bragalucivanda, parabeniza a escola @tertulianoayresdias no quesito inclusão, explicando que desde que meu filho João Guilherme entrou nessa escola, viu os esforços que são feitos

para ele se sentir acolhido! Ressalta a importância de dar visibilidade à língua de sinais (LIBRAS), tratando a questão de empatia, amor e sensibilidade dos demais alunos para com ele, que inclusive aprendendo juntos.

Na narrativa dessa mãe vemos, em suas palavras, o reconhecimento afetuoso, por seu filho estar em uma escola com profissionais que buscam a realização de uma prática inclusiva e incluyente. Um dos fatores fundamentais para a educação inclusiva de surdos é o relacionamento entre escola e família, pois, quando a criança se encontra no início do desenvolvimento linguístico, é no seio familiar que se descobre o sentido do contexto que a rodeia.

No caso de educandos surdos, a maioria dos professores não domina a Libras, conseqüentemente, não se comunicam com eles, por esse motivo, surge a necessidade desses alunos precisarem de outro professor e, nesse caso, entra o personagem Tils educacional e seu papel de mediador no processo da aquisição da aprendizagem.

Entendemos as dificuldades que surgem, quando a formação dos docentes não está centrada no discente surdo, ocasionando o despreparo e uma visão distorcida do processo. Várias reclamações já foram constatadas, envolvendo dificuldades na prática pedagógica com educandos surdos, mesmo com docentes que passaram por alguma formação, como por exemplo, cursos abordando temáticas relacionadas à inclusão de pessoas surdas e a disciplina de Libras no curso de graduação. Mesmo assim, não são suficientes, pois o real aprendizado sobre os sujeitos surdos, somente a convivência com a comunidade surda possibilita.

Toda e qualquer instituição escolar, quer seja da rede pública ou privada, tem a obrigatoriedade de oferecer um atendimento de qualidade com o compromisso de incluir os alunos surdos, com respeito às suas especificidades, necessidades educacionais, uma vez que a lei foi instituída e legalizada há mais de vinte anos.

As dificuldades e os desafios no âmbito escolar inclusivo ocorrem, a partir da entrada da pessoa surda no universo predominantemente ouvinte e, torna-se ainda mais complexa, a comunicação com língua de sinais. Quadros (2006) a define como primeira língua das pessoas surdas, desde a sua alfabetização.

O desconhecimento da Libras pela comunidade escolar, como os colegas ouvintes, equipe pedagógica e, principalmente, professores, dificulta o processo de inclusão do surdo no grupo escolar. Os surdos têm experiência essencialmente visual e adquirem uma língua de modalidade viso-espacial. Há uma urgência quando se pensa na educação do surdo e sua inclusão, seja educacional ou social. No Brasil, a inclusão, a língua de sinais e a educação

bilíngue são temas muito debatidos, porém ainda não vivenciados nos ambientes educacionais, de forma satisfatória. Quadros (2003, p. 88) defende que:

O bilinguismo é uma proposta de ensino que propõe tornar acessível à criança duas línguas no contexto escolar. Os estudos têm apontado para essa proposta sendo a mais adequada para o ensino de crianças surdas, tendo em vista que considera a língua de sinais como língua natural e parte desse pressuposto para o ensino da língua escrita.

Nas palavras de Quadros (2003), pode-se perceber a importância de respeitar as diferenças que compõem a pessoa surda, não apenas importante, porém necessário, para se ter de fato e de verdade, a anelada educação para todos. Em uma escola inclusiva, o conceito de “normal”, “igual” deve ser dissociado e associado ao conceito de diversidade, ponto chave da escola inclusiva, que é capaz de desenvolver um trabalho de qualidade com a diversidade humana, uma vez que não percebem as pessoas com deficiências como um grupo homogêneo, e sim como um grupo heterogêneo. Segundo este conceito o aluno não pode mais ser visto como aquele agente pacífico, que vai à escola apenas para ouvir, copiar e repetir. Por isso, não devemos esperar que todos os alunos aprendam no mesmo ritmo, da mesma forma e ao mesmo tempo.

3.2 O professor ouvinte e o aluno surdo: o papel do Intérprete

A educação de surdos é uma temática bastante complexa, apesar de inovadora, pois é preciso pensar na necessidade de aprimoramento na atuação e competência do professor ao receber esses alunos, assegurando a eles pleno desenvolvimento. Dessa forma, para dar um melhor atendimento ao discente surdo, é preciso ter uma equipe de profissionais bem qualificados e proporcionar um ambiente escolar incluyente.

Segundo Lacerda (2006, p. 166), “A inclusão de alunos surdos pode se apresentar como algo bastante benéfico aos ouvintes, uma vez que estes têm a oportunidade de aprender a respeitar as diferenças”. A elaboração desses conceitos sobre a surdez, a língua de sinais e a cultura surda, a partir da convivência e interação com eles, oportuniza esses conhecimentos.

A escola dita inclusiva, que se propõe a receber os alunos em questão, não pode se esquecer das dificuldades que esses educandos enfrentam, nas questões relacionadas à aquisição da língua portuguesa, por isso devem buscar proporcionar, segundo Lacerda (2006, p. 166),

Uma cultura de colaboração entre surdos e ouvintes e que professores e especialistas que participam da atividade escolar constituam uma equipe com tempo reservado para organização de atividades, trabalhando conjuntamente numa ação efetiva de proposição de atividades que atendam às necessidades de todos os alunos.

O contato comunicativo estabelecido com a comunidade surda e seus pais, os professores e intérpretes envolvidos em sua educação, requerem uma formação adequada, que tenham conhecimentos sobre a cultura surda, como também da Libras e da surdez em si, para atuar com o perfil do aluno surdo. Assim, segundo Quadros (1997, p. 116), “Todo o processo depende da interação afetiva do professor com o aluno. [...] sem uma comunicação afetiva, ou seja, se o professor não se comunicar com o seu aluno utilizando a língua de sinais, o processo estará comprometido”.

Os professores da educação básica, leigos na educação de surdos, precisam do apoio de profissionais especializados, buscar aperfeiçoar seus conhecimentos, objetivando uma prática de atuação exitosa, no seu processo de ascensão, confirmando a necessidade de formação em Libras, para, dessa forma, não cometerem o erro de fazer desenhos, mímicas, gestos, escrever ou falar apenas, mas, sim, possibilitar ao aluno surdo a construção do conhecimento.

O processo de interação entre professor regente e aluno surdo é prejudicado quando o professor ouvinte não procura aperfeiçoar sua atuação e isso ocorre, na maioria das vezes, principalmente na comunicação, dificultando a assimilação e compreensão do conteúdo, tornando limitada e sem sentido a ação pedagógica. É necessário que o professor tenha fluência na Libras, para exercer seu trabalho ou conte com a presença do Tils.

Os professores, na maioria dos casos, atribuem aos intérpretes a responsabilidade da aprendizagem do discente surdo, criando uma relação de distanciamento, mostrando que os intérpretes são a resposta para todas as indagações dos alunos surdos, não necessitando de uma atenção individualizada, por parte do professor. A presença do profissional intérprete em sala, no entanto, não é garantia de uma educação eficiente e de qualidade. Nesse momento, cabe destacar o relato de A.M.O.N. (2022), aponta que o Tils é o mediador na comunicação entre surdos e ouvintes, nas diferentes situações de interação social. Contudo, na rede municipal, o professor delega ao intérprete a responsabilidade de assumir o ensino dos conteúdos desenvolvidos na sala. Muitas vezes, o professor consulta o intérprete a respeito do desenvolvimento do aluno surdo e manda o Tils adaptar as avaliações e atribuir a nota ao estudante.

Em sua exposição pode-se observar que a atuação do Tils educacional se resume em ser o profissional responsável pelo aluno surdo, adaptar provas, como também a função de designar notas. Esse fato não pode acontecer, pois como já vimos anteriormente, o discente surdo é membro da sala de aula como um todo, com direitos iguais nas atividades

curriculares, precisando somente de acessibilidade, em Libras, para a compreensão dos conteúdos. Na minha vivência como Tils, isso não ocorre, pois temos uma parceria de trabalho colaborativo. Nesse momento achamos pertinente trazer duas fotos representando o trabalho desenvolvido na I Mostra Cultural da escola com o tema Regiões do Brasil.

O planejamento dessa Mostra Cultural foi elaborado com zelo e cuidado por todos os professores, supervisora e coordenadora pedagógica pensando em promover a igualdade de oportunidade na participação do aluno J.G. O projeto foi organizado com a divisão das regiões, cada turma ficou responsável por uma região e a sala do 4º Ano ficou com a região Centro Oeste. Durante as aulas, a professora dividiu a turma, em grupos de três componentes, cada grupo ficou responsável por pesquisar sobre os Estados da respectiva região. Para o início da temática, a professora passou um vídeo com sinalização em Libras (foi planejado e escolhido por nós duas), onde tivemos a oportunidade de aprender os sinais da região Centro Oeste e seus Estados. Na sala de aula continuamos com a pesquisa, nos livros, revistas e confecção dos desenhos das bandeiras de cada Estado.

Figura 11 - Mostra Cultural



Fonte: Arquivo pessoal, 2022.

Durante os dias que sucederam a Mostra, pudemos realizar um trabalho em equipe valioso, professora, alunos ouvintes, discente e Tils educacional. A turma sempre demonstrando interesse em aprender os sinais das regiões e Estados, na verdade toda a escola

ficou bastante interessada. As salas foram sinalizadas identificando as respectivas regiões da cada turma, para a acessibilidade de J.G.

No dia da apresentação, alunos, pais, professores e toda comunidade escolar pôde visitar os estandes e, na ocasião, ver os alunos fazendo suas apresentações. J.G. estava muito empolgado com sua exposição, explicou com detalhes seu conhecimento sobre o assunto. Sua mãe veio assistir e demonstrou satisfação e alegria em ver seu filho, pela primeira vez, participar de uma Mostra Cultural sinalizando e se comunicando na sua língua, Libras.

A necessidade da conscientização, por parte do professor titular, do papel do Tils educacional tem como foco a participação social e linguística do aluno surdo, fazer a intermediação nas relações entre surdos, ouvintes e toda comunidade escolar, sendo necessário e importante, para o avanço do aluno surdo. Para isso ocorrer, segundo Lacerda (2009, p. 73) é preciso “[...] um relacionamento franco e aberto que possibilita as trocas de experiências e mudanças de práticas, entre professores e intérpretes, um ouvindo o outro numa relação de parceria.” Foi o que vimos acontecer na sala de aula de J.G., trabalho em parceria, cada um fazendo sua parte e ao mesmo tempo juntos.

Em face do exposto, a educação mostra-se em um contexto da diversidade, não permitindo um professor ausente e distante do processo e, sim, um educador atuante na mediação, viabilizando um espaço reflexivo, questionador, atuando como parceiro, debatendo e, quando não tem conhecimento da Libras, tirando dúvidas com o Tils, no uso de estratégias e abordagens, de modo a proporcionar igualdade de oportunidades para ao aluno surdo.

Na continuação da discussão, Silva (2005, p. 43) afirma que “[...] cabe ao professor uma ação política na dimensão de seu papel social, resgatando a intencionalidade de seu fazer pedagógico”. Isso posto, docentes, Tils educacional e pais de alunos surdos, necessitam estar sempre em alerta para dialogar sobre os métodos de ensino para as crianças surdas, ou melhor dizendo, promover uma ação coletiva desses sujeitos.

Na educação do aluno surdo, na relação do professor e do intérprete, é indispensável que ambos trabalhem juntos, pois, através de seu conhecimento sobre a Libras e a surdez, darão contribuições significativas, favorecendo o trabalho um do outro. Em relação a essa temática, Lacerda (2009, p. 53) explicita como é importante que o intérprete colabore discutindo as possibilidades “[...] de certos conteúdos serem abordados, considerando seus conhecimentos sobre a surdez/falta de audição, o modo de significar dos alunos surdos e, ao mesmo tempo, facilitando seu desempenho como intérprete, por conhecerr os argumentos antecipadamente”.

Nessa permuta, no ambiente bilíngue, o professor e intérprete passam a ajudar o aluno surdo a encontrar sua identidade surda, por intermédio das oportunidades de igualdade na sala de aula, uma vez que as atuações dos professores e intérpretes são definidas e delimitadas na educação dos surdos. Por esse motivo, a função do professor e do Tils educacional precisa estar clara e objetiva, nesse espaço educativo, como relata Quadros (2004, p. 60), “[...] o professor consulta o intérprete a respeito do desenvolvimento do aluno surdo, como sendo ele a pessoa mais indicada a dar um parecer a respeito”.

O professor regente não pode se ausentar no processo de aprendizagem do discente surdo e, tampouco, deixar ao encargo do intérprete a responsabilidade total pelo seu progresso educacional. De acordo com Lacerda (2009, p. 35) “[...] o próprio professor que delega ao intérprete a responsabilidade de assumir o ensino dos conteúdos desenvolvidos em aula, deixa evidente que a tarefa deste não é ocupar o lugar do professor”.

O trabalho do Tils, em sala de aula, abrange práticas diferenciadas do professor que tem a obrigação de ensinar, mesmo assim, seu trabalho vai além de fazer a tradução favorecendo a aprendizagem do aluno surdo. Evidentemente a função do Tils, em sala de aula, é intercalar, traduzir e interpretar. O aluno surdo com os professores ouvintes passam a ter um relacionamento mútuo, favorecendo a aquisição do conhecimento dos alunos, em geral, surdos e ouvintes, à proporção que “[...] se a eles fossem atribuídas as responsabilidades com o ensino, eles deveriam ser professores, além de serem intérpretes” (Quadros, 2004, p. 60).

Perante o exposto, entendemos que os alunos surdos expõem suas dúvidas ao intérprete, ou seja, o Tils esclarece durante as aulas, as dúvidas e colocações que deveriam ser dirigidas ao professor, com receio de não entender conteúdos importantes e perder informações. Um erro que os professores cometem é utilizar metodologias iguais, tanto para os alunos ouvintes, como para os alunos surdos. Isso acontece porque o docente compreende que com a presença do intérprete, em sala de aula, ele não precisará usar diferentes estratégias ao ministrar suas aulas.

Em seu pensamento, as aulas ocorrem como se todos os alunos fossem ouvintes e os conteúdos sendo repassados satisfatoriamente. Vemos a necessidade de diálogo e interação da parte do professor regente, em relação ao seu aluno surdo, já que existe uma linguagem constituída nessa relação com todos os envolvidos no contexto escolar, pois dessa forma só repassar conteúdos ao aluno surdo, não é o bastante, é preciso promover diálogo e, conseqüentemente, esse processo de interação/interlocução, passa a construir significados para ele e sua aprendizagem.

Nessa relação podem e devem haver mudanças no cotidiano escolar, sobretudo com a mudança de postura do professor e, desse jeito, não precisa pedir ao Tils para intervir dizendo como deve ser seu comportamento e, sim, juntos caminharem lado a lado, dando contribuições para o docente se sentir seguro ao dialogar com o som o aluno surdo. Esse trabalho em parceria, objetiva um ensino inclusivo e includente, para o aluno surdo. A vista disso, o professor deve se responsabilizar por várias temáticas pedagógicas, da sala de aula, cabendo a interpretação e tradução dos conteúdos ao intérprete possibilitando, dessa maneira, uma ligação com os alunos surdos, cooperando nas dificuldades que forem surgindo.

Sabe-se que existem muitos desafios no processo de inclusão de alunos surdos, para o profissional Tradutor/Intérprete de Libras, bem como para professor do ensino regular. Diante disso, o presente trabalho tem por objetivo identificar as estratégias utilizadas pelo professor e Tradutor/Intérprete de Libras no contexto educacional, como mediadores do conhecimento em sala de aula e suas possibilidades de trabalho em parceria.

Os alunos surdos incluídos nas salas de aula do ensino regular precisam que toda a escola respeite sua condição linguística, nesse caso a utilização da Língua de Sinais, assim como a presença do Tradutor/Intérprete de Libras, em sala de aula, mediando toda a comunicação existente nesse espaço. Isso é indispensável, pois será através desse profissional que ele (o aluno surdo) terá o acesso às informações e conteúdos ministrados para o aluno surdo.

É, portanto, indiscutível que, no espaço educacional, por várias vezes, o Tradutor/Intérprete de Libras, em sala de aula, precisa atuar como professor, manipulando sentidos, esclarecendo questões, pois se o mesmo realizar uma interpretação no exato sentido da palavra, o aluno surdo poderá não compreender o que se está sendo interpretado. Isto porque o espaço educacional tem especificidades que precisam ser consideradas.

3.3 O intérprete educacional de língua de sinais e o aluno surdo

Os intérpretes de Língua de Sinais surgiram, em alguns países, como nos Estados Unidos, no ano 1815, inicialmente, através de trabalhos religiosos, do reverendo Thomas Hopkins Gallaudet, sensibilizado com as crianças surdas que frequentavam a igreja e, na Suécia, no ano 1875, no final do século XIX. No Brasil, surgiram somente no final da década de 1980, os intérpretes passaram a existir, também, por meio de trabalhos religiosos, não sendo diferente da realidade dos outros países.

O motivo do surgimento dos intérpretes em eventos religiosos, foi porque os surdos, de modo geral, eram educados em escolas no estilo de internatos, também em asilos, mosteiros, além de escolas e igrejas. A função do Tils surgiu, também, por meio de laços parentais, convívio social com amigos e vizinhos. Assim sendo, Quadros (2004) explica que a dificuldade em encontrar registros históricos, se dá, em razão desses trabalhos terem sido informais e voluntários.

A trajetória desse profissional surgiu inicialmente de forma voluntária, mas, mesmo assim, com o tempo essa atividade foi valorizada, na proporção em que as pessoas surdas passaram a conquistar seus espaços na sociedade e cobrar o direito de exercer a cidadania. A profissionalização do Tils ganhou autenticidade pela maior participação de surdos nas discussões por direitos sociais para todos. Outro fator primordial para o reconhecimento dessa profissão foi a criação das leis, a favor desse trabalho, em cada país.

A Língua Brasileira de Sinais foi reconhecida, enquanto língua de direitos dos sujeitos surdos e, com isso, eles conseguiram garantir o acesso a ela, como língua materna. Em conformidade, veio a obrigatoriedade da garantia de acessibilidade, através do profissional intérprete de Libras, levando a todas as instituições a promoção desse direito.

A Libras, como se sabe, tornou-se reconhecida pela Lei nº 10.436/2002 - a Lei de Libras, trazendo consequências favoráveis para o reconhecimento do profissional intérprete de língua de sinais, no Brasil. Essa lei representa uma conquista inigualável, em todo o processo dos movimentos sociais surdos e repercute no favorecimento da legitimidade do Tils. Ademais, ressaltamos as outras leis importantes para a atuação do intérprete de Libras, como o Decreto nº 5.626/2005, que regulamenta a citada lei, mostrando outros aspectos, da prática e formação que esse profissional precisa ter, para atuar na educação de surdos.

As diversidades linguísticas e culturais que se apresentam, em um contexto bilíngue, principalmente no meio educacional, obriga o intérprete não somente realizar a tradução do conteúdo, mas a mediação da comunicação, o que envolve: a negociação das informações, dos conteúdos e algumas sugestões e adequações nas práticas pedagógicas, em sala de aula, pois sua função é mediar as relações em meio às diversidades linguísticas e culturais.

No estado do Rio Grande do Norte, algumas crianças surdas, principalmente do primeiro ao quinto anos, ingressam na escola sem o domínio da Libras, na maioria das vezes, a família é ouvinte e cria sua própria forma de comunicação gestual com a criança, até que ela atinja a idade escolar. Quando ocorre o fato da pessoa surda não ser usuária da Libras, o Tils

precisa ensinar Libras para o surdo, durante as aulas, ao invés de fazer a interpretação.

Segundo Lacerda (2000, p. 177),

O aluno surdo é usuário de uma língua que nenhum companheiro ou professor efetivamente conhece. Ele é um estrangeiro que tem acesso aos conhecimentos de um modo diverso dos demais e se mantém isolado do grupo (ainda que existam contatos e um relacionamento amigável). A questão da língua é fundamental, pois, sem ela, as relações mais aprofundadas são impossíveis, não se pode falar de sentimentos, de emoções, de dúvidas, de pontos de vista diversos.

Lacerda defende a inserção da criança surda em uma escola específica para surdos, pois, nesse ambiente, o seu desenvolvimento aconteceria com mais eficiência e pleno na sua língua materna (Libras). Em relação aos conhecimentos básicos, o apoio do intérprete em etapas mais avançadas do ensino facilitará sua escolarização, pelo fato da criança estar iniciando sua vida escolar e consolidando seu conhecimento em língua de sinais.

A presença do Tils educacional no contexto escolar, não é garantia de que todas as singularidades da surdez sejam contempladas e respeitadas nos trabalhos pedagógicos. A escola precisa utilizar uma metodologia e currículo acessíveis, independentemente da presença do intérprete e isso é fundamental para a inclusão e acessibilidade do aluno surdo.

Na instituição em que estamos vivenciando o trabalho do Tils, percebe-se uma relação de cumplicidade entre o discente surdo e o intérprete, pois antes de ser um profissional, existe a compreensão de que é preciso ter empatia pela causa da inclusão da pessoa surda. Nesse caso, não é considerado apenas um trabalho, mas uma missão, pois é esse profissional que promove acessibilidade de fato e de direito, na sala de aula. Um relacionamento baseado na reciprocidade verdadeira, baseado na confiança, é necessário, pois o Tils deve conquistar a confiança do educando surdo, para facilitar seu trabalho. Sendo assim, Quadros (2003, p. 62-63) explica:

A criança surda tende a estabelecer o vínculo com quem lhe dirige o olhar. No caso, o intérprete é aquele que estabelece essa relação. Além disso, o intérprete deve ter afinidade para trabalhar com crianças. Por outro lado, o adolescente e o adulto lidam melhor com a presença do intérprete. Nos níveis posteriores, o intérprete passa a necessitar de conhecimentos cada vez mais específicos e mais aprofundados para poder realizar a interpretação compatíveis com o grau de exigência dos níveis cada vez mais adiantados da escolarização.

O acesso à língua de sinais, pela criança surda, deve acontecer o mais cedo possível, como primeira língua (L1) e isso contribuirá no seu desenvolvimento linguístico, cognitivo, social e cultural, além de facilitar a aprendizagem de uma segunda língua (L2). Entendemos que a Libras é essencial para os surdos, na construção da sua identidade, como também na relação com seus iguais e no contexto em que estão inseridos. Seguindo esse pensamento, Quadros (2019, p. 28) Aponta que:

As relações cognitivas que são fundamentais para o desenvolvimento escolar estão diretamente relacionadas à capacidade da criança em organizar suas ideias e pensamentos, por meio de uma língua, na interação com os demais colegas e adultos. O processo de alfabetização vai sendo delineado com base neste processo de descoberta da própria língua e de relações expressadas por meio da língua.

A importância da Libras ser reconhecida e valorizada como a primeira língua (L1) dos alunos surdos e estar acessível às escolas do nosso país é importante e gratificante, pois, dessa forma, é garantia de promoção da acessibilidade linguística ao aluno surdo e também com a presença do Tils educacional, no ambiente escolar, sobretudo na sala de aula regular. As crianças surdas são prejudicadas se receberem, somente na língua dos ouvintes, as informações, ocasionando prejuízos na participação de várias atividades.

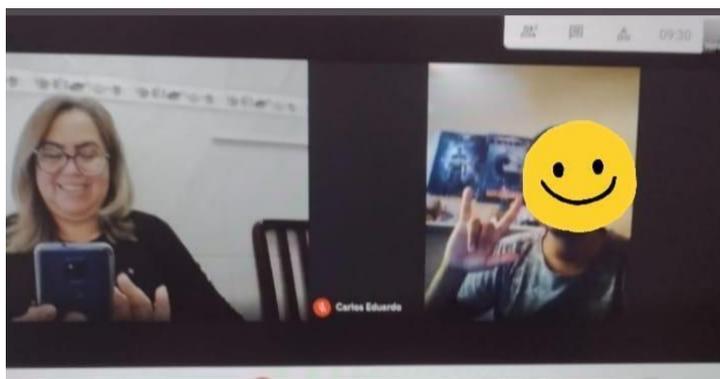
Esse fato tem, como consequência, a falta de estímulo no discente na realização das atividades, devido a falta de acesso ou a total ausência de informações. Na escola E.T.A.D. a professora regente, com o apoio do intérprete, acompanha, em frente ao educando surdo, durante as atividades, oportunizando momentos de conversas para quebrar as barreiras da comunicação. Mesmo com a presença do Tils, a professora regente comunicava-se por meio de gestos, que servia de auxílio, facilitando o entendimento do educando. Contribuindo com a temática, ressaltando a narrativa de A.M.O.N, citado anteriormente, explanando, de acordo com sua experiência, que na prática, esses sujeitos assumem a função pedagógica, o estudante surdo fica relegado a um canto e sob a responsabilidade do TILS, comprovando a existência de segregação, dentro do ambiente escolar. Falta ainda suporte e formação adequada, tanto para os professores regentes, quanto para os TILS, sobre como lecionar para os estudantes surdos.

Nesse relato, do Tils ligado ao trabalho da rede municipal de ensino, percebemos que os discentes surdos são excluídos, na sala de aula, isolados do restante da turma, tendo como ponto de apoio e acessibilidade somente o Tils. Vemos também, em sua fala, a ausência de capacitações de professores, para atuarem com o surdo no processo educativo inclusivo. Essa falta de informação e formação prejudica a aprendizagem dos estudantes, pois, uma vez preparados para a realidade dos educandos surdos, será criado um ambiente escolar comunicativo e participativo, sem impor ao surdo atribuições que não são suas, isto é, que não é de sua competência linguística (língua oral). Desse modo, exige-se do discente surdo, só o que faz parte do contexto da pessoa surda, o uso da Libras, como porta de entrada para a capacidade e instrução do conhecimento.

Nessa ocasião, trazemos a narrativa do aluno surdo C.E da Escola Estadual Lavoisier Maia que, nos anos de 2019 a 2021, foi acompanhado por mim, como intérprete de Libras,

nas turmas do, 7º, 8º, 9º ano, no turno matutino. Por meio de conversas informais, no WhatsApp, perguntei a ele sobre a importância do Tils educacional. Ele respondeu: “Sim, importante, preciso de intérprete para comunicar melhor com surdos! Para eles aprender, melhorar e crescer no futuro deles, se não tiver de interpretar eles podem ter dificuldade pela vida deles, não haver futuro melhor”. Em seguida, trazemos uma foto do trabalho realizado, em 2020, na E.E.L.M., nas aulas remotas pelo Google Meet.

Figura 12 - Aula remota pelo Google Meet



Fonte: Arquivo pessoal, 2020.

O relacionamento de C.E. com sua escola era baseado na segregação, os professores das disciplinas sempre se dirigiam a mim, ao invés de falar com ele, não demonstravam interesse em aprender Libras. Os alunos ouvintes também agiam da mesma forma e, o fato de ter um Tils na escola, era motivo suficiente para achar que ele estava incluído. Na sua fala, sobre o Til educacional, percebemos que ele valoriza o papel desse profissional, chegando a afirmar como é importante, uma vez que a sua presença traz acessibilidade, aprendizagem, crescimento, avanços e conquistas, em sua vida escolar.

A atitude de aprender a língua materna do surdo é de grande relevância para que o educando surdo se sinta acolhido, em sala de aula. Ressaltamos o papel da professora regente do E.T.A.D. que, mesmo sem conhecer bem a Libras, sempre contribuiu na comunicação junto com o profissional intérprete educacional, na sala de aula, pois a ela assumiu esse compromisso com ética e responsabilidade. Quando a pessoa surda não tem contato com sua língua materna, ocasiona atrasos na linguagem e na aquisição dos conteúdos, tendo em vista que os pais são ouvintes e não conhecem a língua.

Os pais, quando conscientizados das necessidades educacionais de seus filhos, buscam orientações na comunidade escolar, nas Direcs de seus municípios, que os encaminham para o

CAS Mossoró. O centro de atendimento educacional especializado, em educação de surdos, atua no contraturno escolar, com o profissional surdo e ouvintes capacitados nessa área, que ministram a Libras linguisticamente.

As famílias de alunos surdos estão buscando aprender Libras, tanto para facilitar a comunicação, como também para auxiliar na educação de seus filhos. A mãe do aluno surdo da instituição E.T.A.D, demonstrou interesse nessa nova língua, através de cursos presenciais, participando de reuniões com a professora regente e o Tils educacional, quando solicitada sua presença. Essa postura dos pais de alunos surdos, faz toda a diferença para a vida escolar dos seus filhos, atitudes que favorecem a inclusão, melhor desempenho acadêmico e valorização da sua identidade e cultura surda.

Há necessidade de cuidados ao realizar um trabalho inclusivo na escola, pois podem acontecer alguns deslizes como a padronização na aplicação dos conteúdos curriculares, prejudicando todo o processo. O melhor seria a propagação da Libras, reconhecida como língua natural e materna da cultura e identidade surda. Dessa forma, ocorrerá a minimização da exclusão com a mudança da realidade, transformando esse cenário de fracasso escolar ocorrido na vida dos alunos surdos.

A situação da inclusão dos alunos surdos, nas escolas, apresenta dificuldades, em todo o processo, mas vemos que há avanço, em virtude das leis que asseguram os direitos dos surdos, fazendo com que a instituição escolar procure adaptar-se a esse novo cenário onde se encontram esses sujeitos. Ao refletirmos sobre as ações aplicadas no contexto escolar, em meio às dificuldades nos caminhos da educação dos surdos, percebemos mudanças relevantes, nas iniciativas de uma transformação de perspectiva educacional incluyente e inclusiva, mas ainda há muito que avançar na inclusão esperada, de acordo com a legislação vigente.

3.4 Educação bilíngue: dos caminhos trilhados à realidade em sala de aula

A educação bilíngue para os surdos tem se destacado, nas últimas décadas, e vem provocando muitas discussões, promovendo debates que buscam uma definição na caracterização desse método de ensino no âmbito escolar. Às vezes, destaca-se a deficiência em si ou as peculiaridades desses sujeitos, com vista no direito a uma educação pautada no bilinguismo, partindo de práticas linguístico-discursivas, buscando a criação de um lugar de luta e resistência para a consolidação da cultura e identidade surda. Quadros (2006, p. 7) ressalta, “A educação constitui direito de todos os cidadãos brasileiros, surdos ou não, e cabe

aos sistemas de ensino viabilizar as condições de comunicação que garantam o acesso ao currículo e à informação”.

O bilinguismo é compreendido como a abordagem educacional que respeita a língua e a cultura dos sujeitos surdos e outras peculiaridades, conforme discutido no segundo capítulo. Em Quadros (1997, p. 27) entendemos que “O bilinguismo é uma proposta de ensino usada por escolas que se propõem a tornar acessível à criança duas línguas no contexto escolar”. O reconhecimento do bilinguismo para educar surdos, como também o reconhecimento da Libras como língua materna é fruto de muitas lutas, no decorrer de várias décadas.

A prática do bilinguismo resulta no uso da Libras e da língua oral, respectivamente, usadas pela comunidade surda e pela maioria ouvinte. O aluno surdo tem a obrigatoriedade de aprender a língua portuguesa, na modalidade escrita, ficando assim isento da oralização, a não ser em alguns casos que a família escolha, e isso influenciará a maneira que o papel de cada uma das línguas assumirá em sua vidas, qual será escolhida, ou se ambas, como sujeito de direito, pertencentes a grupos sociais oriundos de surdos e ouvintes.

Ao falarmos de educação bilíngue, é sempre necessário apresentar o Decreto nº 5.626/2005, destacando como a educação bilíngue deve ser desenvolvida e por quem, de preferência por intermédio de professores bilíngues, na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Isso, considerando o desenvolvimento e aprendizagem da Libras pelos alunos surdos, nos primeiros anos escolares, com a seguridade de um suporte educacional sólido.

Essa nova abordagem educacional, denominada bilinguismo, traz a acessibilidade para o docente surdo, o ensino das duas línguas: a Libras e o Português. Muitas instituições escolares acolheram essa proposta de ensino. Mas, mesmo assim, ainda vemos resistências na prática pedagógica, em quase todos os profissionais da área da educação, criando problemas nesse contexto bilíngue, tornando urgente as soluções para não retroceder a educação de surdos, que por muitos anos foi negada a esses indivíduos.

O surgimento do bilinguismo, no âmbito escolar da pessoa surda, está garantido pela Lei Federal no 10.436, de 24 de abril de 2002, embora tenha chegado nos anos 1980, instituiu-se em projeto com veracidade para o ensino de duas línguas: a língua de sinais e a língua portuguesa, na modalidade escrita, no caso do Brasil. O Decreto Federal no 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que regulamenta a citada Lei Federal, em seu capítulo VI, artigo 22 detalha a organização das instituições:

I – escolas e classes de educação bilíngue, abertas a alunos surdos e ouvintes, com professores bilíngues, na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental; I – escolas bilíngues ou escolas comuns da rede regular de ensino,

abertas a alunos surdos e ouvintes, para os anos finais, do Ensino Fundamental, Ensino Médio ou Educação Profissional, com docentes de diferentes áreas do conhecimento, cientes da singularidade linguística dos alunos surdos, bem como a presença de tradutores e intérpretes de Libras – Língua Portuguesa. (Brasil, 2005).

Na rede de ensino, do Estado do Rio Grande do Norte, não existem escolas bilíngues, apenas contamos com dois centros de atendimento ao surdo, o CAS Mossoró e o CAS Natal, as salas de recursos multifuncionais e os Tils educacionais. Trazemos novamente a contribuição de A.M.O.N. (2022) relata que na rede municipal não houveram avanços com relação a educação de surdos, a prova disso é que existem estudantes surdos que nunca tiveram a presença do TILS, em sala de aula, ficaram os 9 anos, na rede municipal, sendo atendidos uma vez por mês por um programa que só funciona em período de comemoração. Segundo ele, não há formação, nem concurso ou material de apoio da SME, enfim apenas dados maquiados, para dizer o que não existe. Em suas palavras, a realidade é que Mossoró vive a léguas de distância da efetivação do direito linguístico do surdo.

Existe uma diferença entre a educação de surdos, na rede de ensino estadual e rede municipal, uma vez que a SME fez concurso, no ano de 2013, para intérprete de Libras, sendo convocados apenas dois profissionais. Um novo concurso foi promessa de campanhas eleitorais, por vários anos e perdura até hoje. No momento, através de muitas reivindicações e lutas pela comunidade surda de Mossoró e região - ASMOR, foram contratados novos intérpretes.

Ocorreu, por vários anos, a negação do direito à acessibilidade nas escolas municipais, o projeto Libras escolas não dava conta da demanda, até porque seu objetivo não era interpretar as aulas em tempo real e, sim, ensinar Libras a cada quinze dias, com cronograma estipulado em escolas específicas. Na rede estadual, em 2010, teve início a inserção dos Tils educacionais nas escolas, através de contratos. No ano de 2015, a SEEC promoveu o concurso ofertando vagas para tradutor intérprete e professor de Libras.

Ainda na fala de AM.O.N., destacamos que, ao olharmos para a rede estadual, percebemos claramente que ela oferece formações na área de atuação, todos os estudantes surdos têm intérprete em sala, os gestores são orientados a viabilizarem projetos e ações que visem a inclusão, os estudantes surdos, na rede estadual, são protagonistas, participam de congressos, de feiras de ciências, recebem premiações. Para ele, o CAS é um forte fator na melhoria educacional do estudante surdo da rede estadual. Hoje a SEEC/DIREC estudam a questão da implementação do bilinguismo na rede, motivando os estudantes e professores a aprenderem Libras.

Segue abaixo uma foto mostrando o momento da entrevista com A.M.O.N. no Centro Estadual de Capacitação de Educadores e Atendimento ao Surdo - CAS Mossoró.

Figura 13 - Entrevista com Artur Maciel Oliveira Neto



Fonte: Arquivo pessoal 2022

A educação de surdos, no Estado do RN, tem avançado nas últimas décadas, os profissionais que fazem parte desse grupo diferenciado realizam seus trabalhos com responsabilidade, compromisso, ética e muito engajamento. Não é fácil iniciar uma nova jornada, em meio a tanto estranhamento, sendo preciso muita atitude e coragem para enfrentar novos desafios. Temos orgulho de fazer parte dessa história na educação de surdos do Estado do Rio Grande do Norte.

A educação bilíngue, no contexto escolar, para ser efetivada precisa eliminar as políticas monolíngues, pois a existência, o respeito e a valorização das duas línguas do nosso país e, o reconhecimento legal, serão o bastante para garantia da convivência entre as comunidades de surdos e ouvintes. Encontramos diferentes definições sobre o que vem a ser um surdo bilíngue, como um sujeito que utiliza e renova diferentes linguagens simbólicas, com signos diferentes, visando a representações de conceitos.

O respeito e autonomia da Libras estão relacionados, atualmente, com as políticas públicas da educação de surdos e seu reconhecimento, gerando conflitos e inquietações, pois o plano educacional precisa ser recriado e reorganizado visando a valorização dos aspectos psicológicos, linguísticos e sociais do aluno surdo. Dessa maneira, os direitos do sujeito surdo ficam estabelecidos, a partir de suas vivências e experiências, sendo retratadas na Libras, sua língua materna.

A oferta de ensino com perspectivas de aprendizagem da Libras como primeira língua e a Língua Portuguesa na modalidade escrita, beneficia a inclusão e o desenvolvimento, possibilitando aos sujeitos envolvidos, contribuir como cidadãos pertencentes à mesma sociedade, com igualdade de oportunidades e direitos preservados. Quadros, (2008, p. 46) ressalta que:

Uma proposta educacional bilíngue e bicultural para surdos caracteriza-se pela utilização de uma língua oral usada na comunidade ouvinte e uma língua de sinais própria da comunidade surda. No caso do Brasil, tem-se a Libras - Língua Brasileira de Sinais. A LIBRAS é a língua brasileira de sinais usada pelas comunidades surdas dos centros urbanos brasileiros.

Historicamente, a educação de surdos surgiu no contexto da educação especial, sempre separada da educação geral e das discussões promovidas sobre esse tema, no decorrer dos últimos três séculos. Por muitos anos, as pessoas surdas, assim como pessoas com outras deficiências, foram esquecidas e excluídas das instituições escolares do ensino regular e, muitas vezes, não tinham acesso à educação.

A visão da surdez como doença que durou por muitos anos, definiram áreas e conceitos nas relações com as pessoas com deficiência. No ponto de vista clínico, a surdez precisava ser solucionada, buscando, através do uso de aparelhos auditivos, terapias com fonoaudiólogos. Assim, geralmente, pode-se dizer que a educação de surdos vivenciou três propostas educacionais diferentes, no Brasil.

A abordagem “oralista” concentrava-se na estimulação do idioma oral; em seguida veio a abordagem “comunicação total”, com a proposta de utilizar diferentes métodos de ensino, entre eles, libras, oralismo, alfabeto manual; o “bilinguismo”, veio logo depois, preconizando a importância da educação bilíngue para surdos, valorizando a Libras como primeira língua e a Língua Portuguesa como segunda. Sobre o oralismo, Quadros, (2008, p. 22) conclui o seguinte: “Tomando como base o ensino desenvolvido em muitas cidades brasileiras, o oralismo sempre foi e continua sendo uma experiência que apresenta resultados nada atraentes para o desenvolvimento da linguagem e da comunidade de surdos”.

A supracitada autora comenta, em suas discussões, sobre uma pesquisa realizada nos Estados Unidos com uma criança surda. Conforme a autora, apesar do investimento de anos de vida praticando a leitura labial, a criança norte americana só foi capaz de captar, através da leitura labial, cerca de 20% da mensagem e, além disso, sua produção oral, não é compreendida por pessoas que não fazem parte de sua convivência.

Assim como nos Estados Unidos, no Brasil, muitos surdos passaram pela experiência oralista. Como resultado, alguns surdos utilizavam e, ainda utilizam a leitura labial como forma de comunicação. Diante da insatisfação do método oralista, surge, então, uma nova perspectiva, que permitia o uso da língua de sinais. Porém, nesse contexto, a Libras era usada a fim de propiciar o ensino da língua oral.

Os profissionais da educação passaram a aplicar os sinais na estrutura da Língua Portuguesa. Segundo Quadros (2008, p. 28), “Percebe-se que, até esse momento, a Libras era

usada de forma artificial, ou seja, os sinais não eram organizados dentro da estrutura linguística da língua de sinais e sim da Língua Portuguesa”. Esse período ficou marcado pelo uso do português sinalizado e pela ideia de que essa alternativa era a melhor para a aprendizagem do surdo.

Nas últimas décadas percebe-se que houve um avanço na luta pelos direitos humanos, com a consolidação das políticas de inclusão, com o reconhecimento do direito de todos à educação, das pessoas com necessidades especiais estarem inseridas em escolas regulares, como participantes e aprendentes, com acessibilidade e estratégias pedagógicas criadas e desenvolvidas para o atender as necessidades educacionais de cada estudante.

A educação de surdos visa o crescimento das propostas de educação bilíngue na modalidade Libras/Língua Portuguesa. Entretanto, mesmo com os avanços no reconhecimento dos direitos dos surdos, no nosso país, a realidade da educação bilíngue para surdos, nas escolas brasileiras, demonstra ainda confusões e incompreensões, tanto na teoria como na prática.

Vemos que é fundamental o uso da Libras e do Português escrito para tornar o surdo, uma pessoa bilíngue e, atualmente, vemos que nas escolas é algo difícil de ser plenamente alcançado. Pesquisas sobre o bilinguismo mostram que essa prática não envolve só a questão de analisar as idades de acesso às duas línguas Libras e Língua Portuguesa, envolve também o relacionamento entre elas, como também as singularidades dos perfis bilíngues que estão envolvidos e como desenvolvem-se.

O bilinguismo submete-se a várias condições linguísticas, cognitivas, sociopolíticas e interacionais e, por esse motivo, é necessário analisá-lo, fazendo a relação entre o modelo padrão e a temática da proposta educacional. Enfatizamos a preocupação dessa proposta em zelar pelas especificidades dos alunos, suas características singulares e as suas chances de percorrer diferentes direções, para aprendizagem presente em todos os trabalhos da instituição escolar. Portanto, promovendo acessibilidade, permitindo a descoberta de suas identidades e com a garantia e o direito de exercer a cidadania.

O objetivo ideal seria que todos os surdos se tornassem bilíngues, na medida que também todas as escolas respeitassem sua identidade e cultura e o contexto em que estão inseridos. Levando em consideração esse detalhe, Quadros (2008, p. 29), ressalta:

As realidades psicossocial, cultural e linguística devem ser consideradas pelos profissionais que se propõem ao bilinguismo. A escola (professores, administradores, funcionários) deve estar preparada para adequar-se à realidade assumida e apresentar coerência diante do aluno e da sua família.

Na instituição E.T.A.D., sentimos e presenciamos, em toda a equipe escolar, sensibilidade e acolhimento com atitudes positivas e muita responsabilidade ao receber um aluno surdo, solicitando ao profissional TIL educacional, para promoção de acessibilidade dos conteúdos. Dessa forma, a escola respeita e insere em sua prática a concepção de bilinguismo, levando em consideração a Libras como primeira língua, possibilitando o avanço do desenvolvimento linguístico e educacional do aluno surdo.

Na educação bilíngue, percebe-se a relevância do respeito à Libras como primeira língua. Muitos estudos e pesquisas relatam histórias de alunos que aprenderam com muita facilidade a segunda língua, partindo da aquisição da primeira, como destaca Quadros (2008, p. 30):

Quanto às formas de bilinguismo existentes, em termos de educação de surdos, pode-se citar duas básicas: uma delas envolve o ensino da segunda língua quase de forma concomitante à aquisição da primeira língua e a outra caracteriza-se pelo ensino da segunda língua somente após a aquisição da primeira língua.

A proposta de uma educação bilíngue para surdos, sucedeu concepções ou filosofias educacionais que feriam a integridade e o ‘ser’ surdo; foram elas o oralismo, a comunicação total e o português sinalizado. Essas propostas não tiveram êxito, sofreram muitas críticas, nas suas metodologias de ensino, mostrando-se inapropriadas e que não atendiam às necessidades educacionais do aluno surdo, enquadrando-o no meio social dominante de ouvintes.

Os debates sobre o bilinguismo necessitam de pesquisas e posturas com colocações produtivas, gerando indagações necessárias a novas reflexões, visando despertar no profissional da educação um ensino direcionado ao contexto educacional dos alunos surdos. A inclusão desses sujeitos para ser efetivada, pressupõe uma escola que adote a postura adequada, com metodologias voltadas para criar caminhos favoráveis e embasados na filosofia bilíngue.

MINHA BAGAGEM REMETE AOS MEUS SONHOS

O tempo passa e com ele
Caminhamos todos juntos
Sem parar
Nossos passos pelo chão
Vão ficar.

Marcas do que se foi
Sonhos que vamos ter
Como todo dia nasce
Novo em cada amanhecer.

Os Incríveis

Caminhos percorridos, emoções coloridas, desejos realizados, vivências eternizadas e a certeza de ter vivido intensamente cada momento da minha vida com pessoas e lugares que tive a oportunidade de conhecer, conviver e amar. A cada troca, a cada diálogo, muitas são as aprendizagens que carrego em minhas bagagens, as quais contribuíram para conhecer a trajetória de minha vida pessoal e profissional e as significações construídas sobre mim mesma, retratando uma descrição de momentos significativos da vida, assim como minhas relações pessoais, acadêmicas e profissionais.

Esta dissertação abordou a temática “**Saberes e práticas do tradutor intérprete de libras: ladrilhar caminhos por uma educação básica inclusiva**”, onde iniciamos com uma discussão sobre quem é o profissional intérprete, de suas atribuições em sala de aula e, assim, buscando compreender que o intérprete educacional é o profissional que faz a interpretação entre as duas línguas, mas que suas habilidades vão além da interpretação, pois ele deve saber fazer a mediação e contextualização do conhecimento, para que o aluno surdo venha a ter condição de acesso ao saber.

Muitas vezes, como evidenciado em nosso trabalho por um dos intérpretes, o sujeito surdo chega à escola sem ter muito conhecimento em Libras, pelo fato de ser filho de pais ouvintes e a escola não desenvolve nenhuma ação para minimizar esse desconhecimento dos pais, gerando para o intérprete um trabalho a mais, pois, além de fazer a interpretação, também tem que contextualizar. Este estudo abordou a história de vida de uma tradutora intérprete de Libras e sua busca pela atuação que leve a uma educação inclusiva. Através de narrativas autobiográficas teve como objetivo compreender os saberes e práticas, no ladrilhar caminhos, na arte e saber que tradutores intérpretes de libras deste estudo realizam.

A escrita de autobiografia pôde ser vista como uma possibilidade de conhecimento sobre si mesma permitindo ter uma visão consciente dos processos formativos e das

transformações ocorridas no decorrer da vida, que se contemporiza no sujeito que reflete sobre si. Escrever sobre mim, foi um desafio, uma vez que envolveu emoções e o reviver sentimentos e memórias que haviam ficado armazenadas na subjetividade, durante o processo de edificação da minha história de vida. A partir desse momento, iniciou uma narrativa a qual foi tão desejada.

A escrita do trabalho buscou repensar a própria história de vida e formação. As discussões, as reflexões, as inquietações, as trocas com colegas e professores surdos e ouvintes, bem como as demais experiências vividas nos espaços de atuação, a partir dos quais, ampliam-se as possibilidades profissionais que continuam em formação. Nas oportunidades de ler, conhecer, investigar e de estabelecer trocas com pares linguísticos, surdos e ouvintes, saberes foram construídos e parcerias firmadas sob a compreensão de que ainda existe muito a se explorar.

Comprendemos que esse estudo foi pertinente, colhendo informações acerca da importância do intérprete de Libras, em contato com o aluno surdo dentro da escola, permitindo o acesso à língua de sinais, cultura e identidade surda, na aquisição e ampliação de conhecimentos. Este estudo valorizou as identidades, a língua, a história, a arte, a cultura surda na visão socioantropológica e do seu reconhecimento político e social.

O tema proposto é relevante para a academia, visto que há grande necessidade de mais discussões sobre a atuação do tradutor intérprete de Libras, no meio escolar, ambiente onde sua presença vem sendo cada vez mais requisitada e, possibilitando que ainda mais pessoas tenham acesso a essas discussões. Assim, leituras e interpretações do mundo se ampliam e o olhar sobre a profissão do Tradutor Intérprete de Libras ganha espaço e valor.

Diante desta reflexão, entendemos que este estudo é mais uma contribuição, somada aos demais trabalhos sobre a temática, pois ainda são poucas as pesquisas voltadas para as narrativas de Tils, na interação em sala de aula, no Ensino Fundamental. Neste percurso, as narrativas foram o foco e uma forma de possibilitar aos protagonistas o seu livre falar, permitindo expressar-se com naturalidade. Foi uma reflexão que me possibilitou repensar a temática da memória. Esse exercício de reencontrar-me favoreceu a aceitação da identidade que trago, ao longo de toda vida, no entanto, com mais discernimento e compreensão.

Nessa perspectiva, foi possível explicar os fatos e emaranhá-los, a partir de períodos diferentes, ordenando ideias que amparam as escritas, as posições e relações interligadas entre as práticas e as vivências diárias. Essas experiências geraram dados na compreensão da história de vida. Entendi como ocorreu a minha vida até aqui, permitindo-me a releitura, de cada uma dessas recordações que ficaram na memória e tiveram significado na minha

formação. Trouxemos as memórias da infância, encontros e desencontros, fazeres educativos, aprendizagens que carrego em minhas bagagens, o repensar a minha própria história de vida no encontro com a autobiografia. A parte mais objetiva narrou as experiências de vida, saberes e memórias de uma tradutora intérprete de Libras/Português através da metodologia (Auto) Biografia.

Este capítulo nos lembrou a música de Almir Sater que diz: “Cada um de nós compõe a sua história [...]”. E, assim, seguimos compondo e contrapondo as nossas memórias, que ora nos fazem sorrir, ora chorar e, em cada experiência, uma oportunidade para lapidar o Ser, o Eu, o Humano, nossa essência, na busca racional ou na fuga, por vezes, irracional.

Trabalhamos as narrativas e reflexões sobre a carreira em formação, no processo educacional do surdo, a interpretação na sala de aula: estratégias e recursos possíveis e desafios presentes no saber e fazer, refletindo a atuação sobre suas próprias ações. Esse item teve como finalidade especificar os desafios presentes no saber e fazer do intérprete de libras.

Exploramos as atribuições no processo de formação do profissional Tils, onde foram abordados assuntos como definição, legislação, formação e atuação técnica, suas especificidades no âmbito educacional, elencando as especificidades relacionadas ao intérprete educacional de Libras e, neste, a formação do Tils e funções.

Abordamos a escola e o aluno surdo, relação do professor ouvinte e o aluno surdo: o papel do intérprete, o papel que o intérprete educacional realiza na educação bilíngue do aluno surdo, dos caminhos trilhados à realidade em sala de aula. Evidenciamos os personagens envolvidos neste processo: o professor regente, o intérprete educacional de Libras, o aluno surdo, a família e o coletivo escolar. Esse tema propõe identificar os fazeres e práticas do tradutor-intérprete de Libras, através das narrativas orais.

A atuação do Tils como agente pedagógico, no processo educacional do sujeito surdo, foi destacada e vimos a sua funcionalidade de ser o canal comunicativo, entre o aluno surdo e toda a comunidade escolar, auxiliando o aluno surdo na comunicação com o professor e os colegas. Elencamos as competências e responsabilidades, refletimos também sobre neutralidade e imparcialidade na interpretação.

As discussões das narrativas foram contextualizadas apresentando aspectos que foram determinados pelo processo formativo e que também determinaram tal processo, através das reflexões, argumentos, cogitando sobre a formação desse profissional. Vimos que o tradutor e intérprete de Libras/Português passou por experiências formativas que o constituíram e que mereceram ser investigadas, valorizadas e sistematizadas, o que se buscou fazer, a partir dessa pesquisa, que não encerrou a necessidade de aprofundamento acerca de tema tão relevante.

É imprescindível que pesquisadores, educadores e Tils concentrem esforços para refletir, discutir e pesquisar essa temática. O processo de construção desta pesquisa dissertativa foi repleta de descobertas, quanto ao nosso objetivo, que é compreender os fazeres e práticas do tradutor-intérprete de Libras/Português, no ladrilhar caminhos na arte de saber e fazer por uma educação inclusiva, sinalizando que esta pesquisa não apresentou conclusões finais/definitivas, mas fez o convite para outras/novas reflexões, no sentido da continuidade das discussões.

A pesquisa discorreu sobre **os saberes e práticas do tradutor intérprete de Libras: ladrilhar caminhos por uma educação básica inclusiva**, teve como objetivo compreender os fazeres e práticas do Tradutor -Intérprete de Libras no ladrilhar caminhos na arte de saber e fazer por uma educação inclusiva com foco nas metodologias que envolveram memórias e narrativas autobiográficas.

Considerando que este estudo concentrou-se em minhas narrativas e de outros personagens envolvidos neste estudo, fez-se necessária, a exposição das narrativas da minha trajetória de vida e formação, tendo em vista a contextualização das imbricações existentes, entre as “aprendizagens experienciais”, adquiridas ao longo da minha existência, com a investigação inscrita na minha vida profissional docente. Ressalta-se, nessa narrativa, minha experiência como gestora do CAS, Mossoró e tradutora intérprete de Libras/Português na educação básica da Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Norte.

O relato das experiências de vida e formação foram fundamentais para que essa pesquisa tivesse coerência, proporcionou o fazer/pensar, o problematizar e o questionar dos acontecimentos que permeiam a escrita, durante a construção deste trabalho. Em vista disso, esta dissertação, que partiu da autobiografia, para a reflexão sobre do trabalho do Til educacional, buscou abordar também, alguns conceitos para a realização desse estudo, encontradas na relação das narrativas autobiográficas articuladas no tempo e nas memórias.

Refletir sobre o papel do Til educacional revelou importantes questionamentos acerca de sua prática pedagógica. Trouxemos, na construção deste trabalho, reflexões sobre algumas temáticas que nos inquietam e que foram explanadas, não com a finalidade de trazer respostas prontas, mas de expandir os temas abordados, contribuindo para a formação e atuação do tradutor intérprete de Libras, como também provocar novos olhares sobre esse profissional.

Nesta pesquisa, trouxemos o conceito de autobiografia utilizado no sentido de formação experiencial, destacando-se a importância da narrativa neste percurso, pois ela permitiu a manifestação da singularidade e percepção do caráter processual da formação e da vida, relacionando espaços, tempos e as diferentes dimensões dos sujeitos, em busca de uma

sabedoria de vida. Provocamos, nos sujeitos envolvidos na pesquisa, através da escrita narrativa, uma tomada de consciência que emergiu do conhecimento de si e das dimensões intuitivas, pessoais, sociais e políticas impostas pelo mergulho interior, remetendo a constantes desafios, em relação às suas experiências e às posições tomadas.

A viagem de volta à vida passada, facilitou a compreensão da caminhada, foi uma reflexão que me permitiu reelaborar sobre a memória. A memória ajudou a entender o processo de formação, de construção de saberes, de atuação individual e coletiva dos personagens envolvidos, tradutores intérpretes de Libras e o aluno surdo.

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. Mas a memória coletiva não é somente uma conquista é também um instrumento e um objeto de poder. O conceito de formação, saberes e práticas do profissional tradutor intérprete educacional de Libras, aqui mostrado em meio aos aspectos pedagógicos, constitui um cenário importante para a compreensão da constituição deste profissional na escola.

Destaca, por exemplo, que, muitas vezes, o papel do intérprete acaba sendo confundido com o do professor: os alunos dirigem as dúvidas ao intérprete e o mesmo acontece com o professor, que acaba delegando essa função ao intérprete. Foi pertinente ao discutimos as especificidades na atuação do Tils educacional, seu papel no processo educacional do surdo, a interpretação na sala de aula, estratégias e recursos possíveis, desafios presentes no saber e fazer, refletindo sua atuação sobre suas próprias ações. Outros teóricos ajudaram no embasamento do estudo, em relação aos saberes e a formação do profissional da educação.

A pertinência das narrativas autobiográficas e as histórias de vida foram utilizadas para o repensar da minha formação tornou-se, dessa forma, um importante recurso nos processos de aprendizagem e de formação. Salientamos que a temática abordada possibilitou leituras e interpretações que ampliaram o olhar sobre o “ser” tradutor intérprete de Libras e como sua trajetória pessoal e profissional estão inter-relacionadas.

Este trabalho teve como base o método autobiográfico, com foco em narrativas, onde a história de vida envolve dimensões e competências diferentes e mutáveis, de acordo com o contexto em que foi desenvolvida e, além da atuação, houve toda a história de formação pessoal e profissional, considerando a inseparabilidade entre o âmbito pessoal e profissional. Foi descrito o período da história de minha vida e formação bem como outras narrativas (entrevistas) dos atores envolvidos.

Ao considerarmos essas características das narrativas, também consideramos o ato de narrar as próprias memórias, em uma entrevista/narrativa a experiência pessoal e particular do entrevistado foi fascinante, por se tratar da construção da identidade individual, única. Ainda sobre o momento da entrevista ressaltamos, que a troca de experiências e confidências entre entrevistador e entrevistado estabeleceram uma relação de cumplicidade, respeito e parceria. Foi na entrevista que conseguimos obter mais ou menos informações, dependente das relações construídas, nessa etapa da pesquisa. Os aspectos metodológicos da pesquisa buscaram evidenciar as narrativas autobiográficas e as histórias de vida, usadas para que os profissionais tradutores intérpretes de Libras repensem seu fazer pedagógico. Isso, tornou-se um importante recurso nos processos de aprendizagem e de formação.

No que tange a vida do surdo, houve, sem dúvida, uma cumplicidade e intimidade de conhecer um ao outro, formando essa relação de confiança entre o intérprete\ aluno surdo. Cada pessoa conhece as especificidades da sua língua materna, sua significação, através da aquisição natural, pela realidade vivenciada, em distintos ambientes universais ou pelo conhecimento formal, no relacionamento com essa língua.

A dinâmica da entrevista foi, de forma prática, informal e flexível, de maneira que favoreceu a percepção da subjetividade do participante. Nas narrativas, percebemos que ainda falta o planejamento conjunto entre o professor regente e o Tils que atua em sua turma, bem como o acesso prévio aos conteúdos apresentados. Na linguagem dos intérpretes, notamos a existência de um posicionamento político, pois, em seus discursos, em muitos momentos, demonstram que os Tils procuram uma identidade própria, ainda em construção, que define de fato e direito seu papel e função a desempenhar na instituição escolar.

Diante da repercussão da política inclusiva na educação de surdos, tornou-se realidade o ensino desses alunos nas escolas regulares, enfatizando a responsabilidade da atuação dos Tils. Entendemos ser relevante perceber, compreender e refletir sobre as formas de relações que se estabelecem no ambiente escolar inclusivo, com a presença de surdos e de Tils. Consideramos que, tanto a abordagem teórico-metodológica, quanto as narrativas que foram apresentadas, interpretadas e discutidas na pesquisa contribuem para novos estudos que tenham como foco os saberes e práticas do tradutor intérprete de Libras/Português. Os questionamentos realizados neste estudo servem para nortear a criação de metodologias e estratégias pedagógicas na atuação do Til educacional, na educação inclusiva do aluno surdo, pois, apesar das conquistas e dos avanços do intérprete em sala de aula, ainda se encontram muitos desafios para esse profissional. Dessa forma, vemos a necessidade de fortalecer

reflexões e discussões sobre a atuação do Tils, enquanto profissional, como também a necessidade de criação de políticas públicas voltadas à educação de surdos.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar:** textos em história oral / Verena Alberti. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BOGDAN, Roberto C. BIKLEN, Sari Knopp. **A investigação qualitativa em educação.** Porto/Portugal: Porto Editora, 1994.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, Publicação: **Diário Oficial da União** - Seção 1 - 23/12/2005, Página 28 (Publicação Original).

BRASIL Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, Publicação: **Diário Oficial da União** - Seção 1 - 25/4/2002, Página 23 (Publicação Original).

BRASIL. Lei Nº. 13.146. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Publicado no **Diário Oficial da União** em 07 de julho de 2015. Brasil.

BRASIL, Lei Nº 12.319, Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS de 1º de setembro de 2010”. Brasília 2010 **Diário Oficial da União** - Seção 1 - 2/9/2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 57. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva.** Tradução Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação.** São Paulo: Cortez, 2004.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiência de vida e formação.** 2 ed. rev. e amp. Natal, RN: EDUFRRN, São Paulo: Paulus, 2010.

LARROSA BONDÍA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** 2002

MANTOAN, Maria Teresa Égler; SANTOS, Maria Terezinha Teixeira dos. **Atendimento educacional especializado:** políticas públicas e gestão nos municípios. São Paulo: Moderna, 2010.

NÓVOA, Antônio. (org.). **Os professores e sua formação.** Lisboa: Publicações, Dom Quixote, 1992.

QUADROS, Ronice M. **O tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa.** Programa nacional de apoio à educação de surdos. Brasília: 2004.

RIOS, Terezinha Azerêdo. **Compreender e ensinar:** por uma docência da melhor qualidade. 4ª Edição. São Paulo: Cortez, 2003.

SOARES, Naiara Greice. **Intérprete educacional de LIBRAS**: Afirmações e conflitos da profissão. 146 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação. Erechim, 2018.

TARDIF. M. **Saberes docentes e formação profissional**. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.